

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO, LINGUAGEM E ARTE
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AUDIOVISUAIS – OLHO

OS LUGARES EM “LUGAR NENHUM NA ÁFRICA”

Dissertação de Mestrado

Paulo Henrique B. Andrade
Orientador: Prof. Dr. Wenceslao M. de
Oliveira Jr.

Campinas
2010

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

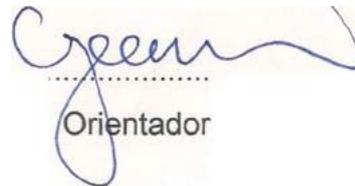
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**OS LUGARES EM "LUGAR NENHUM NA
ÁFRICA"**

Autor: Paulo Henrique Barbosa de Andrade
Orientador: Wenceslao Machado de Oliveira
Junior/

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por PAULO HENRIQUE BARBOSA DE ANDRADE e aprovada pela Comissão Julgadora.

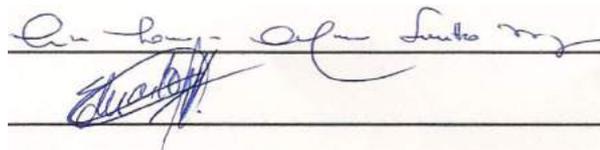
Data: 26/10/2010



.....
Orientador

Assinatura:.....

COMISSÃO
JULGADORA:



Ano 2010

© by Paulo Henrique Barbosa de Andrade, 2010.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Andrade, Paulo Henrique Barbosa de

AN24L Os lugares em "Lugar nenhum na África" / Paulo Henrique Barbosa de Andrade. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Wencesláo Machado de Oliveira Júnior.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Lugares. 2. Migração. 3. Experiência. 4. Trajetória de vida. 5. Identidade

Oliveira Júnior, Wencesláo Machado de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-349/BFE

Título em inglês: The places "Nowhere in Africa"

Keywords: Places; Migration; Experiencia; Route; Identity

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Wencesláo Machado de Oliveira Júnior (Orientador)

Profª. Drª. Ana Lúcia de Almeida Soutto Mayor

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior

Data da defesa: 26/10/2010

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : phenriqueandrade@uol.com.br

Ao meu pai Francisco Valadares de Andrade (*in memoriam*), à minha mãe Nali
Barbosa de Andrade e minhas irmãs Ana Cristina, Cristiane e Luciane.

Resumo

Os Lugares são construídos partir das trajetórias humanas e não humanas que se relacionam. As pessoas se modificam e modificam os lugares através das suas experiências constantemente. A geografia e o Cinema contribuem para aumentar a possibilidade de compreensão sobre os lugares.

Abstract

The places are constructed from human and nonhuman trajectories that are related. People change and modify the places through their experiences constantly. Geography and Film add to the possibility of understanding about the places.

AGRADECIMENTOS

Ao Wenceslao Machado, Professor, Orientador e Amigo. Competência e paciência ilimitadas.

Aos Professores Águeda Bittencourt e Eduardo Marandola pelas valiosas contribuições.

A Ana Lúcia Souto Mayor por aceitar em participar da banca.

Ao Glauco de Carvalho Moreira, pelo apoio nos momentos mais difíceis na elaboração deste projeto.

A Regina Petrus e Vânia Morgado, Amigas de vida e geografias.

Ao Augusto César Pinheiro da Silva, Amigo de vida e geografias.

Aos queridos Jorge Correa e Vânia Acioly

Aos Amigos do grupo de Orientação: Henrique, Pablo e Ana Maria.

Ao Marloes Magalhães, grande amigo e “agência de incentivo ao mestrando”.

“Fui educado pela imaginação”
Fernando Pessoa

| ÍNDICE | PÁGINA |
|---------------------------------------|---------------|
| INTRODUÇÃO | 01 |
| ALEMANHA E ÁFRICA COMO LUGARES | 09 |
| PERCURSO DE REGINA E OWUOR | 19 |
| PERCURSO DE JETTEL E OWUOR | 59 |
| PERCURSO DE WALTER E OWUOR | 127 |
| PERCURSO DE OWUOR | 189 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 225 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 231 |

INTRODUÇÃO

Durante a nossa vida, vamos escutando, falando palavras e mais palavras que vão dando sentido à nossa existência. Algumas palavras entram quase em desuso à medida que o tempo vai desenhando os seus movimentos em linha reta, em espiral, não importa. As modernizações sociais, culturais, políticas determinam o surgimento de novas palavras, algumas são ressignificadas. As palavras precisam nos auxiliar na compreensão do mundo. Neste entendimento do mundo, as palavras produzem ou são produzidas a partir de imagens. Estas imagens surgem no cotidiano a partir do olhar para a paisagem mais imediata que existe no espaço vivido, nascida das relações familiares, da rua, da escola e de outros grupos sociais. Outras imagens são produzidas por fotografias, pela televisão, cinema. Todas elas nos auxiliam para criar idéias sobre lugares, sobre pessoas.

Depois dos trinta anos, a minha trajetória de vida passou a ter uma importância muito grande. Comecei buscar certas explicações para minha existência e percebi que precisava voltar ao passado para compreender esta trajetória. As palavras trajetória, percurso, deslocamento, migração voltaram com uma força e um outro sentido e se entrecruzaram com novas palavras como pertencimento, identidade, multiculturalismo.

Eu nasci no município do Rio de Janeiro, filho de um casal interétnico migrante. Meu pai era branco, baiano, filho de fazendeiro. Minha mãe é negra, capixaba, filha de camponês.

Meu olhar sobre o mundo passou a ser mediado por essas velhas e novas palavras e pela minha origem. Em 2003, assisti ao filme “Lugar Nenhum Na África”; não havia um compromisso acadêmico, mas a sinopse divulgada pelos jornais me mobilizava.

Uma história de amor dividida entre dois continentes baseia-se na autobiografia de Stephanie Zweig para retratar a fuga de uma família alemã de judeus para uma fazenda no Quênia, no início da II Guerra Mundial. O chefe da família é o advogado Walter Redlich (Merab Ninidze), que tem que se resignar com o trabalho braçal do campo, sua esposa Jettel (Juliane Köhler) recusa a se adaptar à vida longe do

conforto e civilização, e a pequena Regina (Karoline Eckertz), filha de 5 anos que abraça o novo lar imediatamente, aprendendo a nova língua, costumes e encontrando no cozinheiro da fazenda, Owuor (Sidede Onyulo), um querido amigo. À medida em que o nazismo avança em seu país natal e a volta parece impossível, o relacionamento do trio torna-se cada vez mais difícil e eles têm que descobrir como se encaixar à realidade do novo lar e achar o caminho de volta um para o outro.

O filme parecia apresentar uma série de temáticas que faziam parte do meu percurso de vida. Ao término da sessão de cinema, minha memória tinha sido tocada de forma intensa. As imagens e palavras do filme foram sendo articulados às imagens e palavras da minha vida. O filme ficou em mim e voluntariamente ou involuntariamente voltava à minha vida constantemente. Sobre isto, Milton José Almeida é taxativo:

Compreensão de um filme - devemos incluir o gostar, o desgostar, o ficar emocionado, enfim, tudo o que se puder pensar e sentir ao assistir um filme. Acontece nesse intervalo entre as cenas e é histórica, social, e individual, particular, ao mesmo tempo. Portanto, não só frente ao mesmo filme, no mesmo momento, as idéias e a compreensão são muito variadas, como, ao ver o filme várias vezes e anos depois, em momentos diferentes da vida, essa compreensão vai variar e ser diferente. Se o sentido e o significado do filme estivessem estritamente nas cenas vistas igualmente (naturalisticamente) por todos, não haveria discordância de interpretações. (1999, p.38)

Entrei no Mestrado em 2005 e, em um primeiro momento, esse filme não me surgiu como possibilidade de estudo. No meio do primeiro semestre desse ano, na disciplina “geografia de cinemas”, ele retornou, pois, desde o início, tinha ficado para sempre. Criei uma série de possibilidades de entrar no filme, no entanto, ou não conseguia entrar efetivamente, ou ficava ao redor dele ou me perdia, sendo assim acabava voltando, voltava para um lugar onde via uma série de possibilidades, mas que não se tornavam muito claras. Tive que reelaborar

diversas vezes o meu percurso de estudo, meu percurso de vida, para não sair do caminho que me levasse ao meu objetivo primordial: escrever a dissertação.

Depois de muitas tentativas de ver e rever ao filme, as palavras percurso/deslocamento/migração apareceram como possibilidades. Com essas três palavras como guias, o trabalho foi escrito como o acompanhamento descrição e interpretação – do percurso dos personagens principais do filme pelos locais narrativos por onde eles passam e vivem. Sobre locais narrativos, Wenceslao Machado de Oliveira Jr nos traz as seguintes palavras:

Todo filme constitui-se de locais, locais narrativos. Descolados da contigüidade espacial e geográfica da superfície planetária, esses locais estão nos filmes a constituir uma outra geografia, alinhavada não mais por contigüidade, mas por continuidade na narrativa fílmica.

(...)

Há continuidades entre os lugares geográficos e os locais narrativos. Alusões, amparos de credibilidade, apropriação de memórias. Uns estão nos outros. Os primeiros manifestam-se nos segundos em suas materialidades – formas, movimentos, silhuetas, sentidos –, paisagens e memórias; os segundos dobram-se sobre os primeiros uma vez que se tornam textos que a eles aludem e neles grudam seus sentidos, suas imagens, suas belezas e tensões, iluminando-os (dizendo-os) de outro modo.

(p.3-4, 2005)

Inicialmente a idéia era descrever o percurso dos quatro principais personagens do filme “Lugar nenhum na África”, a saber, Owuor, Regina, Jettel e

Walter, identificando os locais narrativos - com seus objetos naturais e artificiais - por onde eles passaram e ajudaram a configurar. Mas, à medida que o filme foi sendo analisado, percebi que o percurso do Owuor, o único negro – africano de nascimento - entre eles, está sempre entrelaçado com um dos outros personagens do filme. A sua entrada no filme é sempre em interação com um dos outros personagem. Ele é o responsável em apresentar a família judia a África sendo assim, descreverei e analisarei os três percursos dos europeus

denominados, Regina / Owuor, Jettel / Owuor, Walter / Owuor e finalmente o percurso de Owuor.

Para conversar com esses locais narrativos, usarei o conceito de lugar. Esse conceito é muito presente nas ciências humanas em geral e na ciência geográfica em particular, mas não há uma idéia única sobre ele. Ao fazermos um levantamento na literatura, podemos identificar duas grandes correntes. Adriana Figueira Leite (1998) faz uma classificação dessas duas correntes em:

1- O lugar como experiência

“No campo da Geografia Humanística este conceito surge no âmbito da sua consolidação no início da década de 70. Sua linha de pensamento caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Para tanto houve um apelo às filosofias do significado – fenomenologia, existencialismo, idealismo e hermenêutica – que em essência encontram na subjetividade humana as interpretações para suas atitudes perante o mundo (Mello, 1990; Holzer, 1993; Holzer, 1997). Dentre os grandes expoentes afins a essa acepção destacam-se Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e J. N. Entrikin.” (9-10)

2- O Lugar como Singularidade

“A outra acepção de lugar diz respeito à sua compreensão enquanto expressão geográfica da singularidade, descentrada, universalista, objetiva, associada ao positivismo ou ao Marxismo. Trata-se na realidade de uma visão na qual o lugar é considerado tanto como produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade. Neste sentido, o lugar se apresentaria como “o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento” (Carlos, 1996, p. 16). A origem desta percepção encontra-se intimamente relacionada ao processo de expansão do modo capitalista de produção que através, de uma ampla rede de fluxos (de transportes, de informação e de mercadorias), conseguiu incorporar progressivamente todos os pontos da

superfície do planeta, inclusive aqueles considerados como os mais remotos. (p.15-16)

Nesta dissertação, tomarei lugar em sintonia com as duas acepções citadas acima. À primeira acepção ainda acrescentarei o lugar como experiência. Para tanto utilizarei também o conceito de experiência de Jorge Larrosa: A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca.(2001, p.21).Além da experiência, ele vai nos falar sobre o sujeito da experiência:

“O sujeito da experiência é, sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (2001,p.2 7)

Na busca de ampliar um pouco mais esta noção de lugar, lidando também com a não distinção proposta por Doreen Massey (2008) entre lugar e espaço, esta dissertação buscará nos escritos desta autora algumas possibilidades para o entendimento dos muitos lugares do filme Lugar Nenhum na África.

Massey diz que:

Se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de histórias-até-então, lugares são, portanto, coleções de histórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções, dentro desse cenário mais amplo e aquilo que delas é feito. Mas também dos não encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões.

Tudo isto contribui para a especificidade do lugar. Viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com os quais nos relacionamos. (2008, p. 190)

Se o lugar corresponde a um ponto específico do espaço marcado por alguma experiência que nos toca, que toca e deixa marcas no sujeito da experiência, o que confere essa especificidade ao lugar é a experiência nele vivida? Certamente, isso tem muito a ver com o uso que cada indivíduo faz do espaço, “marcando” o seu lugar, os seus lugares, não só com suas ações sobre e com os objetos, como também e principalmente com suas relações estabelecidas com os demais humanos que habitam aquele ambiente onde nós também habitamos.

Desta forma, estarei ao longo do texto lidando com a dupla possibilidade do sentido da palavra lugar dentro desta primeira corrente – cruzada por uma terceira possibilidade indicada por Massey : dele ser nenhum, como explicita o título do filme e dele ser muitos, como poderá ser encontrado na descrição e análise de cada um dos percursos realizados pelos personagens na África do filme.

Lidaremos neste texto com a primeira das acepções (O lugar como experiência) uma vez que entendemos ser dela a possibilidade mais potente de ver no filme tanto o nenhum lugar do título quanto os muitos lugares dos personagens.

Dentro desta lógica, Doreen Massey (2008) ao analisar o conceito de Lugar chega à conclusão que:

Este reúne o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa. O Lugar é aberto, internamente múltiplo, não capturável como um recorte através do tempo no sentido de um corte essencial. (p.191)

Como muitos lugares, o filme nos dá a idéia de que cada personagem, em sua relação particular com aqueles locais africanos, experienciou coisas que os tocaram, criou vínculos que tornaram estes locais lugares prenhes de memórias e

afetos, enfim, vínculos dos quais estes personagens não mais poderão se libertar ao longo de suas vidas.

O que nos chama atenção nessa relação dos personagens com os locais é a constante busca pelo pertencimento, de construção, para si, de um lugar ou de lugares, na África ou fora dela. O filme apresenta constantemente uma dualidade de pertencer ou não pertencer. Ao longo dos percursos em imagens e palavras que constituem a dissertação, esta dualidade será apresentada e analisada. Em um dado momento, surgiu a idéia de fazer uma conversa entre o percurso dos personagens com as cartas do tarô.

O tarô simboliza uma grande viagem, uma jornada que vai da carta zero, o Louco, até a carta 21, que é o Mundo. Existem vários baralhos; o mais tradicional é o de Marselha, mas me surgiu na memória o tarô baseado na mitologia grega. Será com este tarô – o tarô mitológico que irei me aproximar dos percursos dos personagens do filme.

Este tarô é baseado em mitos gregos, arquétipos que fazem parte da cultura ocidental. Sobre os mitos, Joseph Campbell diz: “Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos” (1990)



Nesse sentido, a carta do Louco simboliza o impulso em cada indivíduo que nos conduz ao desconhecido. Sendo assim, todos os personagens do filme tiveram que mergulhar no “desconhecido”: os três judeus que migraram da Alemanha para África e o Africano que vai trabalhar em um lugar que não é o seu de origem.

O percurso pelas cartas do Tarô é uma metáfora para o percurso da vida: do impulso inicial ao desconhecido, do louco, ao encontro com algo maior já existente, o Mundo. Tomaremos estas cartas como maneiras de imaginar – e sintetizar – a parte da vida dos personagens que o filme nos mostra.

ÁFRICA E ALEMANHA COMO LUGARES

Antes, porém, de entrarmos nos percursos de cada um dos personagens, faremos uma parada para apresentarmos o percurso que o filme faz para nos apresentar os lugares geográficos a que o filme alude, a África e a Alemanha. Isto se dá nos primeiros momentos do filme, na própria abertura dele.





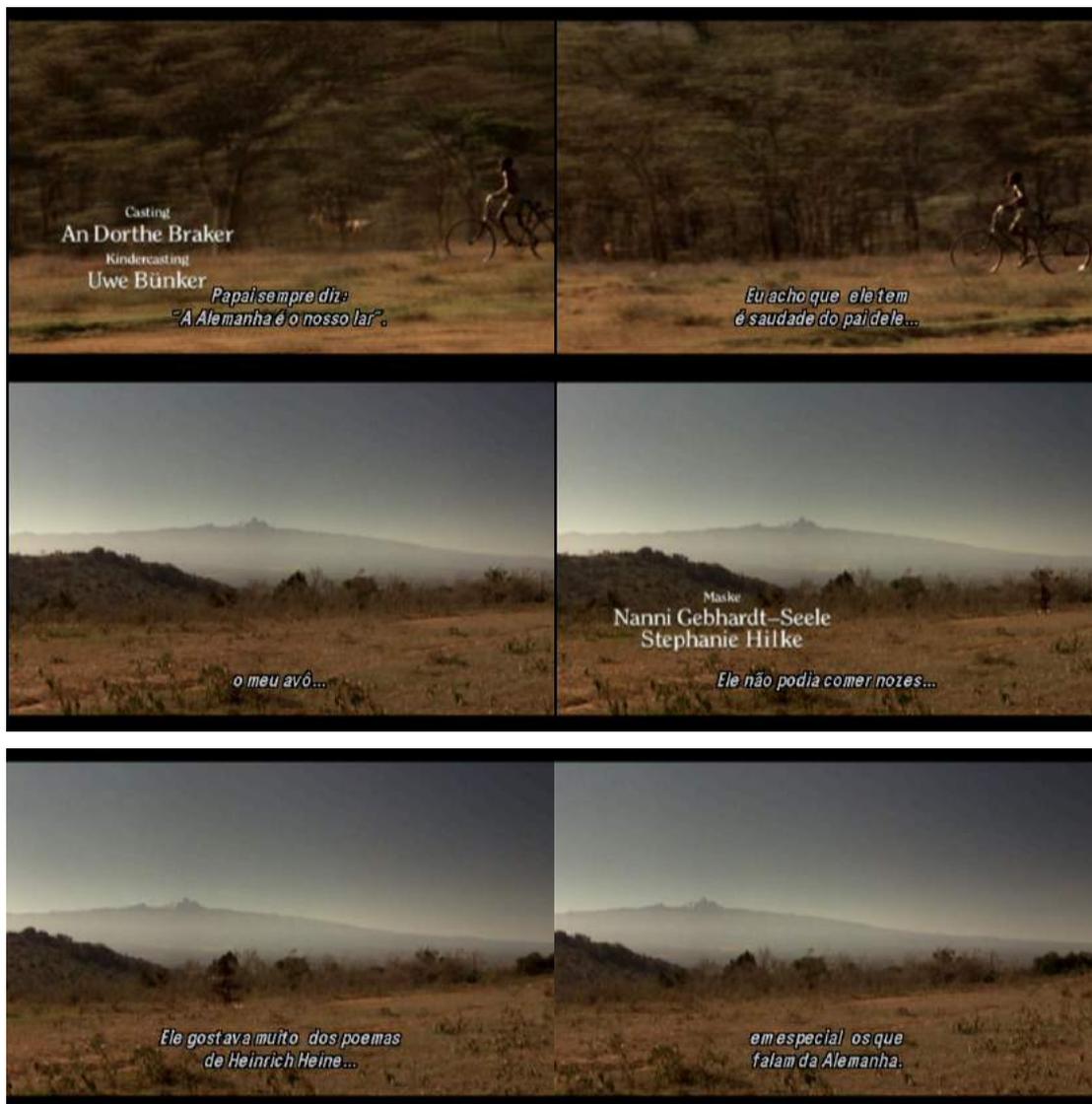


Imagem de uma paisagem. Ao fundo, elevações esverdeadas pela vegetação. Do lado esquerdo da tela, uma parte mais alta em forma retangular. À medida que observamos o meio da tela, há uma diminuição suave de altitude; do lado esquerdo, a diminuição é mais brusca. Há o solo de cor avermelhada com pouca vegetação. Entre o solo e as elevações, há duas formas distintas de vegetação. Próximo ao solo, há presença de vegetação densa, com árvores de médio porte; em seguida há uma área de vegetação rasteira até chegar às elevações.

A voz de Regina começa a narrar a história. A câmera aproxima a imagem de um menino negro pedalando uma bicicleta por essa paisagem.

O rosto do menino é apresentado de perfil. Ele traz um papel na boca. Em torno do seu pescoço, um colar, ele é feito de uma espécie de bolinhas brancas...

Os pés são mostrados descalços, e o movimento da bicicleta e da câmera retira a nitidez do solo; há apenas uma explosão de terra. Os pés negros do menino e a parte da bicicleta onde está o pedal e a corrente são apresentadas. Apenas uma parte da roda dianteira aparece.

A imagem agora é de um lugar nas montanhas coberto de neve. Ao fundo, árvores com poucas folhas ou galhos à mostra. Os tons da árvore são brancos e negros. Uma menina com gorro cinza, um casaco de uma cor clara e que possui próximo aos botões gola e ombros, uma cor mais escura. Alguém de costas para a câmera e olhando para a menina está de gorro preto. A imagem da menina fica mais nítida e embaixo do casaco há uma espécie de cachecol. Imagem de outras pessoas, desfocada.

É pela mudança de características estéticas (climáticas, inclusive) que percebemos que estamos em outro local. As palavras da personagem localizam este local em nosso mundo: a Alemanha.

Geralmente as imagens que nos chegam através do cinema, da televisão, dos livros didáticos apresentam o continente africano como se ele fosse ou uma grande savana ou um grande deserto. A natureza aparece como um dos elementos mais marcantes. Se essa natureza que nos dá a idéia de africanidade aparece retratada com homens negros, reforça-se essa idéia. Sobre isso, Wenceslao Machado de Oliveira Junior aponta que:

As cenas se desenrolam em lugares fílmicos que muitas vezes se cruzam com lugares para além do filme, contaminando esse lugares com seus sentidos, seus ângulos, seus enquadramentos, redefinido-os perante os espectadores. Esse processo de contaminação é mútuo: no cinema proliferam alusões a lugares criados pela natureza e pelos discursos e práticas sociais, da mesma maneira, nestes lugares proliferam alusões a lugares criados no cinema (2004)

Dois garotos com cabelos ruivos deslizam por um carrinho, jogam neve no rosto da menina. O menino que está na frente está com uma roupa preta, e o que está

atrás com uma preta. Os dois estão sorrindo, a neve explode no rosto de Regina,.Ela limpa e caminha de cabeça baixa em direção a câmera. Jettel se abaixa em direção a ela; está sorrindo.

Volta ao menino negro. Ele pedala sua bicicleta por um caminho mais nítido.Dos dois lados há presença de árvores. Ele sobe uma parte mais alta do terreno e, no fundo, há uma imagem de uma montanha.

Vegetação mais densa, árvores de grande porte e um animal de quatro patas e de cor marrom. A narradora estabelece uma comparação entre Alemanha e África.

À medida que ela fala sobre os dois lugares, as imagens vão ilustrando essas diferenças. Sobre a África, as imagens são apresentadas em planos abertos; há horizontes abertos, imensidão, idéia de amplitude.

O cinema apresenta lugares que existem na realidade além cinema. “Em Lugar Nenhum na África”, o título já nos remete a essa possibilidade:

Alusões feitas pelos títulos ou pelo tema, pelas paisagens ou pelas fisionomias dos personagens, pelos elementos espaciais que compõem o cenário ou por sons, palavras e frases ouvidas, para indicar algumas das formas mais comuns de aludir utilizadas nos filmes. Ao fazer isso o cinema se apóia em conhecimentos outros, memórias que trazemos de territórios, espaços, lugares e paisagem. (OLIVEIRA, JR, 2004)

Geralmente as imagens que nos chegam através do cinema, da televisão, dos livros didáticos apresentam o continente africano como se ele fosse ou uma grande savana ou um grande deserto. A natureza aparece como um dos elementos mais marcantes. Se essa natureza que nos dá a idéia de africanidade aparece retratada com homens negros, reforça-se essa idéia. Sobre isso Oliveira Junior (2004) nos diz que “*no cinema proliferam alusões a lugares criados pela natureza e pelos discursos e práticas sociais* (2004). A visualidade da África mostrada neste início de filme é muito semelhante à África dos livros didáticos e dos programas massificados da televisão. O mesmo se pode dizer da

Alemanha que nos é mostrada pelas imagens de neve e pinheiros, pessoas brancas vestidas com roupas pesadas contra o frio.

Nesta primeira seqüência do filme “Lugar Nenhum na África”, acompanhamos a construção do enredo fílmico na contraposição entre dois locais extremamente distintos entre si, tanto em suas características naturais quanto sociais.

Esta oposição inicial faz da África, num primeiro momento, um local apresentado apenas em suas distinções em relação à Europa, à Alemanha. Somente no desenrolar do filme é que esta África ganhará nuances de diferenciação interna.

A proposição desta oposição radical feita pelas palavras da narradora – amparada nas imagens que são vistas pelos espectadores – entre os locais de saída e de chegada dos personagens judeus, entre Alemanha e África, empresta mais sentido ao percurso do tarô como elemento de entendimento fílmico. Dadas as cenas iniciais, estes personagens rumam para o desconhecido, como se nascessem novamente num outro mundo. O filme apresentará o encontro deles com este novo mundo para aquela família branca européia, neste caso caracterizado como a África.

Num primeiro momento, a experiência apresentada é a do desenraizamento, da perda do lar.

Na visão de Regina, o pai dizia que era o lar, pois estava associada à presença de laços de afeto com os familiares. A Alemanha era um lugar de proteção e aconchego. A “casa” onde vivia a família. E foi no seio dessa família, dessa casa, desse lar, desse lugar que as referências culturais, religiosas, sociais foram desenvolvidas. Tudo isso somado deu ao pai de Regina uma existência no mundo.

Volta à Alemanha. A menina carrega seu carrinho montanha acima. Muitas pessoas descem. Uma mulher é empurrada por um menino e cai. A menina olha assustada. A mulher levanta e prontamente aparece alguém vestido de preto com a suástica nazista.

O garoto caminha em silêncio, desce uma espécie de vale, olha para trás e

corre para o fundo.

Nas seqüências iniciais, a oposição na apresentação da África e da Alemanha se dá de muitas maneiras. As imagens da África nos dão a idéia de amplidão, horizontes amplos, o sol, claridade e Alemanha a idéia de lugar mais fechado, escuro, sem a presença do sol. Provavelmente essas dualidades já trazem da memória dos espectadores imagens, discursos que geralmente produzem sobre esses dois lugares.

As palavras da narradora nos mostram que a Alemanha era um lugar onde não havia liberdade e África o lugar onde os judeus poderiam viver livres, sem a perseguição dos nazistas. A Alemanha tinha deixado de ser um lugar onde seria possível estabelecer uma relação de aconchego. Para Tuan, (1983) uma das características do lugar é : “A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes” (p.57)

Nessa seqüência, Regina está em um quarto na casa dos avós maternos. De alguma forma, as crianças que estão próximas sabem que a menina vai morar ou viajar para África. A partir das palavras e de objetos, eles vão apontado idéias sobre o continente. A reação de Regina é o silêncio. Não demonstra nenhuma idéia ou contra – idéia sobre a África.

Regina é provocada por um garoto que diz que ela precisa ir se acostumando. A imagem amplia a visão do quarto. Talvez Regina tenha que se acostumar não só com a comida, mas com muitas coisas diferentes que ainda estão por vir. O deslocamento compulsório nos tira a liberdade de escolha em relação à saída.

Regina, como criança, vai com os pais. Está longe de ser uma escolha. Nessa seqüência fílmica, são apresentados em imagens e diálogos os motivos que levaram Regina a deslocar-se para o Quênia. A Alemanha é um lugar, e, como lugar, deveria ser o local da liberdade, mas não há essa possibilidade para uma judia. O lar é um lugar. Neste caso, lugar é o local da proteção contra um espaço que oprime. A situação da Alemanha determinava a busca por um novo lugar. Regina é uma criança e não houve escolha para o seu deslocamento. Mas será que ela já tinha alguma idéia formada sobre o seu futuro lugar de moradia?

Regina mostra-se assustada com a proximidade do cachorro. Para a menina que carrega o animal no colo, quem vai para África deve manter uma boa relação com animais. Não deve temê-los. Regina demonstra uma falta de familiaridade. Em cenas anteriores, ela já havia falado que na Alemanha, ela tinha medo de tudo, até de cachorro.

Regina parece mais assustada. Abraça mais forte a boneca. Para essas crianças, a África era um continente que possuía animais muito mais terríveis e menos domesticados, inclusive os africanos. Essa constatação nos remete à idéia de distância, A África é distante porque é um outro continente. É distante pois apresenta diferenças consideráveis em relação à Alemanha.

“Distância” tem conotação de graus de acessibilidade e também de preocupação.

Os seres humanos estão interessados em outras pessoas e nos objetos importantes em suas vidas. Querem saber se as pessoas que lhes são importantes estão longe ou perto deles e umas das outras. Quando um objeto importante é designado por uma palavra ou descrito em uma frase, a palavra ou frase sugere algumas qualidades do objeto (Tuan,1983, p. 52)

Nesse sentido, os objetos que estão em África não estão acessíveis, são desconhecidos e, portanto, podem produzir preocupação.

A África, nesta seqüência, é tida por Regina como vasta e generalizada; nela existem coisas imagináveis e outras inimagináveis. Nesse momento, a Alemanha é o quarto, um local de proteção, onde os objetos são conhecidos e quase tudo é seguro e previsível. No quarto, está a experiência individual de Regina, sua existência, aquilo que é vivido, seu lugar de pertencimento e vínculo. Um lugar que estava prestes a deixar de ser o ambiente no qual a personagem viveria.

PERCURSO DE REGINA E OWUOR

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE NAIRÓBI.





A imagem marca o início da jornada de Regina na África. A placa indica que ela e a mãe chegaram a um destino, a um novo lugar e ele era chamado de Nairóbi. A ferrovia, ponto a partir do qual se desenharão, os seus deslocamentos, as suas descobertas. Uma estação ferroviária é sempre uma possibilidade de que as trajetórias de várias pessoas se entrecruzem, mas que podem ou não se interpenetrar. As duas seriam conduzidas pelo Senhor Morrison, o dono da fazenda, até o local onde Walter estava.

Logo depois da estação ferroviária, a imagem apresentada é de um local amplo onde a presença da claridade provocada pelo sol é marcante. Regina e Jettel atravessam por esta natureza bem diferente da natureza da Alemanha. Este mundo natural é um ponto marcante para caracterizar este novo lugar. Massey

(2008) afirma, “A” natureza “e a” paisagem natural “são fundamentos clássicos para o reconhecimento do lugar. (p.198)”.

Vale lembrar que o lugar não é caracterizado apenas pela natureza. As pessoas que vivem e circulam pelo lugar e as construções também o caracterizam.

Nas imagens da estação houve a predominância de cores escuras. Regina e Jettel apresentavam um contraste com roupas de cores claras. Elas ficaram em destaque. Pessoas de pele escura, com graduações diferentes e roupas diversas, apresentam uma certa diversidade. Havia pouca luminosidade. Era dia. A luz do sol era perceptível ao fundo dos objetos que estavam em cena.

O primeiro contato de Regina com a África foi sua chegada em Nairóbi. O trem, a ferrovia, a estação são elementos com que possuem alguma familiaridade, mas as pessoas com suas peles negras, suas roupas já chegam a Regina como algo novo. Nesse processo de chegada, talvez a idéia de “nós” e de “eles” apareça, mas não apenas aquela visão “ Nós estamos aqui; nós somos esta afortunada estirpe de homens. Eles estão lá; eles não são completamente humanos e vivem naquele lugar” (Tuan, 1983, p.156.).

Neste momento, Regina está “naquele lugar”, no lugar do outro. Torna-se mais difícil manter a distinção, a distância na medida mesma em que uma das formas desta distinção era a separação em lugares diferentes.

A câmera parece nos mostrar que Regina é apenas uma observadora do novo lugar e da ordenação dos seus objetos. Mesmo muito próxima, há um certo distanciamento entre ela e a estação de trem de Nairóbi com todas suas especificidades. Nesse momento, a experiência de Regina é aquilo que se passa, aquilo que acontece. Na idéia de que existam “nós” e “eles”, as distâncias não precisam ser mantidas?



Poderíamos chamar a jovem Regina de imigrante. Há uma idéia recorrente de que o imigrante só passa a existir para a sociedade que assim o denomina a partir do momento em que pisa em seu território. Ele “nasce” a partir dessa percepção da sociedade para a qual se destina. E a percepção dessa sociedade

onde “nasce” o imigrante é quase sempre, especialmente hoje em dia, a percepção de um “problema”. (Sayad, 1998, p.45).

Regina chega a Rongai, da estação de Nairóbi até a fazenda. Ela foi conduzida pelo carro do dono da fazenda, Senhor Morrison. O seu contato maior com o novo lugar foi através dos olhos. Quando finalmente o carro chega à fazenda, ela começa estabelecer um contato mais íntimo com a África. Ela fica parada no carro até ser chamada pelo empregado do pai. Nesse momento, há uma diminuição das distâncias. A menina abre os braços para um africano; por mais que ele seja empregado do pai, ainda é genérico. Regina sorri e toca o cabelo de Owuor, demonstrando que está aberta a atitudes cotidianas que podem se transformar em experiência. Na seqüência a seguir ela está no quarto da fazenda, está deitada em tem uma boneca no colo que assim como ela veio da Alemanha de outra cultura.

QUARTO DA FAZENDA:





Regina está deitada na cama sobre um travesseiro marrom e bebe enquanto o pai declama um poema. Ela trás em seus braços uma boneca que trouxera da Alemanha. Este objeto ainda faz parte do seu universo lúdico.

Canção de Lorelei

O ar fresco e sombrio
A paz flutua no Reno
O cume da montanha cintila
Os raios do pôr do sol brilham
A linda virgem se reclina
Exibindo sua formosura
Com suas jóias de ouro brilhando
Ela penteia seus cabelos dourados
Com o pente de ouro se penteia
E entoia uma canção de liberdade
Que enfeitiça o entardecer
Como uma melodia mágica
O barqueiro escuta
E sobre ele dolorosas se abatem

Ele só tem olhos para a dama
Não enxerga recifes nem cardumes
E por fim a vaga engole
O barco e o grito do barqueiro
E este é o destino escrito.

Antes desta seqüência, os pais de Regina, junto com Sussekind jantaram, e entoaram o Kidush, numa tentativa de trazer para África referenciais que foram construídos na Alemanha. Walter declama um poema de Heinrich Heine que traz o mito alemão:

Nos velhos tempos, de vez em vez, uma donzela aparecia sobre o Lorelei , durante o crepúsculo vespertino e ao luar. Ela cantava com uma voz tão amável que todos que a ouviam ficavam enfeitiçados. Muitos, que por ali passavam, eram puxados para as profundezas pela corrente do recife, por desviarem a atenção do barco. Ninguém nunca havia visto a donzela de perto, a não ser alguns jovens pescadores. Durante os arrebóis vespertinos, ela os acompanhava e lhes mostrava os pesqueiros onde deveriam lançar suas redes. Cada vez em que eles seguiam a sua indicação, eles realizavam uma rica pescaria. Os jovens pescadores contavam a todos o que lhes ocorria e o fato espalhou-se logo por toda a região. O filho do barão, que tinha uma pousada nas proximidades, também, tomou ciência do admirável conto e ficou desejoso de ver a donzela. Querendo achá-la, ele tomou o caminho para Oberwesel, valendo-se de um barco e desceu rio abaixo. O Sol já estava no final do poente e a primeira estrela já havia surgido no céu, quando aproximou sua nau do Lorelei. "Você consegue ver a maldita feiticeira?", perguntou o capitão. O jovem, entretanto, já a havia visto. Ela estava assentada no declive do rochedo, não muito longe da correnteza, e portava uma coroa sobre seus cachos dourados. Então, ele ouviu o som de sua voz e, logo em seguida, ficou fora de si. Ele ordenou ao capitão que fossem direto para o rochedo. Mas, como ele queria saltar para terra firme, calculou mal o seu salto e afundou na correnteza. As ondas bateram terrivelmente sobre ele. A notícia chegou depressa aos ouvidos do barão. Cheio de dor e de ódio, ele ordenou aos seus servos que lhe trouxessem a malvada viva ou morta. Um dos seus capitães prometeu satisfazer a vontade do barão. Mas, ele exigiu que a feiticeira fosse logo abatida no Reno, a fim

de que ela não pudesse se libertar do cárcere e das ataduras, talvez, usando dos seus dos seus poderes mágicos. O barão ficou satisfeito com isso. Então, o capitão partiu à tardinha e cercou a montanha com seus cavaleiros. Ele mesmo levou os três mais corajosos dos seus comandados e subiu o Lorelei. A bela jovem assentou-se na ponta do rochedo e esperou por eles com uma corda de âmbar na mão. Ela viu os homens chegando e foi logo lhes perguntando o que procuravam. "Tu, feiticeira", respondeu o capitão, "e eu lhe ordeno que se arroje imediatamente na correnteza!" — "Eh", disse a jovem bruxa rindo, "o Reno prefere me apanhar!" Com estas palavras, ela lançou a corda de âmbar na correnteza abaixo e cantou com assombroso tom: "Pai, pai, depressa, depressa, mande corcéis brancos para seu rebento, ele quer cavalgar com ondas e vento!" E eis que, de repente, toda a correnteza bramiu. O Reno marulhou e cobriu praia e alturas com uma espuma branca. Duas ondas, que tinham a forma de dois cavalos brancos, elevaram-se como um relâmpago até ao pico do rochedo e tragaram a jovem feiticeira para baixo, fazendo-a desaparecer na correnteza. (Schreiber)

Os olhos de Regina fazem uma viagem de retorno à Alemanha. Ele reconhece os versos como sendo a Canção de Lorelei. Está em sua memória, faz parte da sua história. As palavras dos versos trazem uma série de imagens do seu lugar de origem.

No início do filme, ela tinha dito que o avô paterno adorava as poesias de Heinrich Heine, autor da canção de Lorelei. O poema também traz as lembranças da família, do lar na Alemanha. Do ponto de vista cultural, Regina é uma menina alemã, portanto, várias características identitárias que fazem parte da construção da sua personalidade apareceram, mas, como todas as pessoas, possui traços individuais que determinaram o seu percurso.

A lareira e o quadro também são marcas da vida na Alemanha. Colocar o quadro na parede indica a busca de manter a vida tal qual era lá. Mas a lareira apagada aponta o quanto isto é muito difícil quando os lugares são muito diferentes. Neste caso, a diferença era de temperatura entre a Alemanha e o Quênia.

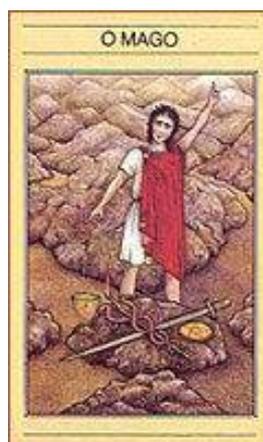
Enquanto Owuor tem o papel de apresentar este novo lugar para Regina, Jettel e Walter voluntariamente ou involuntariamente trazem para o convívio da menina elementos materiais e imateriais da Alemanha ou elementos que não faziam parte deste lugar antes da chegada deles.

PARTE EXTERNA:



Owuor terá um papel importante em descrever a paisagem para Regina, pois ela chegou da Alemanha e desconhece a sua de organização. Caso não fosse explicado, o Monte Quênia seria apenas um objeto natural, mas para a população local é um objeto cultural / religioso que faz parte da identidade dos jaluos, etnia à qual pertence Owuor. O monte Quênia é mais um dos marcos que caracteriza Rongai como um lugar. Mais uma vez recorrerei à Massey (2008) para ilustrar a importância de objetos não-humanos como caracterizadores do lugar.

Na aproximação com as cartas do tarô, Owuor é o mensageiro, aquele que abre os caminhos, assim como a carta do Mago.



No nível divinatório, depois que o Louco, encontra com Hermes indica que a viagem será possível e que ele tem consciência de suas reais possibilidades e de sua capacidade, ainda que não desenvolvida.

(Greene e Sharman-Burke, 1999, p.24-25)

Este personagem apontará na paisagem africana certos sentidos que alguns de seus elementos têm. Criará, com isto, marcas no local onde Regina está chegando, criando assim caminhos pelos quais ela fará deste local impreciso e desconhecido o seu lugar na seqüência de sua estadia no Quênia. Tuan nos auxilia nessa perspectiva ao falar sobre a relação lugar e experiências:

Mas sentir um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas em dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos músculos e ossos. (1983, p. 203)

Ele está apresentando sua visão sobre esse mundo que Regina ainda não conhece. Esse “mundo” é apresentado contendo uma organização, uma ordenação e uma relação entre todos os objetos. Ele aponta para o Monte Quênia, que apesar de distante é uma presença marcante para a vida local. O rosto de Regina demonstra não ter nenhum tipo de estranhamento ou medo, pois, afinal de

contas, um monte faz parte de um relevo e na Alemanha também existiam montes. Não havia muita diferença nesse elemento natural. Porém, em Rongai, o Monte Quênia é um espaço mítico.

Para a criança, os pais são seu "lugar" primeiro. O adulto que lhe protege é para ela uma fonte de alimento e um paraíso de estabilidade. O adulto é também quem dá as explicações à criança, para quem o mundo pode freqüentemente parecer confuso. Uma pessoa madura depende menos de outras pessoas. Ela pode encontrar segurança e apoio em objetos, localidade e até na busca de idéias. (Tuan, 1983, p. 154)

O Mago Owuor vai mostrando novos caminhos a Regina. Ao apresentar a aspectos que eram diferentes da Alemanha de uma forma natural, vai provocando uma segurança na menina e alguns medos e temores deixam de existir.

UM CERCADO DE BOIS:





Um homem com turbante bate nos animais com um pedaço de pau. Os bois são encaminhados para um lugar, onde, um a um, mergulham num líquido escuro. Walter, com um pedaço de pau, agacha-se para impedir que os animais

fiquem parados. Regina corre pelo curral e coloca os pés na lama, descalça. Em torno dela há dois meninos.

Se o lugar é definido a partir do vivido, das experiências e experimentos cotidianos, os sentidos humanos têm um valor muito grande nesse processo. Regina está disposta a sentir todas as possibilidades que Rongai oferece. Ela pisa a terra para descobrir novas sensações, novos significados, novos sentidos.

Ela olha para um local onde há pessoas em fila, com recipientes para a coleta do leite. Perto delas há um cachorro. Ela corre em direção a ele. Regina, ao ver o cão, fica encantada. Na África, houve uma mudança de sentido. Aquele medo dos cães que havia na Alemanha não existe mais. A migração teve a capacidade de acabar com sentimento de temor em relação aos cães. No novo ambiente onde ela passou a conviver com eles, os cães deixaram de ser perigosos e ameaçadores e ganharam outros sentidos e possibilidades. Por isto, ela responde, ao ser interrogada sobre seu medo: “Não aqui”. Em Rongai, um novo ambiente vivido, os cães mudam de sentido, não mais oferecem medo, mas sim cuidado e carinho. Isto é apresentado quando Regina pega o cachorro no colo e o toma para si.

Ao final da seqüência, o diálogo dela com o pai mostra o quanto a Alemanha se mantém como lugar para Regina. A escolha do nome do cão refere-se às experiências vividas por ela e seus pais na Alemanha nazista. O nome dado permite que eles ajam lá, demonstrem sua indignação.

Na Alemanha, as experiências cotidianas de Regina determinavam um medo de cachorro. Em Rongai, há um novo significado. Na reelaboração com o novo lugar muda a visão de mundo, mudam as relações com os objetos. E relação com o corpo e o espírito também muda. Tuan (1983) também nos fala sobre a experiência; segundo ele, “experienciar é vencer os perigos (p.10)”. Ainda segundo ele, a palavra experiência vem da mesma raiz latina (per) de “experimento”, “experto”, “perigoso”. Para experienciar, no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório, o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo.

Para Regina, o contato com o cachorro era vencer o medo, acabar com a idéia de que este ato era perigoso.

No livro, autobiográfico, há uma carta de Walter para Regina que fora enviada para a menina antes da sua viagem para África, na qual o pai fala sobre este medo de cachorro,

“Rongai, 4 de abril de 1938

Querida Regina:

Hoje vais receber sua própria carta, pois o seu pai está muito feliz porque vai voltar a ver-te. Agora deves ser boa, rezar todas as noites e ajudar sua mãe no que puder. Estou seguro de que gostará da fazenda em que vamos viver. Há muitas crianças. Só terás que aprender a sua língua para poder brincar com eles. Aqui o sol brilha todos os dias. Porém tem que saber uma coisa: na África só deixam entrar as crianças que não têm medo dos cachorros. Assim é preciso ser corajosa. Este valor é mais importante na vida que chocolate.

Teu papai”

(Zweing, 2004, p.18)

O cachorro é mais um objeto que faz parte da lógica deste lugar; aqui sua existência tem sentido. As distâncias entre os elementos diferentes são menores ou não existem. Os animais em Rongai participam da vida das pessoas de uma maneira muito diferente do que na Alemanha. No novo ambiente de Regina, os animais são muito mais próximos das pessoas, não há uma distinção tão radical quanto na Europa entre cuidados com os humanos e cuidado com os animais.

A ausência do medo significou uma grande transformação na vida de Regina. Podemos fazer uma aproximação dessa mudança radical com a carta da Torre do tarô.



No nível divinatório, a torre representa as estruturas internas e externas que construímos, prenuncia a quebra ou rompimento de formas e estruturas vigentes. (Greene e Sharman-Burke, 1999,p. 69-70)

O fim do medo de cães significou uma grande mudança na vida de Regina, mas a declaração de guerra entre a Alemanha e o Reino Unido vai significar novos temores em sua vida. Ela terá que ficar separada de Owuor e partir para uma novo lugar, para uma nova situação ainda desconhecida.

PARTE EXTERNA:



Nessa seqüência, Regina é será levada com sua mãe como refugiada, pois a Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha.

O Quênia era, então, uma colônia inglesa e a família de Regina, mesmo sendo de judeus, eram alemães de nascimento, portanto, inimiga da Inglaterra dentro da perspectiva dos conflitos entre Estados. O que definiu a prisão foi a nacionalidade de Regina, Jettel e Walter. Eles até podem etnologicamente falando não serem considerados alemães pelos nazistas, mas para a Inglaterra a nacionalidade da família Radclich era formada pelo Estado alemão, portanto uma nacionalidade política. (Acton, 1996)

Nesse momento do filme e da vida de Regina, Rongai, no Quênia, já tinha se tornado um “lugar” conhecido e amado. A fazenda e seu entorno eram a parada, a pausa no movimento, à qual a menina já dava um enorme valor, onde já desenvolvera experiências íntimas e aconchegantes. Owuor teve uma importância crucial para Regina na apresentação de Rongai, pois, sem a sua presença, muita coisa não fizesse sentido e perderia a importância.

A câmera aproxima-se do rosto de Regina e a menina olha para o chão.

Regina é conduzida para a carroceria do caminhão por um soldado. Owuor chega perto do caminhão e fala:

Mais uma vez Regina tinha que partir, e era mais uma vez para o desconhecido. Mais uma vez estamos lidando com a idéia de lugar / pertencimento. Rongai já se tornara um lugar para ela, onde a vivência, e a experiência com os locais tornaram-se intensas. Há uma retirada, um deslocamento forçado. O primeiro fora na Alemanha, devido à identidade judaica que não podia pertencer a uma Alemanha dominada pelo nazismo. Este segundo deslocamento ocorreu, pois para os ingleses, colonizadores do Quênia, a família Radclich não é uma família de judeus, mas de alemães, inimigos de guerra. Portanto, precisam ser presos. Regina e Jettel não sabiam para onde estavam sendo levadas, soltas, dispersas no mundo. Os ingleses estavam definindo o lugar delas no mundo.

O Reino Unido era um lugar no mundo e responsável pela produção do colonialismo na África, da nova classificação identitária dos Radclich: eles eram agora refugiados. Massey (2008) apresenta esta nova possibilidade de

conceituação do lugar. O Reino Unido enquanto Lugar não era um produto da globalização, mas agente responsável por este processo:

Lugares locais não são sempre simplesmente as vítimas do global, nem são, sempre baluartes politicamente defensáveis contra a globalização. Compreender o espaço como constante produto aberto as tipologias de poder aponta para o fato de que lugares diferentes ficaram em posições contrastantes em relação ao global. Eles estão localizados de modo diferenciado dentro das mais amplas geometrias de poder....Estes são lugares dentro e através dos quais a globalização é produzida: os momentos através dos quais o global é constituído, inventado, coordenado. Eles são agentes na globalização. (p.152-153)

HOTEL – PRESÍDIO:

Regina e Jettel são levadas para um hotel presídio. Havia uma dificuldade em receber notícias do pai que estava preso. Num determinado momento, mulheres e crianças que estavam nessa prisão são levadas até ao quartel onde os homens estão detidos. Passam um dia e retornam ao “Hotel Presídio”. Havia uma possibilidade de sair dessa situação: arrumar um trabalho para o “chefe de família”. Neste sentido mulheres e crianças tiveram um tratamento diferenciado. A Guerra era feita por homens, portanto deveriam ser responsabilizados por isso.

HOTEL PARTE EXTERNA E INTERNA:



Regina observa a mãe beijando um militar britânico. Dias depois, o pai é solto e consegue um emprego em uma outra fazenda. Regina percebe que, nesse lugar, o pai e o militar ocupam posições diferentes que determinam a permanência ou o deslocamento. Portanto as posições, o papel, a função, que ocupamos num lugar é importante para o percurso de vida. Assim Regina vai sendo educada para o mundo no qual vive, para se entender e entender o lugar onde vive, com suas estranhezas, poderes e possibilidades.

NOVA FAZENDA OL JORO OROK

Essa fazenda para onde vai a família de Regina possui plantação de milho e uma vegetação mais exuberante. Há mais umidade. Chove mais regularmente. Nesse caso a própria natureza vai nos apresentando que Ol Joro Orok é novo lugar, na África, no Quênia.



Essa nova fazenda é mais um lugar na África. Regina já estivera em Rongai, no hotel - presídio, agora se desloca para essa nova fazenda.

Em Rongai, a vegetação era menos densa, árvores esparsas, chovia pouco - para que isso ocorresse havia uma dependência do Deus Ngai. Os tons vermelhos e amarelos eram predominantes.

No hotel-presídio, a natureza estava mais distante; a presença da interferência humana na dinâmica do lugar era mais intensa. Em Rongai, o Deus Ngai fizera chover e isto foi importante para a família Radclich. No hotel-presídio a

ação do militar e de Jettel fora importante para os deslocamentos, para as trajetórias deles.

Apesar de a nova fazenda apresentar características naturais diferentes de Rongai, o Monte Quênia pode ser visto: “a montanha sagrada parece um chapéu chinês”. Ele estava visível, mas de uma outra forma. Essa mudança simboliza um novo ciclo na vida Regina e de toda sua família, dando a este novo ambiente de vida a sensação, em Regina, de ser “o lugar mais bonito do mundo”. Talvez pelo verde, talvez pela liberdade, talvez pela continuidade da união entre seus pais. Regina demonstra que a sua relação com a Alemanha e Rongai não é de um pertencimento que a impeça de ter encantamento com este novo caminhar, com este novo lugar em sua trajetória de vida. Não há barreira que impeça que ela penetre nos mistérios de Ol Joro Orok. Mais uma vez recorremos a Massey (2008) para ilustrar esta forma de pertencimento de Regina,

O lugar, em outras palavras – como muitos argumentam- nos modifica não através de um pertencimento visceral, mas através da prática do lugar, das negociações das trajetórias que se intersectam onde a negociação nos é imposta.

(p.219-220)

Ela chega até um estabelecimento onde há um homem com turbante. Há alimentos, roupas. Regina foi pegar as correspondências.



A presença deste vendedor nos apresenta mais uma peculiaridade deste novo local. Além dos trabalhadores da fazenda, do grupo étnico predominante, há

esse homem com uma roupa diferente, com um turbante na cabeça. Regina vai a esse estabelecimento buscar cartas do seu pai. Esses elementos e essa imagem apresentam um local com mais complexidade, com diferenças, além das diferenças dos elementos naturais. Diferenças sociais, como a presença de pessoas de religião hinduísta, origem indiana e trabalho vinculado ao comércio e aos serviços. Outros elementos que virão a compor o novo lugar de Regina.

Diferente do que ocorreu em Rongai em Ol Joro Orok Regina passa a conviver com crianças de sua idade. O aprendizado com Owuor possibilitou a ela que não tivesse medo de descobrir novos caminhos, novas experiências

PARTE EXTERNA:





- Já viu um anjo?
- Não. Anjos são invisíveis.



- Os ancestrais também são.
- Sim. Os anjos nos protegem...



quando corremos perigo.



Eu sou um anjo e
espantarei os espíritos maus!





Venham cá!

Crianças gostosas!





Na fazenda nova, a interação de Regina é cada vez maior. Apesar da idade, ela traz da Alemanha experiências que lhe tocaram, lhe aconteceram. Não uma negação dessas questões identitárias. Nessa seqüência, ela e os seus amigos africanos demonstram que a abertura, a disponibilidade para o outro, pode nos possibilitar uma expansão da nossa visão de mundo e a percepção de que, mesmo em culturas aparentemente tão distantes, existem semelhanças e que é possível uma interculturalidade que une. Cada qual busca em sua cultura elementos que tornam possível o entendimento dos elementos da cultura do outro.

As crianças, de maneira geral, estão mais disponíveis para o outro e para novo, pois estão em processo de formação, ainda não foram contaminadas por preconceitos ou visões limitadas sobre o mundo. Quando Regina fala sobre os anjos, eles rapidamente associaram aos ancestrais mortos. Nessa experiência, Regina e seus amigos africanos produzem um processo de entendimento mútuo. Ao final da seqüência, quando Regina se veste de um ser que assume características ambíguas, apontando para os dois mundos, o europeu e o africano, experimenta um momento de hibridismo cultural. Massey (2008) afirma que o lugar é um “aqui” formado por várias trajetórias: “Aqui” é um imbricar de histórias no qual a espacialidade dessas histórias está, inescapavelmente, entrelaçada. As próprias conexões são parte da construção da identidade.”(p.202).

A identidade do lugar vai sendo construída e reconstruída diariamente através das conexões de trajetórias distintas. Neste sentido o que estava lá ou o que pertencia a outro lugar pode perfeitamente se imbricar, se entrelaçar. Ainda nas reflexões de Massey (2008), encontramos um pensamento aliado:

Camadas como adição de encontros. Assim, algo que poderia ser chamado de lá e que desse modo está implicado no aqui e agora. “Aqui” é um imbricar de histórias no qual a espacialidade dessas histórias(seu então tanto quanto seu aqui) está, inescapavelmente, entrelaçada. As próprias interconexões são parte da construção de identidade.(p.202)

A experiência de Regina em Ol Joro Orok não vai impossibilitar que seus pais a matriculem em um Colégio para que ela receba uma formação mais ao menos semelhante a que eles tiveram na Alemanha. Ela é matriculada num Colégio inglês. Esta medida não está associada a uma questão de identidade étnica, mas uma questão de classe social e de cultura num sentido mais macro, a cultura ocidental. Por mais que o colégio não fosse alemão ou judaico. Muita semelhança Regina encontraria.

SALA DO DIRETOR DA ESCOLA INGLESA:

Ela possui uma cortina estampada. Um móvel próximo à janela com um globo terrestre. A mesa possui uma luminária



-“ Meu nome é Regina Redlich. Quería me ver?”

-“Então você é a menina judia?”(Regina balança a cabeça. O diretor bota a mão no ouvido e curva a cabeça em direção a Regina).

-“Como disse?”

-“Sim senhor, sou judia”

- “Gosta do Quênia?”

- “Sim gosto da África. E gosto muito de Owuor”

-“Quem é Owuor?”

-“Nosso cozinheiro”

-“Ele veio de Rongai a pé até Ol Joro Orok para morar conosco. Trouxe nosso cão. Owuor é Jalu. Os outros todos da fazenda são Pokots, exceto Daji Dawan que é indiano. E nós claro que somos alemães. Mas não nazistas.”

Esta apresentação de si mesma, feita por Regina ao diretor da escola, mostra-nos como a existência de Regina, suas experiências particulares, a sua relação pessoal em Rongai ou OL Joro Orok, possibilitaram uma vivência com esses lugares que diminuiu todas as distâncias. Ela tornou-se sujeito de sua própria trajetória, do seu percurso, e, como nos afirma Berdoulay (1999), o sujeito tem lugar.

Se o sujeito é autor da sua própria trajetória e se lugar é o espaço vivido, Regina encontrou o seu no mundo ou os seus lugares no mundo. Talvez ele nos indique que é possível neste mundo, repleto de lugares possíveis, passar por todos eles e deixar que todos eles nos toquem e que também com nossas experiências contribuir para sua permanência ou modificação.

O sujeito da experiência não é somente passivo, mas ele também é agente de sua história individual e da história da coletividade do lugar, portanto, do próprio lugar.

Regina vai indicando os grupos sociais com suas identidades específicas e sua naturalidade em construir a si e aos outros aponta que em nenhum momento seu pensamento é hierárquico ou etnocêntrico.

Também as escalas de pertencimento não são hierarquizadas. Não há distinção entre os países elencados, os locais indicados, as culturas dos povos, as pessoas apontadas como importantes para se auto-apresentar. Cada uma destas escalas de existência humana se manifesta de maneira distinta na vida de Regina, dando existência ao seu lugar pessoal, subjetivo, que lhe permite olhar para o lugar geográfico onde vive com a abertura e não hierarquia manifestada em seu tom de voz ao falar com o diretor.

Na acepção que tomamos neste trabalho, os lugares são espaços vinculados à existência de cada indivíduo, às suas experiências particulares, à sua relação

peçoal com o entorno, à percepção que este indivíduo / sujeito tem desse entorno, de acordo com condições culturais e pessoais. É aqui, neste contexto, que a diversidade cultural joga um papel de peso na constituição dos sujeitos, dos lugares e de suas geografias.

CAMINHO:

Regina volta à fazenda e é recebida por Owuor. Ele a abraça e gira o seu corpo. Esse artifício é usado para dar a idéia de passagem de tempo. Quando ele coloca Regina no chão ela já será uma jovem. Não só o tempo está adensado nesta cena. Também o afeto entre Regina e Owuor, entre a menina européia e seu guia africano, entre o louco e o mago.

QUARTO DE CASA:

Pouca luminosidade, é dia e faz sol. Notamos isto por causa da janela de vidro. Regina está vestindo um vestido branco com detalhes marrom escuro.

-“ É tão lindo, mamãe, agora entendo porque você o queria tanto. “

-“Não lembro nada da Alemanha.” (A câmera mostra o rosto de Regina em destaque).

-“Só quando como nozes... Aí penso no vovô” (Jettel mastiga, olha para baixo, seu cabelo está molhado).

-“ Mamãe...”(Ela olha para a filha, mas apenas o rosto de Jettel é mostrado).



- “Por que odeiam tanto os judeus? Você e papai não são judeus de verdade.”

Jettel abaixa os olhos, está quase encostada na parede; do lado esquerdo da cena entra uma pequena claridade pelo vidro da janela.

- “Vocês comem tudo que é carne e não rezam, não é?” (Jettel sorri)

- “Aqui, às vezes, eu rezo.”

Regina encosta o queixo no travesseiro e coloca uma das mãos na frente.

“- Na escola, dizem que os Judeus mataram o filho de Deus.”

-“O judaísmo nunca foi importante para seu pai e eu.”(silêncio) “Nós pensávamos que éramos tão alemães quanto os outros.” (silêncio, olhando para o nada).

“- A cultura alemã, o idioma... Lá era nosso lar.”

Na escola, Regina “redescobriu” sua identidade judaica. Enquanto vivia na fazenda era uma mensaab, que não estabelecia muitas distâncias entre ela e a população local, com seus hábitos e costumes. Os nativos ignoravam essa questão religiosa entre cristãos e judeus . Essa identidade não era revelada nem por ela nem pelos outros. Naquele local, não havia “espaço” para esse tipo de vivência, a do judaísmo, a não ser em alguns momentos mais íntimos dela com os pais.

No tempo fílmico que se passou até essa sequência, ainda não tinha havido uma chamada para essa questão identitária. O Quênia é uma colônia inglesa, portanto o cristianismo é marcante nas instituições A escola, por exemplo, era voltada aos ingleses e seus descendentes que ali viviam. Logo que Regina chega à escola, que é anglicana, o pastor quando dá início ao ritual. Rezando o pai-nosso, pede às alunas judias que se encostem à parede. Em Rongai ou OL Joro Orok, o antagonismo entre o judaísmo e o cristianismo não era vivenciado. Para aqueles que migram, que se deslocam de um ponto a outro do espaço geográfico, as distinções entre cada um destes ambientes os coloca diante de

seus lugares identitários de maneira diferente. Regina, e também sua família, por serem pessoas com identidades mistas, vivenciam isto de maneira intensa.

COLÉGIO DE REGINA-

Walter vai até ao Colégio comunicar à filha que recebeu convite para voltar para a Alemanha.

PARTE EXTERNA:





Walter se despede de Regina. Está de partida para Nairóbi. A menina está descascando batatas. Ele está uniformizado. Regina está encostada na parede da casa. Há uma bicicleta; ele a coloca no carro. Regina está encostada no lado de fora da parede da cozinha descascando batata com uma faca.

- “Hei mocinha trabalhadeira. Está fazendo o serviço de Owuor?”
- “A mamãe precisa de sua ajuda. É época de colheita.”
- “Ela se virou muito bem sem mim nos últimos anos.”
- “Eu preferia estar na escola a estar aqui. Por que isso? Papai. “(Ele abraça a filha e diz:)
- “- Não sei.”

Mais uma vez, Owuor é o responsável pela anunciação dos acontecimentos que fazem parte destes lugares que existem na África. O inseto pousa nas batatas que estão dentro da panela. Regina pega o pequeno animal em silêncio, sem temor. Não há nenhuma expressão contundente. Por mais que já tenha passado muito tempo na África, algumas coisas Regina ainda não viveu. Ao ignorar o gafanhoto, ela demonstrou total desconhecimento sobre a possibilidade de este inseto destruir a plantação. Owuor anuncia que o inseto é um gafanhoto, para em seguida explicar o que eles fazem com a plantação. Owuor, o nativo que conhece a dinâmica do universo africano. Os gafanhotos também estabelecem uma trajetória neste lugar, estão de passagem, são provisórios. Massey (2008) ao analisar o lugar como eventualidade, afirma que no lugar tudo se move, não só os seres humanos e os continentes, mas animais, plantas estão em constante movimento, modificando os lugares. Sendo assim, os gafanhotos elaboraram uma trajetória que modificou a configuração de Ol Joro Orok.

Os não-humanos têm, também, suas trajetórias, e a contingência do lugar exige, não menos do que dos humanos, uma política de negociação e, talvez, num sentido sério, freqüentemente negociações fracassadas, dada a resposta da “natureza”(Massey, 2008,p. 228)

No caso dos gafanhotos a negociação com os humanos pode está propensa ao fracasso, pois antes deste lugar se constituir como produtor de milho, estes insetos já estabeleciam suas trajetórias nele. Desde os tempos bíblicos, existem relatos deste tipo de “praga”. Eles são anteriores à colonização européia.

Esta situação, também, nos deixa claro a diferença de pertencimento no lugar de um adulto nativo e uma criança que veio de um outro lugar. Walter estava

tranquilo na sua ida a Nairóbi. Os gafanhotos bateram no vidro do seu carro, mas inicialmente ele não teve uma reação. Foi preciso uma anúncio feita por Owuor e pelos trabalhadores da lavoura para que ele saísse do carro e fosse ajudar a mulher.

QUARTO:



Regina caminha em direção ao quarto dos pais. Os três estão deitados na cama. Walter acorda e beija Jettel, Regina está no meio dos dois.

Por mais que Regina tenha, como sujeito da experiência, se deixado tocar, a experiência promova vários acontecimentos provocados por suas várias interrupções, Regina parou para pensar, parou para escutar, parou para olhar, pensou mais devagar, escutou com calma, olhou mais devagar; por mais que tenha parado para sentir, sentido mais devagar, ter se demorado nos detalhes, suspenso a opinião e o juízo (Larossa, p. 6), neste momento faz uma comparação. Desde que chegou à África, viveu essa dicotomia entre a lógica dos

lugares africanos e a lógica trazida da Alemanha. Nas partes internas das casas, os objetos, palavras, conduta moral, identidade cultural, estavam repletas de referências da Alemanha; nas partes externas, os objetos, a natureza, a religiosidade eram dos lugares africanos. O rosto dela demonstrou desapontamento. Se o beijo é algo bom, sublime que serve para demonstrar afeto, por que os homens e mulheres da vila não se beijavam?

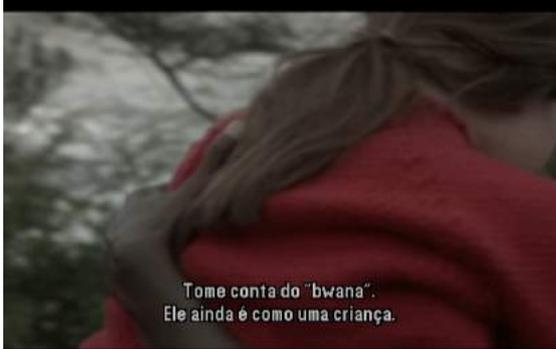
Os momentos da vida fazem com que se aflorem em nós certas marcas de nossa história e identidade. No momento em que o pai decide voltar para a Alemanha, Regina sente a iminente separação dos dois. As tensões identitárias estão postas ali, naquela cama. Daí ela trazer para aquele momento algo que possa evitar a separação, o sentimento do amor, de pertencimento comum que une não só ela e o pai, mas também a mãe e o pai, em distinção a todo o entorno africano. O beijo e a ausência dele: uma marca distintiva.

COZINHA:











Regina, em nenhum momento está fazendo uma referência ao lugar. Ela viveu uma jornada de mais ou menos dez anos, na África. Numa fase onde as crianças estão desenvolvendo a personalidade, em fase de desenvolvimento. Ela tinha vivido um período da sua infância, na Alemanha. Mas, como afirmara no início do filme, ela não conseguia lembrar muito bem da Alemanha. Lembrava da neve e do avô. Logo, sobre o lugar Alemanha, a natureza e as relações familiares eram os elementos que caracterizavam aquele lugar.

Na África ela viveu intensamente fora de casa, conduzida por Owuor frequentou rituais religiosos, interagiu com as crianças nativas, foi para uma escola inglesa, convivia com os pais alemães. Podemos afirmar que a trajetória de Regina, o seu percurso, está longe de ser linear. Ela pode ser caracterizada como um sujeito da experiência:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do

sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (Larrosa, 2001, p, 26-27).

Regina, em alguns momentos, teve estranhamentos com as coisas novas, mas de uma certa forma buscou encontrar sentido nos variados acontecimentos cotidianos; mesmo que não os tenha incorporado como modo de vida, deixou ser tocada. Ela parte para Alemanha aberta a todas as novidades que estão por vir.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE NAIRÓBI:

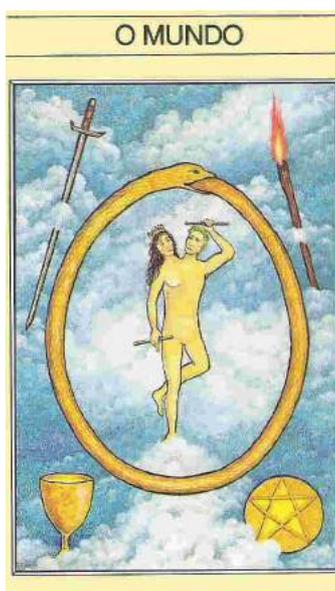


Ao longo do seu percurso nos lugares da África em que Regina esteve, sua vida passou por várias transformações. Ela efetivamente se tornou sujeito da experiência. Os lugares com seus objetos, suas ordenações, suas lógicas foram vividos e compreendidos. Os acontecimentos, nesses lugares a tocaram profundamente, ficaram para sempre, assim como o deus Ngai. Segundo Tuan: A religião tanto pode vincular uma pessoa ao lugar como libertá-lo dele. O culto aos

deuses locais vincula um povo ao lugar, enquanto as religiões universais dão liberdade. (1983, p.168).

Ao evocar o deus Ngai, Regina está a nos dizer que está vinculada ao Quênia para sempre. Ela não fez nenhuma referência ao Deus dos judeus, mesmo que consideremos que, na tradição judaica, Deus é um nome que não se pode pronunciar. Talvez a relação com o sagrado, na África, seja mais adequada à experiência de Regina. Esta forma de vincular Regina a África pelo sagrado não significa que ela não tenha em sua vida outras formas de vinculação com esta “nova” Alemanha para onde ela vai voltar.

Penso que a carta do Tarô, o Mundo seja pertinente para fechar a trajetória de Regina na África.



No nível psicológico, Hermafrodito é a imagem da experiência de sermos inteiros, completos. Masculino e feminino representam muito mais do que simples identificações dos órgãos genitais. São as grandes polaridades que circundam todos os opostos da vida. O ser bissexual, que nasceu numa versão mitológica e se realizou em outra, é o símbolo da integração dos opostos dentro de uma só personalidade. A partir do momento que Hermafrodito nasce, o potencial de integração está

inerente a cada um de nós. Por outro lado, Hermafrodito se realiza em razão das várias experiências dessa viagem dos Arcanos Maiores que conduzirão o indivíduo à totalização do próprio ser.

A imagem de complementação, de integração total, conforme está descrito na carta, é o objetivo ideal; é algo muito mais importante do que qualquer coisa que possamos adquirir na vida. Entretanto, somos humanos e por isso mesmo imperfeitos, e a divina androgenia está além do nosso alcance. Todavia, existem momentos em que podemos percebê-la, quando sentimos que os elementos em conflito de nossa própria personalidade finalmente aquietaram, que ocorreu uma resolução interna para a trégua e a paz pode ser sentida.

No nível divinatório, a carta do Mundo, implica um período de realizações e de totalização. É momento do sucesso, da finalização positiva de um processo ou de uma questão; o instante de alcançarmos um objetivo. Entretanto, o apogeu, o ápice é apenas o vislumbre de algo vago e misterioso que está para surgir.

A totalização de que fala a carta o Mundo faz referência a uma vida intensa e inteira. Simboliza o que era possível ser vivido de acordo com as nossas condições dentro de uma trajetória. Esta carta anuncia a última etapa da viagem do louco, mas prenuncia o início de outra viagem. Nesse caso, a viagem de retorno para a Alemanha.

TRAJETÓRIA DE JETTEL E OWUOR

Nas primeiras imagens do filme, Regina narra sua trajetória e de sua família, da Alemanha para o Quênia. A primeira entrada de Jettel é numa montanha coberta de neve. Ele está com Regina. A menina narra que já percebia que havia uma perseguição à sua família. Ao perguntar a mãe o motivo, esta lhe respondeu “porque somos judeus”. No espaço filmico, Jettel é a primeira pessoa a revelar a Regina que ela não era apenas uma menina que tinha pai, mãe, tias e avós. Eles eram judeus. Neste momento, na Alemanha, ter esta identidade, pertencer a este grupo, era certeza de exclusão, de problemas.

APARTAMENTO NA ALEMANHA:





Jettel está com uma taça na mão conversando com três homens. Uma casa espaçosa com vários cômodos. Ela vai até a porta para receber novos convidados. Ouve passos descendo as escadas.

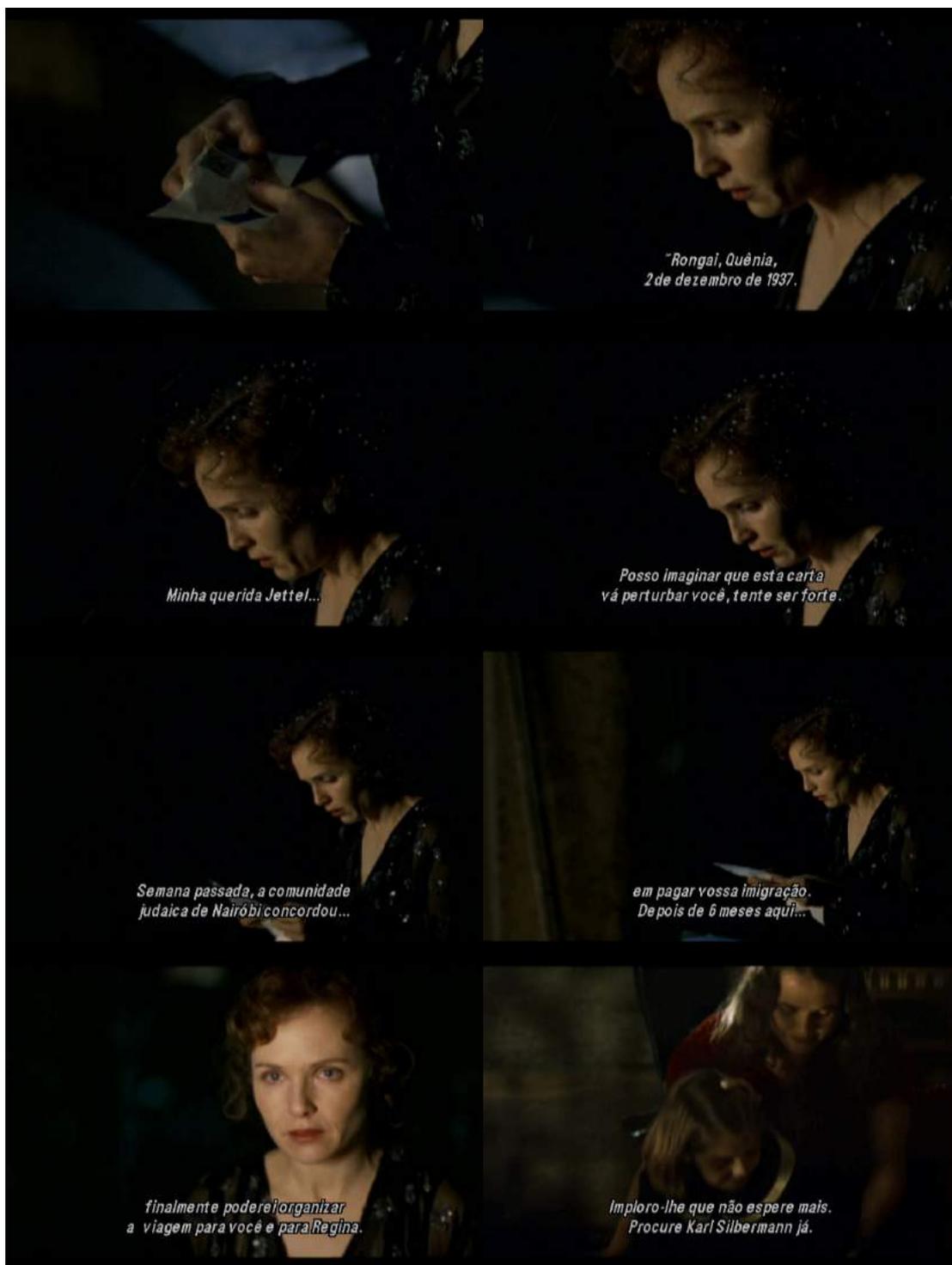
Jettel está na casa de seus pais onde há uma festa, Fora do apartamento faz frio, neva e o perigo da perseguição. “Não fale com judeus”, vai simbolizar, que fora da casa, do lar, distante do convívio com seus iguais, viver nesse lugar, tornou-se ameaçador. Tuan nos diz que: lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas (Tuan, 1983, p. 158)

Nessa situação o fato de haver uma intolerância em relação aos judeus torna o lar o refúgio onde os laços de afeto da família e dos amigos tornaram-se uma necessidade fundamental. Pois são estes laços de afeto e laços de parentesco que vão dar a idéia de existência e pertencimento ao mundo e à vida. Este refúgio existe frente à vulnerabilidade provocada pelo inverno e a política nazista de ódio aos judeus. O mundo fora de casa tornou-se ameaçador, mas, apesar disto, dentro de casa, no lar, ainda era possível celebrar a vida. Mas bastava abrir a porta, atravessar este limite que a ameaça chegava. Os meninos, quando disseram “não fale com judeus”, estavam dizendo, “nós somos diferentes, somos superiores, temos que manter uma distância”. Eles estavam reproduzindo a política anti-semita do Estado alemão. Neste caso, essa política de Estado vai interferir no lugar, aqui sendo associado ao espaço vivido. Os garotos são vizinhos de Jettel. Este prédio pode ser fruto de várias trajetórias, mas, nos exemplifica que uma harmonia, um ajustamento pode não ser alcançado. Mais uma vez recorreremos a Massey (2008):

Essas constelações temporárias de trajetórias, essas eventualidades que são os lugares, requerem negociação(...)

Além disso, os lugares variam, e assim também varia a natureza da negociação interna que eles demandam. “Negociação” aqui quer dizer o uso dos meios através dos quais o ajustamento, de qualquer forma sempre provisório, pode não ser alcançado. (p.219)

QUARTO DO APARTAMENTO:







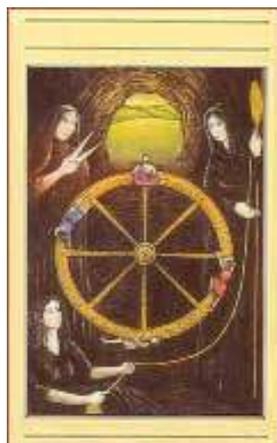
*Oh, Jettel, meu coração parece
explodir só em pensar...*

*que vou abraçar você.
Mas fica triste...*

*ao imaginar como esta carta
vai magoar sua mãe."*

Jettel segura um vestido. Está com a irmã Käth. A empregada entra e entrega uma carta da África. Jettel abre o envelope para ler:

A chegada desta carta vai ser um divisor na vida de Jettel. O marido já estava no Quênia, agora era necessário que ela fosse ao encontro de Walter com a filha. A vida estava tomando um rumo, não lhe oferecendo muitas escolhas. Na Alemanha, havia uma ameaça a sua integridade física. Na África, estava o seu marido. Na carta da Roda da Fortuna há uma simbologia que está aproximada a este momento na trajetória de Jettel.



No nível psicológico, as três Moiras configuram a misteriosa lei que atua dentro dos indivíduos. É essa mesma lei desconhecida que determina as súbitas mudanças e que, por sua vez, altera os padrões preestabelecidos da vida(...)

No nível divinatório, a Roda da Fortuna prenuncia uma mudança brusca na vida, que tanto pode ser boa ou ruim. De qualquer forma, a virada da Roda sempre traz o crescimento e inaugura uma nova fase da vida. Não podemos saber o que nos espera, ou melhor, o que encontraremos. Entretanto, por trás das mudanças estão as Moiras, a imagem do centro interno. Assim, o Louco é atirado de seu pedestal e começa a descer na direção de sua própria sorte.”

(Greene e Sharman – Buke p. 58- 59).

Jettel é levada, de forma quase involuntária. Seguindo a roda da vida que a fez migrar para a África. É uma mudança brusca que, nesse momento, não se sabe se será boa ou ruim; para ela poderá surgir à solidão de não pertencer, pois a África é um lugar totalmente desconhecido. Na Alemanha, sua identidade judaica não era muito vivenciada, mas ela pertencia a uma totalidade social que a fazia se sentir pertencendo a algo que era maior que ela mesma.(Bezerra, 2005 p. 205). Na África, haveria a solidão de não pertencer.

ESTAÇÃO DE NAIRÓBI:

Jettel desce do trem e pede a Regina para pegar uma pequena mala. Ela observa a estação ferroviária cheia de pessoas. Um homem paraplégico arrastase pelo chão. Mulheres de cabeça raspada, algumas mulheres com véu, homens com turbante circulam. Jettel é recebida por Morison, o dono da fazenda.

Jettel e Regina estão no carro numa paisagem árida. Efetivamente ela vai concretizando o início da sua jornada do seu percurso.

Jettel desce do carro e abraça Walter. Eles estão em frente à varanda da casa da fazenda. Eles se beijam e Valter diz:

- “Agora está tudo bem, minha querida.”

UMA ROCHA NO TERRENO DA FAZENDA:



Jettel está sentada sobre uma rocha, olhando a paisagem. A câmera mostra suas costas. Depois da rocha, há uma espécie de depressão com uma vegetação densa, árvores com vários tons verdes. Depois dessa depressão, há uma parte mais elevada. E mais adiante, uma montanha. Um menino caminha vagarosamente sobre a rocha. Jettel não percebe. Ele toca no seu cabelo, ouvem-se risadas. Um grupo de crianças e mulheres com jarros na cabeça. Jettel levanta e observa o grupo. Ela sorri. Massey (2008) nos traz uma contribuição sobre este gesto do menino:

Era uma tentativa de instigar um entendimento desse lugar como permeável, de provocar um viver do lugar como uma constelação de trajetórias. Tanto “natural” quanto “cultural”, onde, se até mesmo as rochas se movem, a questão que deve ser colocada é o que pode reivindicar com sendo pertencimento, onde, pelo menos, a questão pertencimento precisa ser formulada de uma nova maneira.(p.214-215)

Massey faz esta afirmação ao falar de uma rocha que apareceu no rio Elba, Alemanha. Para ela, o lugar é local de várias trajetórias, sejam elas humanas ou não. Indica também que o lugar está sempre aberto neste sentido temos nesta seqüência, o lugar Rongai que é palco da trajetória de Jettel, do menino africano e da rocha. Jettel migrou da Alemanha; o menino pode pertencer a um dos grupos étnicos que estavam agora no Quênia. O Quênia era uma colônia britânica, portanto produzido pela trajetória do Reino Unido na África. A rocha teve seu processo de formação em outro lugar e um período geológico, mas agora assim como os humanos, árvores e animais configuram este lugar que está em processo contínuo de transformação. Tudo está se movendo.

Ao analisar os aspectos geológicos do noroeste da Inglaterra ,quando fez uma viagem de fim de semana com a irmã, onde existe uma montanha chamada Skiddaw, Massey (2008), mais uma vez nos auxilia,

As rochas de Skiddaw são rochas imigrantes. Apenas passando por aqui. Como minha irmã e eu, apenas mais lentamente, e mudando todo tempo. Se não podemos voltar para " casa", no sentido de que ela terá se movido de lugar em que a deixamos, então, no mesmo sentido, não podemos mais, em um fim de semana voltar para a natureza. Ela também está se movendo. (p.198)

Jettel está sentada numa rocha que está se movendo, se erodindo, se transformando. E a Alemanha, sua "casa", continua em seu processo de transformação.

PARTE EXTERNA:





Jettel verbaliza a condição de quase todo migrante que é a provisoriedade. Neste momento, ela não estabelece nenhum juízo de valor sobre o lugar de chegada, mas deixa claro o seu desejo em retornar à Alemanha. Sobre a imigração:

Uma das características fundamentais do fenômeno da imigração é que, fora algumas situações do fenômeno da imigração é que, fora algumas situações excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade. Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação de parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com intenso sentimento de provisoriedade.

(Sayad, 1998, p.45)

Nesta seqüência, Jettel não se enquadra em nenhuma das perspectivas analisadas por Sayad, mas ainda estamos no início da sua trajetória. Ela está numa excepcionalidade do fenômeno da imigração.

PARTE INTERIOR DA CASA DA FAZENDA:





Não há divisão entre quartos e sala. É um único cômodo. Owuor retira uma porcelana que estava envolta em um jornal.

-“Essa não! Não desembale a porcelana. Não ficaremos aqui por muito tempo.”

Jettel segura um quadro na mão, retira as porcelanas da mão de Owuor e guarda numa caixa. Dirigiu-se a uma parede, retira um chifre e pendura o quadro. Esse quadro é de uma paisagem, que é diferente da paisagem de Rongai. Jettel está buscando um retorno à Alemanha ou manter um contato permanente com aquele lugar. Para Tuan:

O lar é um lugar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio, que somente pode ser visto, como pelos seus elementos e mobiliário, que podem se, tocados e também cheirados: o sótão e a adega, a lareira e janela do terraço, os cantos escondidos, uma banquetta, um espelho dourado, uma concha lascada. Nas coisas menores e mais familiares, a memória tece as alegrias mais intensas e nos mantém a mercê através de ninharias, algum som, o tom de uma voz, o odor de piche e de algas marinhas no cais [...] Este é certamente o significado de lar – um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores.

Neste caso, Jettel está nos dizendo que o seu lar é a Alemanha e que Rongai é apenas uma pausa na sua trajetória. Por ser um lugar transitório ela precisa de determinados objetos que não a fazem perder de vista seu lugar de origem. Por outro lado determinados objetos trazidos da Alemanha devem permanecer encaixotados, pois não fazem sentido em Rongai. E como ela está apenas de passagem é melhor que fiquem guardados para serem reutilizados no retorno à Alemanha. Ela assopra para tirar o pó, e passa os dedos sobre o vidro do quadro. Pega umas taças e entrega ao empregado. Ele as leva para fora da casa, há uma mesa de madeira forrada com uma toalha. E sobre a mesa dois castiçais com vela. Há três cadeiras ao redor da mesa. Venta. A toalha da mesa balança.

Regina, ao chegar a África, viveu de forma intensa o sentido da experiência, como já foi citado, Larrosa (2001) nos afirma que *a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca*. Para Jettel, por enquanto, as coisas estavam apenas

passando, acontecendo, tocando. Ela não pertencia à esse lugar e procurava objetos que lhe trouxesse de volta à Alemanha. Ao dizer aprenda alemão para falar comigo, estabelece uma distância entre ela e Owuor.

Uma diferença que todos fazem é entre “nós e “eles”. Nós estamos aqui; nós somos esta afortunada estirpe de homens. Eles estão lá; eles não são completamente humanos e vivem naquele lugar. Os membros do grupo-nós são amigos chegados entre si, estão distanciados dos membros do outro grupo (eles). Aqui vemos como os significados de “chegados” e “distanciados” são uma combinação de graus de intimidade interpessoal e distância geográfica (Tuan, 1983,p.34).

No caso de Jettel e Owuor, essa criação do outro é feita pela mulher. Apesar de estar na África, Rongai é “aquele” lugar. A Alemanha é onde ficaram os membros do seu grupo e ela está distante deles, mas o quadro, as louças diminuem está distância. Apesar da proximidade física com Owuor, ele precisa ficar distanciada dela.

Owuor é empregado da fazenda, nasceu em Rongai e ele e Jettel estão cada vez mais estreitando este encontro de trajetórias. Tuan, ao nos falar sobre o lugar, sobre estas distâncias não nos fala sobre como estes conceitos podem estar impregnados de relações de poder. Nesse sentido mais uma vez recorreremos a uma citação já feita por Doreen Massey quando nos revela as relações de poder que se estabelecem no lugar:

Se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de estórias-até-então, lugares são portanto coleções de estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções , dentro desse cenário mais amplo e aquilo que delas é feito. Mas também dos não encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões. Tudo isto contribui para a especificidade do lugar.

Viajar entre lugares é mover -se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com os quais nos relacionamos.(Massey, 2008, p. 190)

Além disso, Massey nos chama a atenção de que precisamos encarar o lugar não como uma unicidade, mas como lócus de varias trajetórias que precisam de negociações para existir no lugar:

Reconceituar o lugar dessa maneira coloca em pauta um grupo diferente de questões políticas. Não pode haver suposição de coerência preconcebida ou de comunidade ou identidade coletiva. Em vez disso, o acabar juntos do lugar exige negociação. Em flagrante contraste com a visão de lugar como estabelecido e preconcebido. Com uma coerência a ser perturbada por forças “ externas”, lugares tal como apresentados aqui, de certo modo, precisam de invenção, colocam um desafio.[...]
Eles exigem que, de uma forma ou de outra, confrontemos o desafio da negociação da multiplicidade.(p.204)

A Inglaterra produziu um lugar chamado Quênia, que possui várias trajetórias. Owuor pertence a um determinado grupo étnico que, provavelmente, habitava um lugar que era muito diferente deste. A Inglaterra foi uma força externa que perturbou a lógica de organização e agora Jettel é mais uma força “externa” que, através de uma relação de poder, cruza a sua trajetória de vida.

PARTE ESTERNA DA CASA:

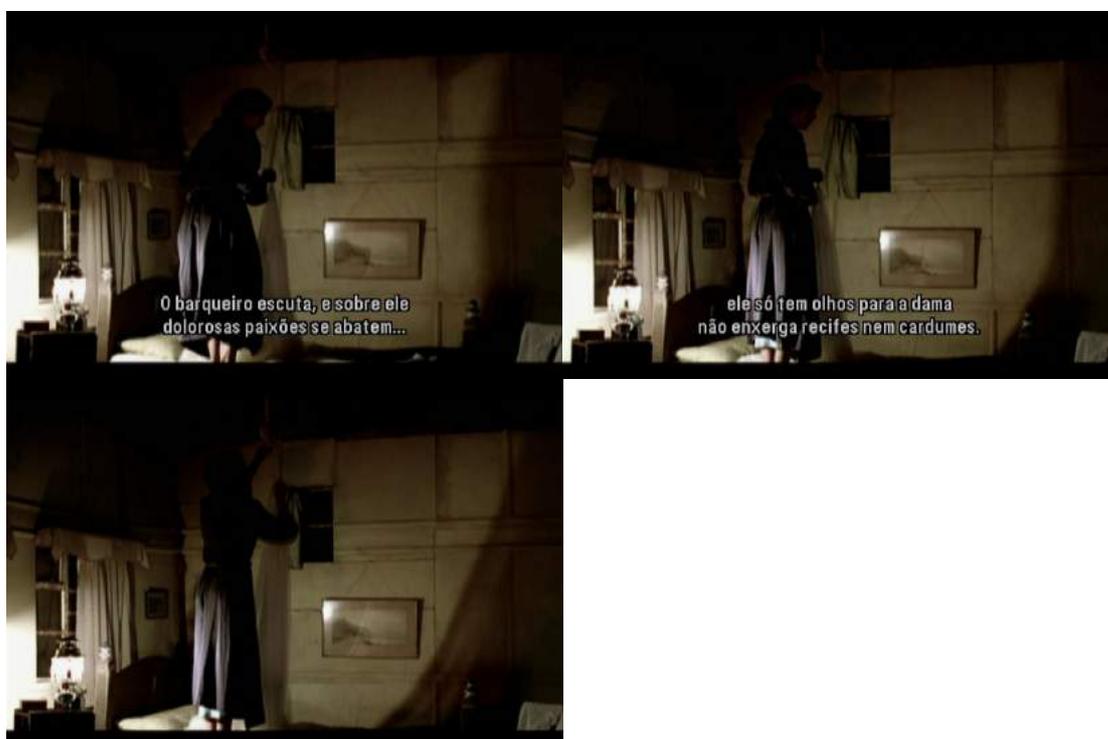




A família e Süsskind em torno da mesa no ritual do Kiddush. A idéia de lugar defendida pela geografia humanista pode nos ajudar a interpretar esta seqüência ou trajetória fílmica. Nela, o lugar é definido a partir daquilo que é vivido e que dá sentido, significado a existência, levando em consideração os objetos humanos e não-humanos, matérias e imateriais, naturais e artificiais que estão localizados nos espaço imediato. Neste caso, podemos observar que eles trazem para Rongai um elemento religioso que na Alemanha não significava uma marca de identificação, mas, na África, onde marcas de identidades com o lugar ainda não estavam construídas, passou a fazer sentido trazê-las. Talvez seja pertinente concluir que a política anti-semita de Hitler trouxe de volta marcas da identidade

judaica que não eram vivenciadas na Alemanha. O ritual religioso é muito simbólico, pois era como se estivesse apelando para o sagrado, misericórdia e providência divinas para uma jornada que poderia não ser muito fácil. Na Alemanha, antes da ascensão do nazismo, a vida da família Racchlich era bem organizada, mas agora em Rongai estavam sentindo a falta de Deus, para trazer calma, paz, paciência e possibilidades de melhoras.

QUARTO DA FAZENDA:



Regina está deitada na cama sobre um travesseiro marrom e bebe enquanto o pai declama um poema O Kiddush foi uma forma de trazer de volta a Alemanha. Ao declamar o poema “A Canção de Lorelei”, mais uma vez a memória sobre a Alemanha volta. O que nos chama atenção é forma como a identidade desta família foi construída. O Kiddush é um ritual da religião judaica, e eles o recriam em solo africano, embora, tenham enfatizado que não eram tão religiosos assim. O poema, a Canção de Lorelei, fala sobre um mito, uma lenda antiga da cultura alemã. Foi escrito por um poeta chamado, Heinrich Heine. Ele nasceu

numa família de judeus assimilados e mais tarde se converteu ao cristianismo luterano. Ao que se sabe, este ato de conversão religiosa teria sido uma forma de se proteger das proibições e restrições que tinham aos judeus, mesmo antes do nazismo. Ele morreu em Paris em 1856. Assim como a família Redlich, viveu muito tempo fora da Alemanha.

PARTE EXTERNA:





Jettel está com os joelhos no chão. Está cavando a terra com a faca. Coloca batatas nos buracos, Owuor está encostado na parede da casa. Nesta seqüência há um processo de estranhamento recíproco. Jettel, em relação à divisão sexual do trabalho de Rongai e das mulheres de Rongai em relação á Jettel, quando ela é ajudada por Owuor. Todas as vezes em que dois grupos com características culturais distintas encontram-se em um determinado lugar isto pode ocorrer, pois ambos possuem visões de mundo que nascem de sua vivência. E essa visão pode significar uma tentativa apressada de explicar o universo do outro:

Isto é a eventualidade do lugar, em parte, no simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa. Este é o lugar enquanto aberto e enquanto internamente múltiplo não capturável como um recorte através do tempo no sentido de um corte essencial Não intrinsecamente coerente. (Massey, 2008. p.203)

O encontro de Jettel com as mulheres neste ritual cotidiano de “pegar” água, os estranhamentos, significam esta possibilidade de encontros de trajetórias que possuem diferenças culturais, sociais e econômicas. Jettel vinha de um lugar onde a água era encanada. Ela não precisava manter um contato direto com a natureza, com a terra, para retirar esse elemento necessário ao seu cotidiano.

Em relação a este estranhamento inicial, Hochschild (1999) relata que este processo pode existir antes mesmo que dois grupos se encontrem efetivamente num lugar. Segundo ele, muito antes de chegarem à África, os europeus tinham idéias sobre o continente:

Quando os europeus começaram imaginar a África para além do Saara, idealizaram um continente fantástico, povoado por excentricidades tenebrosas e sobrenaturais. Ranulf Higden, monge beneditino que mapeou o mundo por volta de 1530, dizia que a África era habitada por gente de um olho só, que usava os pés para cobrir a cabeça. No século seguinte , um geógrafo anunciou que o continente era habitado por povos

pernetas, com três caras e cabeça de leão. Em 1459, um monge italiano, Frau Mauro, declarou que a África era o habitat do Roca, um pássaro tão grande que podia carregar um elefante no bico.(página 15)

Essas visões, que nascem antes mesmo do encontro da convivência, do encontro destas trajetórias no lugar, contribuem para estes estranhamentos. O mesmo Hochschild relata os mitos que alguns africanos criaram no primeiro contato com os europeus:

Eles acreditavam que os brancos transformavam a carne dos cativos em carne – seca e o cérebro em queijo e o sangue em vinho tinto que os europeus bebiam. Os ossos africanos seriam queimados e as cinzas virariam pólvoras. Os imensos caldeirões ferventes de cobres que se viam nos navios eram, segundo se acreditava, onde todas essas transformações ocorriam. Os índices de mortalidade dos navios negreiros que zarpavam da costa do Congo aumentaram ainda mais quando alguns escravos começaram a recusar a comida que lhes era dada, já que acreditavam que estariam comendo aqueles que tinham partido antes deles. (p.24-25)

PARTE EXTERNA DA FAZENDA. PRÓXIMO A CASA:







O fogo é uma ameaça real. O sol forte na vegetação seca provoca estes incêndios espontâneos. Jettel sente-se ameaçada. Está num lugar onde natureza é bem distinta da Alemanha. A carne que ela deseja tanto para se alimentar não está disponível, apesar de criarem gado. Quando ela faz referência à espera da chuva está nos indicado que na Alemanha não havia esta escassez, estas estiagens.

Na Alemanha ela tinha dinheiro e bastava comprar os alimentos, em Rongai, a lógica era outra. Neste caso a família tem um acesso restrito aos recursos do lugar. Eles partiram da Alemanha com esta mesma limitação. Podemos abordar a Alemanha como um lugar, mas também como um território político, o Estado Alemão, que através de uma política restritiva retirou direitos dos judeus que se transformaram em desterritorializados:

Devemos começar por lembrar que a figura do migrante é extremamente diversa, envolvendo múltiplas culturas e classes sociais, e que a própria migração é movida pelos mais diferentes fatores e visa aos mais diversos objetivos. Falar em desterritorialização no sentido da destruição do

território enquanto dimensão física, material e válido para alguns grupos específicos. (Haesbaert, 2004, p.36)

Walter, o marido de Jettel, foi desterritorializado do ponto de vista estrito, pois perdeu o direito ao trabalho, a sua sobrevivência. Então de alguma forma, o seu território foi destruído fisicamente e materialmente já que na Alemanha ele perdeu o direito à moradia e ao trabalho.

PARTE INTERNA DA CASA:



Walter aponta para Jettel que ela está tratando Owuor de forma etnocêntrica. De certa forma ela está reproduzindo uma das lógicas nazistas, pois para ela o fato dele ser africano, não falar alemão o tornava inferior a ela.

FRENTE DA CASA E VARANDA:

Owuor aponta para uma direção.

-“ Os caminhões estão vindo muito depressa.”

Ele pega Regina pela mão e corre para dentro da casa. Os caminhões param em frente à varanda. Os soldados descem e um deles diz:

-“ Senhor Redlich, temos que prendê-lo. Estamos em guerra.”

Jettel sai da varanda e vai em direção ao caminhão.

-“ Süsskind. O que significa isso?”

- “Não escutou no rádio?” (Süssekind está dentro da carroceria do caminhão). “A guerra estourou, vamos ser internados.”

Walter vai para perto de Süsskind.

-“ Não vai pensar que vou deixar Jettel e Regina aqui.”

-“ Não se preocupe. Os ingleses são confiáveis. Vão nos levar para Nairóbi.”

Jettel segura a mão de Süsskind.

-“ Não preciso me preocupar, tem minha palavra de honra.”

HOTEL-PRISÃO:

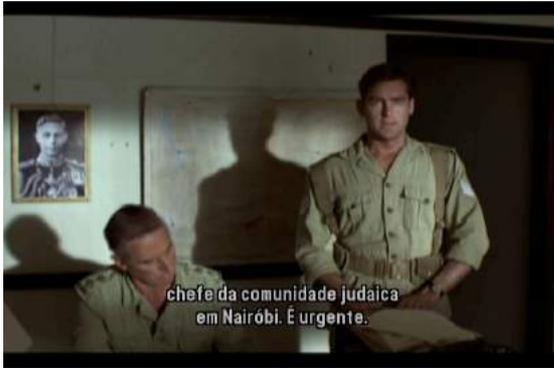
O prédio do hotel fica no alto de uma colina. Ele é feito de alvenaria. Suas paredes externas são brancas. As mulheres são recepcionadas por homens que usam uma espécie de chapéu vermelho na cabeça, eles servem suco. Jettel e Regina são conduzidas por um militar que carrega suas bagagens. Passam por um corredor feito de madeira em torno do hotel. Chegam até o quarto junto com uma mulher e outra garota. Jettel pergunta:

-“ Entende tudo isso?”

-“Provavelmente não sabiam onde nos colocar.”

SALA DE O COMANDO MILITAR:





Jettel tenta falar em inglês para permitir uma autorização especial para sair do hotel. Ajudada pelo militar que fala alemão. Ela deseja visitar o chefe da comunidade judaica de Nairóbi.

CASA DO PRESIDENTE DA COMUNIDADE JUDAICA DE NAIRÓBI:



Uma residência repleta de plantas, árvores e um gramado muito verde. Há uma mesa com um pano branco. Jettel, o presidente e a esposa tomam chá. A mulher pergunta:

- “Em que podemos ajudar?”

-“O sr Morrison, dono da nossa fazenda, não emprega inimigos. Sem trabalho, Walter não pode sair do campo. Por isso peço que lhe ajudem. “O presidente diz: -“Acha que vocês são os únicos a sofrer com essa maldita guerra? Acha que somos responsáveis por vocês. Por os deixarmos vir aqui? Vocês estão vivos. Contentem-se por isso. Desculpe, mas não posso ajudar.” (O presidente retira-se do jardim). A mulher conduz Jettel até o portão.

Com a prisão de Walter, a perda do seu emprego e da moradia Jettel resolveu recorrer à solidariedade judaica. Talvez no Quênia lugar com características culturais, religiosas tão distintas dos judeus pudesse reforçar os laços identitários e possibilitar uma ajuda a sua família. A fala do presidente nos remete a afirmação de Petrus (2001):

Vínculos estabelecidos no espaço da emigração são seletivamente acionados e reforçados na imigração, cumprindo diversos papéis nas esferas da moradia e do trabalho e/ou em outras estratégias de sobrevivência. Tais vínculos apresentam-se mais ou menos importantes e intensos em diferentes grupos e momentos. Passam constantemente, porém, por variadas resignificações em função de fatores estruturais e conjunturais, bem como a partir da capacidade de acionamento de antigos e novos recursos relacionais disponíveis para grupos, subgrupos e indivíduos.

Jettel levou em consideração este vínculo identitário que foi estabelecido na Alemanha. A perseguição nazista aproximava todos os alemães que estavam “refugiados” no Quênia, mas sua família não era única e o presidente da comunidade talvez estivesse impossibilitado de auxiliar um grande contingente. Esta situação de peregrinação, deslocamento vivida por Jettel e sua família no contexto da Segunda Guerra Mundial na análise de Canetti é um dos símbolos nacionais dos judeus. Segundo ele não se pode falar das nações buscando entender língua ou território, a literatura, escrita, a história e o governo, mas para ele identificar o que é singular em cada nação é mais pertinente. Importante é buscar os símbolos de cada nação. No caso dos judeus:

[...] o que os torna judeu, qual o vínculo derradeiro, o mais verdadeiro dos vínculos, a uni-los quando dizem a si próprios: sou judeu. Este vínculo derradeiro está no princípio de sua história, e vem se repetindo com fatídica regularidade no curso dessa mesma história: trata-se do Êxodo do Egito.

A imagem dessa multidão a caminhar anos a fio pelo deserto tornou-se símbolo de massa dos judeus. Ela permaneceu tão nítida e palpável como outrora. Antes ainda de assentar-se e espalhar-se, o povo vê se reunido: vê se em peregrinação.(2005, pg177).

INTERIOR DO HOTEL:

Jettel olha pela janela através de uma cortina transparente e o vidro. Ela está observando as crianças brincando. Ela vira-se para dentro e pergunta assustada:

- “O que faz aqui?”

-“Sua investida foi bem sucedida?”

O militar que fala alemão está sentado numa cadeira. No seu alto do seu lado esquerdo, há uma lareira, feita de uma espécie de rocha. E sobre ela objetos cor de prata. Na parede um quadro de paisagem. Ela balança a cabeça negativamente. Ele levanta-se da cadeira.

- “Talvez eu possa fazer algo pela senhora.”

-“O que quer dizer?”

Ele aproxima-se cada vez mais.

-“Procura trabalho numa fazenda para seu marido?” (Ela balança a cabeça afirmativamente.).

-“Tenho um amigo aqui no exército. Ele precisa de alguém. Posso falar com ele.”

Ela vira-se de costas para ele e diz:

-“Será muita gentileza sua.”

O homem se aproxima e a beija no pescoço. Ela se vira e retribui. A cena é vista por Regina que está na parte externa do Hotel.

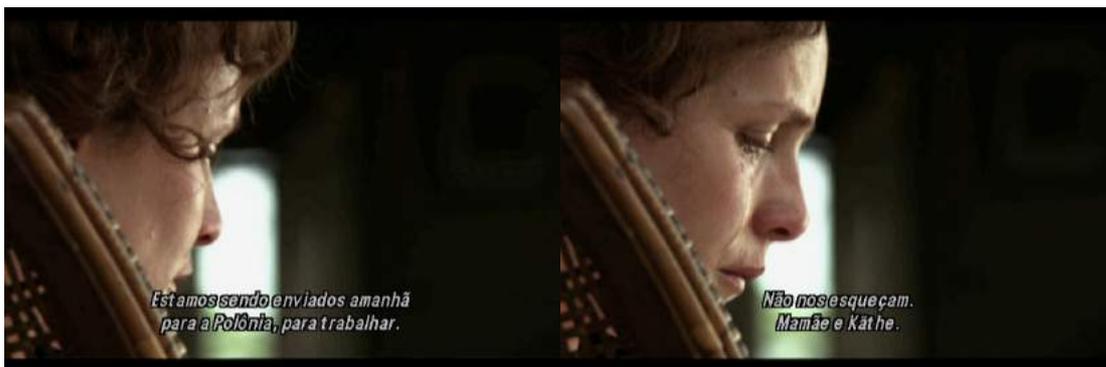
Jettel estava empenhada em interferir na trajetória do marido e, conseqüentemente na sua trajetória que estava atrelada a dele. Ela vinha

mantendo o papel da esposa que depende do marido para determinar o seu percurso ao longo da vida. Mas a iniciativa de procurar o presidente da comunidade de Nairóbi já demonstrava uma mudança em sua vida. Agora ela vai mais além, submete-se aos desejos sexuais do militar inglês para garantir a liberdade do marido, um novo emprego e uma nova moradia. Neste sentido podemos chegar à conclusão que Jettel viveu uma experiência dentro da lógica de Tuan (1983): experimentar o ilusório e o incerto e aventurar-se no desconhecido.

Jettel acreditou que este ato pudesse garantir para sua família a sobrevivência na África, mas foi um experimento perigoso, pois o militar poderia não cumprir a palavra e lhe oferecer o prometido. Além disto, podemos chegar à conclusão de que houve uma negociação entre Jettel e o militar. Doreen Massey (2008) nos diz que num lugar há a presença de várias trajetórias e que temos um desafio que são as negociações desta multiplicidade “percursos” num mesmo lugar. Jettel teve que estabelecer uma negociação com o militar para continuar a sua trajetória de sobrevivência na África. Ela dependia do marido que era o provedor da família. Ele havia perdido seu emprego, pois o Senhor Morrison, dono da fazenda em Rongai, resolveu dispensá-lo, pois o considerava um inimigo. A Inglaterra, país de origem de Morrison, declarou guerra à Alemanha, país de origem de Walter. Ter um trabalho na África era primordial para a família. Jettel percebia que não ter um trabalho, uma moradia, tornaria suas vidas na África uma precariedade.

FAZENDA NOVA-PARTE EXTERNA:





Jettel está colocando plantas num vaso de barro. Ela recebe uma carta e caminha. Cai e é amparada por Owuor.

Jettel pergunta a Walter:

-“O que isso significa?”

- “Não lhes permitiram escrever mais de vinte palavras.”

Regina observa a conversa dos pais.

Jettel está em torno da mesa. Sobre ela um prato e um lampião. É noite. Jettel diz:

- “Talvez elas queiram fugir pela Polônia.”

Walter permanece em silêncio. Estava sentado á mesa mas levanta-se. Pega um cigarro.

- “Talvez elas tenham achado um meio de sair.”(Afirma Jettel).

Walter em silêncio.

Ela bate na mesa e grita.

-“Diga alguma coisa, Walter. Fale comigo.”(Ele responde aos berros).

-“Sua mãe queria que você soubesse, se não teria escrito. A Polônia significa a morte.”

- “Nãããooooo...”

-“Sabe uma coisa? Invejo você por receber carta. Para que você tenha certeza. Eu não faço idéia do que meu pai faz. Onde ele e minha irmã estão.”

A chegada dessa carta significou uma mudança na relação que Jettel mantinha com os lugares africanos. Aquela Alemanha a que ela pensava pertencer e para onde ela voltaria, tinha matado sua família. Agora a solidão de não pertencer a lugar nenhum era intensa. De alguma forma, Ol Joro orok

precisava ser resignificado enquanto lugar. Esta passagem de sua trajetória aproxima-se à carta da Torre do tarô. As cartas de tarô servem para nos auxiliar em nossas jornadas pela vida e as cartas que vinham da Alemanha tinham uma importância crucial na vida de Jettel, Regina e Walter, pois elas traziam notícias da Alemanha e estas notícias podiam significar uma permanência na África ou um retorno à Alemanha.



No Nível psicológico, a Torre partida pelo deus retrata a destruição de antigos padrões. A Torre é a única estrutura construída pelo homem presente nos Arcanos Menores, e exatamente por isso representa as estruturas tanto internas como externas que construímos- da mesma forma que Minos- para servirem de defesa contra a vida e como esconderijo para os aspectos negativos e menos agradáveis da personalidade.

No nível divinatório, a torre representa a quebras das estruturas internas e externas que construímos, prenuncia a quebra ou rompimento de formas e estruturas vigentes.

Com certeza, será muito mais produtivo se perguntarmos a nós mesmos em que ponto somos mais constrictos ou até que ponto estamos presos a uma falsa auto-imagem, uma vez que o desejo real de romper com essas estruturas irreais pode nos libertar de muita angústia e dor. Contudo, a Torre cairá ainda assim – a despeito de nossa vontade -, não por causa de obra do destino, mas porque algo dentro do indivíduo atingiu um ponto de ebulição e já não pode ser contido.”

(Greene e Sharman-Burke, 1999,p. 69-71),

A trajetória de Jettel não será mais a mesma; ela estava em processo de se transformar em sujeito da experiência. Alguns padrões em relação a sua vivência em Ol Joro Orok sofreram grandes transformações.

A vida na África passou a ter um sentido, pois a Alemanha dominada pelos nazistas acabou com a família dela. A possibilidade de retorno foi praticamente aniquilada. A sua permanência na África estava deixando de ser transitória, portanto sua relação com o lugar estava se modificando. O movimento da Torre estava se iniciando.

FAZENDA NOVA. ÁREA EXTERNA. UM POUCO AFASTADO DA CASA:









Jettel circula por um caminho com um empregado da fazenda. Olha espantada para alguma coisa e diminui os passos. Encostada a uma árvore está uma senhora deitada. Ela vai em direção à senhora e o empregado tenta impedi-la segurando seu braço.

Algumas mulheres ao longe riem; elas têm um colar semelhante ao da anciã. E o da filha é todo marrom.

Jettel, neste momento, está muito tocada com a morte dos familiares na Alemanha. Ao ver a velha africana que parecia agonizar, sente-se tocada. Este sentimento é cultural e é herança das suas experiências na Alemanha. Os nativos lhe explicam como o ritual de morte é organizado neste lugar. Neste sentido, o

lugar precisa ser compreendido como portado de histórias e trajetórias que estão enterradas e enraizadas que garantem ao grupo nativo um pertencimento mantido por determinados laços que são capazes de resistir à influência externa. Jettel tentou uma negociação, tentou usar o seu poder, mas foi em vão. Alguns aspectos são menos permeáveis ao novo, são mais resistentes às mudanças. Neste processo de negociação, Jettel teve que aceitar que o ritual de morte continuasse como o era naquele momento.

A morte também está intimamente ligada à vida, ambas fazem parte da mesma trajetória. Quando é dito que as hienas levarão o corpo, significa que este corpo ainda se deslocará por algum caminho. Quando é dito que ela não estará sozinha, pois os ancestrais lhe farão companhia, estão a nos dizer que o percurso, a trajetória continuará eternamente e mais ainda que este lugar é formado por trajetórias humanas em vários estágios e sentidos.

Enquanto as distinções entre sociedades, nações, culturas e por que não acrescentar lugares se fazem em espaços descontínuos ou distantes, aparentemente não são problemáticas, pois as negociações para a sobrevivência não são necessárias (*Gupta e Ferguson*), mas se neste lugar que é aberto, onde várias trajetórias se cruzam os conflitos, os estranhamentos são inevitáveis, por tantos as negociações são necessárias.

Esta negociação no ritual de morte nos deixa bem claro o tipo de colonização implementada pela coroa inglesa, que era de “governo indireto”. Logo, podemos perceber que este tipo de colonização facilitava esta permanência de várias trajetórias neste lugar colonial. O governo inglês não tinha a pretensão em assimilar culturalmente os africanos:

Ora, diferentemente das colônias conquistadas pelo exército francês, muitas dentre as colônias britânicas foram inicialmente, e isso até a metade do século XIX, colônias “privadas”, as chamadas “colônias por decreto”, ou seja, cada uma era o domínio concedido pela Coroa a uma companhia privada, que passava a deter o monopólio de todas as atividades comerciais destinadas à exportação naquele território. Esse foi especialmente o caso da famosa Companhia das Índias, até 1858. Tais companhias geralmente não tinham a preocupação de desenvolver o ensino e de pagar professores primários em seus domínios. Essa

atividade, ao menos na África, foi assumida, com motivações religiosas, por um grande número de missões. Mas, nas colônias britânicas, tratava-se de missões protestantes que, diferentemente das católicas, tinham como preocupação primeira converter e ensinar cada povo nativo em sua própria língua.

Para tanto, elas traduziram o Antigo e o Novo Testamento em múltiplas línguas, a exemplo de Lutero, que foi o primeiro a traduzir a Bíblia para o alemão. Durante muito tempo, a atividade dessas missões não foi apenas ensinar o inglês. Mas é preciso levar em conta que a colonização inglesa que o sistema de “governo indireto” praticava apoiava-se em notáveis autóctones, que tinham numerosos contatos com os europeus. Para esses notáveis, a utilização do inglês era um privilégio de classe e um fator de ascensão no dispositivo da colonização.

A implementação do governo indireto permaneceu em algumas colônias até o período da descolonização.

Em Rongai, os jaluos e em Ol Joro Orok, os pokots mantinham suas línguas e tradições. Para a coroa inglesa, era muito mais fácil dominar um território onde poucos falavam inglês e que os outros falassem, cada um, sua própria língua. A dificuldade de comunicação diminuía a possibilidade de levante contra o colonizador.

COZINHA:





Nesta seqüência, Jettel e Walter, companheiros de jornada, marido e mulher. Até um determinado período do espaço fílmico, percebemos que o marido, de alguma forma, determinava o deslocamento, o destino de todos os membros da família. Jettel sempre teve uma percepção, uma forma de estar na África um pouco distinta de Walter, mas a condição social e histórica de “chefe de família”, provedor lhe garantia o direito em decidir sobre a vida de todos. Nesse momento, que ele decide ir para Nairóbi, Jettel está em um outro momento de ordem psicológica, mantém uma outra relação com o lugar e sabe que a sua permanência com a ajuda do “Mago” Owuor lhe garantirá uma sobrevivência possível na fazenda. Mais uma vez a carta da Roda da Fortuna está conduzindo o

seu destino. Ela está demonstrando que sua inscrição social, está dependendo das suas questões internas:

O sentido do mundo e da existência já não se dá apenas pela contemplação da natureza, pela aceitação das palavras divina, pelo reconhecimento de uma ordem social e cultural, já dada, pela imersão do indivíduo num universo de significações já estabelecidos. O sentido da vida passa a ser uma questão para cada um, passa a exigir um questionamento que atravessa a vida íntima de cada sujeito, que faz indagar – se sobre o próprio desejo, sobre o sentido da existência, sobre a justeza do mundo social em que vive. Há portanto, um processo de interiorização que traz consigo não só efeitos sobre a existência subjetiva dos indivíduos, como também para os próprios mecanismos por meio dos quais estes podem se sentir simbolicamente incluídos(...)

Agora cabe a ele encontrar as respostas antes lhe vinham de fora.

(Bezerra Junior, 2005, p.205-206)

Jettel já estava num processo de modificação. Permanecer na fazenda de certa forma significou romper uma ordem social em que ela esta inserida, onde a esposa dependia das decisões do marido. Agora ela tinha as suas próprias respostas sobre sua existência, sobre o seu caminhar na África, na vida.

Jettel sentada sobre a mesa na varanda, é servida por Owuor. Ela está sentada na cama, com o olhar para baixo e as mãos cruzadas sobre o colo, levanta os joelhos e os abraça.

Fora de casa, caminha sobre um rio com pouca profundidade. A imagem mostra uma paisagem com mata fechada ao fundo. Jettel veste marrom. A Câmera mostra o rosto de perfil ela vira para o lado do sol e fecha os olhos.

Aparece à foto de uma velha senhora numa moldura e os dedos acariciam a foto.

PARTE EXTERNA DA FAZENDA:









Ela está cortando seu próprio cabelo em frente a um espelho, que está pendurado em uma cerca. Ela pára de cortar o cabelo e vê Owunor agachado. O espelho tem duas faces. Numa está refletido o perfil de Jettel. Jettel diz:

Na trajetória de Jettel, é a primeira vez que ela conversa com Owunor de forma amistosa, longe da relação patroa / empregado. A energia da Torre cada vez mais tomando conta de sua vida “quebra o rompimento de formas e estruturas vigentes”.

Ao perguntar sobre a vida privada de Owuor, ao dar uma pausa, está em outro tempo. (Larossa,2003) nos diz que uma das limitações para a experiência é falta de tempo:

A experiência é cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo que o que se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência pontua e fragmentada.

Apesar de falar de um tempo histórico diferente do que o tempo histórico do filme podemos fazer uma aproximação entre está citação e a trajetória de Jettel. Muitas coisas aconteceram na vida de Jettel e sua falta de tempo sempre esteve associada ao desejo de retorno á Alemanha. O seu tempo era organizado em torno desta vontade, portanto, até um determinado momento, sua relação com o lugar era distante, cheio de estranhamentos, o que dificultava experiência. Owuor está de joelhos mexendo no milho...

QUARTO DA CASA:





Há pouca luminosidade, percebemos que é dia e faz sol, por causa da janela de vidro. Regina está vestindo um vestido branco com detalhes, marrom escuro.

“- É tão lindo mamãe, agora entendo porque você o queria tanto. “

Ela vira a cabeça para baixo para ver o vestido, se dirige para a mãe que está sentada sobre a cama com um prato na mão esquerda e uma torrada na outra.

“- Não conte para o papai. Ele quase me mandou de volta por causa dele.” (A câmera se abre e vemos duas janelas, Regina deita na cama de bruços ao lado da mãe.).

“- E você nunca o usou?”

“- Nunca. (Regina pega algo no prato)”

“- Ainda consegui que ele não embrulhasse a carne nele.” (Jettel lambe os dedos)

“- Sua avó e eu o copiamos em Breslan por 215 marcos.” (Jettel afaga a testa e o cabelo da filha.)

“- Depois comemos bolo de queijo no café Monnheim.”

“- Não lembro nada da Alemanha.” (A câmera mostra o rosto de Regina em destaque)

“- Só quando como nozes... Aí penso no vovô.” (Jettel mastiga, olha para baixo, seu cabelo está molhado).

“- Mamãe...”(Ela olha para a filha, mas apenas o rosto de Jettel é mostrado).” Por que odeiam tanto os judeus? Você e papai não são judeus de verdade.”

Jettel abaixa os olhos, está quase encostada na parede, do lado esquerdo da cena entra uma pequena claridade pelo vidro da janela.

“- Vocês comem tudo que é carne e não rezam, não é?” (Jettel sorri)

“- Aqui, às vezes eu rezo.”

Regina encosta o queixo no travesseiro e coloca uma das mãos na frente.

“- Na escola, dizem que os Judeus mataram o filho de Deus.”

“- O judaísmo nunca foi importante para seu pai e eu.”(silêncio) Nós pensávamos que éramos tão alemães quanto os outros. (silêncio, olhando para o nada).

“- A cultura alemã, o idioma... Lá era nosso lar.”

No meio dessa fala, a imagem de outra parte do quarto onde há um armário aberto com roupa, uma cortina cerrada. Pelo lado de fora, Owuor passa com dois lampiões e entra na casa.

“- Lembra-se da tia Rutth e do tio Salomom?” (Owuor coloca os dois lampiões sobre um móvel)

A imagem de Regina olhando de lado para sua mãe, sua figura está na parte direita da cena, o lado esquerdo está escuro.

“- Claro que são diferentes. Eles vivem (a imagem de Jettel sentada na cama, na parte mais clara da cena) segundo a religião judaica, e isso os torna diferentes.”

A imagem de Owuor se dirigindo para a porta, no lado esquerdo da cena na parte de baixo da parede e iluminada pelo sol, no fundo da cena, mais uma claridade no vidro da porta. O empregado carrega outro lampião.

“- Tolerância não quer dizer que todos são iguais. Seria idiotice.”

Regina está sentada no lado direito da cama, Jettel está se levantando.

“- O que eu aprendi aqui foi, como são valiosas as diferenças.”

Jettel vai até o armário e pega um vestido num cabide.

“- E as pessoas inteligentes nunca nos desprezariam por isso.” (Regina sorri)

“- Os “Pokots” vão celebrar uma grande ‘ngoma’ esta noite. Mataram uma vaca sob a árvore sagrada. Haverá cerveja e música”. (Regina passa a mão sobre as torradas e lambe os dedos) Você tem que ver. É muito diferente.”

RITUAL POKOT:







Há vozes entrando em canto; um negro diz palavras que são repetidas por todos. Ele está de pé, uma espécie de dança, algumas mulheres estão sentadas, parece que elas ficam em silêncio. Regina e Jettel caminham em direção ao grupo; no meio das pessoas há uma fogueira. Outros homens se levantam e vão participar da dança; estão segurando algo comprido e fino uma espécie de cajado ou lança. Há alguma coisa pendurada em seus corpos, que produz um barulho quando eles dançam. A imagem de Jettel e Regina está mais clara. Jettel está com o vestido comprado em Breslau, no meio do círculo das pessoas sentadas e dos homens que estão em pé. Um homem retira do boi ou vaca morto, sangue e

ossos; um homem engole um pouco do sangue do animal, encostando um pote em sua boca. Regina acena para alguém, Jettel a acompanha, Regina senta. Um outro homem mergulha a cabeça dentro do animal aberto. Jettel está sentada e uma criança toca nos detalhes do seu vestido. Ela sorri. Há uma espécie de grito e Regina olha em direção de onde o som foi emitido, ela reconhece seu amigo Jogona. Algumas mulheres dançam em volta da fogueira, umas das que dançam, carrega um chifre de boi, enfia os dedos dentro dele e toca nos ombros de Jettel com os dedos. A trilha sonora muda, não há mais o cântico da festa, Regina diz alguma coisa no ouvido da mãe. Mulheres sentadas. Regina passa uma espécie de cuia para Jettel que bebe o líquido que está nele. Ela cospe. Aparece o pé das mulheres que estão dançando. Jettel acompanha o ritmo da dança batendo a ponta dos dedos.

Jettel chega ao ritual com o vestido que comprou em Breslau. Numa determinada parte da narrativa fílmica ela conta que comprara este vestido por mera vaidade. Na Alemanha, este vestido seria usado num momento festivo. Observando as imagens, é notório o contraste que a cor, o corte e o tecido do vestido fazem com as roupas da população nativa. Usar este vestido que fora comprado em Breslau e como ela dissera a filha, ele trazia lembranças da Alemanha. Podemos compreender este gesto acrescentando uma reflexão de Gupta e Ferguson, quando dizem que devemos tomar um certo cuidado com o suposto isomorfismo entre espaço, lugar e cultura. Segundo eles, pode ocorrer uma disjunção de lugar e cultura: Refugiados Khmer nos EUA levam " a cultura Khmer " com eles, da mesma forma complicada como os imigrantes indianos na Inglaterra transportam "a cultura indiana" para sua nova pátria. (p.32)

A família Radclich transportou uma cultura para África que fora construída na Alemanha, aspectos da cultura judaica e aspectos da cultura alemã. Isto pode ser observado nos objetos domésticos que foram colocados na casa em Rongai, no ritual Kidush e agora no vestido comprado em Breslau.

Nesta seqüência, Jettel, de alguma forma, tinha se transformado no sujeito da experiência:

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.

“O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura (Larossa, 2003, pág 24)

Olhando o início da sua trajetória podemos observar uma certa receptividade e disponibilidade com os acontecimentos do lugar, mas não podemos perder de vista que o vestido pode ser encarado como uma marca de distanciamento e de limite, assim como o fato de ter cuspidido a bebida que lhe fora oferecida no ritual.

PARTE EXTERNA:



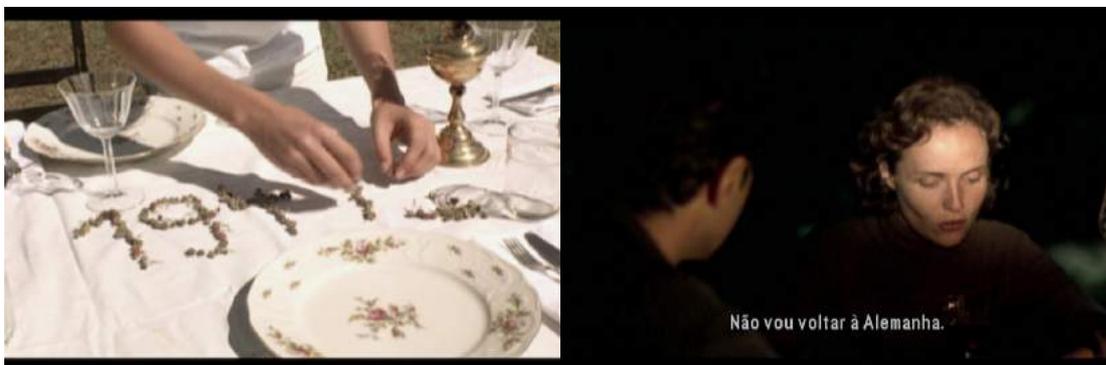
O término da Guerra com a vitória dos aliados sobre os países do eixo é um marco importante na vida de todos os membros da família. A barreira primordial que os prendiam na África, e tornava impossível o retorno à Alemanha, tinha sido derrubada. A trajetória mais uma vez poderia ser modificada. Os efeitos das cartas do tarô, que significam mudanças, se fazem sentir.

No tarô as grandes cartas de mudança são a Roda da Fortuna, a Morte e a Torre. O retorno à Alemanha pode ter uma maior aproximação à Roda da Fortuna, porque esta mudança pode significar, como, na carta da Morte, renascer para uma nova vida, pois Jettel continuará sendo esposa de juiz, mãe de uma menina, a quem a carta da Torre explicará este processo como uma mudança radical nas esferas social, econômica, psicológica, cultural, mental, pois apesar de voltar na condição de esposa, mãe, judia, ela voltará modificada pelas experiências apreendidas na África e voltará para a Alemanha que, com certeza, sofreu grandes transformações depois da Guerra e depois do Nazismo:

Pois a verdade é que nunca se pode simplesmente “voltar”, ir para casa ou para qualquer outro lugar. Quando você chega “lá”, o lugar terá prosseguido assim como você terá mudado. E essa é, naturalmente, a questão. Pois, abrir “ espaço” para esse tipo de imaginação significa pensar tempo e espaço como mutuamente imbricados e pensar em ambos como produto de inter – relações. Não se pode voltar no espaço-tempo.

(Massey, 2008, p.183-184)

PARTE EXTERNA PRÓXIMA A VARANDA DA CASA:



O casal está comemorando o ano novo de 1947. Uma data do calendário gregoriano que é baseado no cristianismo. No calendário judaico seria o ano de 5707. Mais uma vez a identidade cultural híbrida do casal é apresentada pelas imagens. Nesta seqüência Jettel ainda tem dúvidas sobre as modificações que ocorreram na Alemanha no pós Segunda Guerra Mundial. Ela está a nos dizer que o nazismo não significou a política de um homem, mas de um “povo”, já que Hitler chegou ao poder pelo voto direto. As suas idéias foram legitimadas “democraticamente”. Os eleitores de Hitler não fugiram da Alemanha, não foram condenados e presos pelos crimes do regime. Jettel temia que alguns aspectos do espaço-tempo nazista ainda estivessem estruturados.

MILHARAL







Uma criança dá um gafanhoto para Jettel e várias pessoas passam correndo e emitindo um som. Trabalhadores correm batendo latas.

-“ Os gafanhotos estão vindo! Muitos! Muitos deles!” (Jettel fica assustada).

- “Quando os gafanhotos pousam no campo, comem tudo.”

Jettel entra no meio da plantação de milho para espantar os gafanhotos. Ela vê Walter fazendo o mesmo. Regina abraça a mãe quando os gafanhotos vão embora.

O gafanhoto é um inseto que habita os lugares do planeta onde há a ocorrência de altas temperaturas e umidade.

Em períodos chuvosos, há possibilidade de sua multiplicação. A pluviosidade promove o desenvolvimento da produção agrícola. O verde das folhas é uma atração para os gafanhotos. Eles são predadores de plantações e costumam “migrar” por vários países africanos em busca de alimentos.

Como este tipo de inseto, este tipo de predador não é comum na Europa, mas uma vez Jettel dependeu da ajuda do “Mago” Owuor para anunciar o que ocorreria. Os isentos destruíram a plantação, assim como os colonizadores europeus destruíram a vegetação natural. Os isentos e alguns europeus são migrantes “provisórios”.

Na Bíblia, existem relatos sobre sua ação, em Joel, capítulo 1 está escrito:

Ouvi isto, irmãos, /estai atentos, vós todos os habitantes da terra! / aconteceu uma coisa semelhante em vossos dias,/ ou nos dias de vossos pais?/ Narrai –o a vossos filhos,/ vossos filhos a seus filhos,/ e estes à geração seguinte!/ o que a lagarta deixou, o gafanhoto devorou;/ o que deixou o gafanhoto, o roedor devorou.

Em Êxodo, capítulo 10, há o relato da praga de gafanhotos:

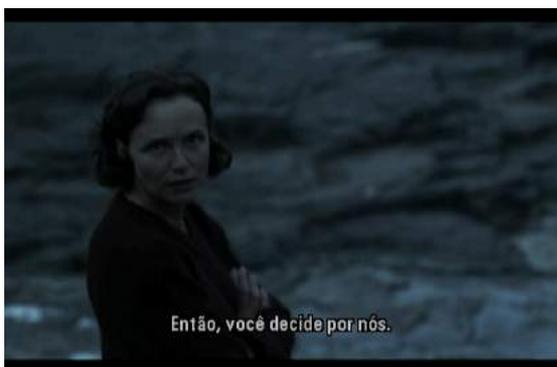
O Senhor disse a Moisés:” Vai procurar o faraó, porque lhe endureci o coração e o de sua gente para manifestar os meus prodígios no meio deles, para que contes aos teus filhos e aos teus netos as maravilhas que fiz no Egito e os prodígios que operei no meio deles, e para que saibas que eu sou Senhor.” Moises e Aarão foram procurar o rei e disseram – lhe: “ Eis o que diz o Senhor, Deus dos Hebreus: até quando recusarás humilhar – te diante de mim? Deixa ir meu o meu povo para que ele me preste o meu culto. Se recusares farei vir amanhã gafanhotos sobre o seu território. Cobrirão a superfície da terra de tal modo que não poderá ver o solo. Devorarão o resto das colheitas.

No relato bíblico, a praga de gafanhotos foi utilizada como forma de pressão para que o faraó libertasse os hebreus, para que pudessem conquistar a terra prometida. No caso da família Radclich, esta praga de gafanhoto talvez tenha se transformado num dos motivos do desejo de Jettel retornar a Alemanha. Por mais

que ela desejasse ficar na África, o lugar ainda lhe mostrava situações cotidianas com as quais ela não sabia lidar.

PARTE EXTERNA:





Jettel está neste momento da sua trajetória sobre a influência da carta do Tarô a Temperança. Ela já colocou seu ponto de vista, seus temores sobre este retorno à Alemanha. Ela fez uma escolha pela relação, pelo casamento. Na verdade, neste momento ele se aproximou a outra carta do tarô, os Enamorados, que fala de escolhas:



No nível psicológico, Íris, representa a segunda lição que o Louco deve aprender para construir uma personalidade estável ou seja, um coração equilibrado. Enquanto Atena representa a justiça, fria e objetiva, Íris, representa a Temperança, boa, misericordiosa, muito embora sua bondade não seja piegas ou simplesmente sentimental. Está intimamente ligada à função do sentimento, que é diferente daquilo que chamamos de emoção, pois esta é uma reação visceral a uma situação, ao passo que aquele é a escolha refletida de um afeto. A função do sentimento é uma constante variação entre os opostos, uma cuidadosa percepção das necessidades de uma situação específica com o objetivo de atingir a harmonia. Por isso, Íris derrama sem cessar água de uma taça para outra porque sentimento precisa fluir constantemente para se renovar de acordo com as necessidades de cada momento(...)

No nível divinatório, a Temperança num jogo indica necessidade de um redirecionamento no fluxo dos sentimentos e dos relacionamentos. Íris recomenda harmonia e cooperação como condições necessárias a um bom relacionamento ou a um casamento feliz.

E neste momento, somos desafiados a equilibrar nossos corações e a saber que, embora essa seja uma fase muito agradável, o Louco não pode permanecer para sempre no regaço aconchegante de Íris e deverá prosseguir em sua viagem para a próxima lição moral.

(Greene e Sharman-Burke, 1999, p.48-50)

Estas últimas seqüências mostram os momentos em que Jettel faz uma avaliação dos “frutos” que plantou na sua trajetória pela África. Ela teve que tomar decisões, fazer escolhas. É o final da sua estadia na África. O retorno a Alemanha é o início de um novo ciclo.

ESTAÇÃO DE TRENS DE NAIRÓBI:

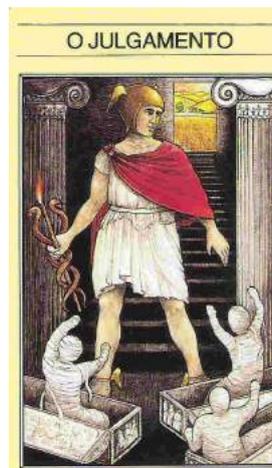
Jettel e Walter se abraçam.







Ao final de sua trajetória na África, Jettel se aproxima da carta do tarô chamada o Julgamento. As imagens mostram – na pensativa à olhar a paisagem que se descortina da janela do trem. Ela continua próxima a uma das características da carta da Temperança, carta que simboliza o tempo. Mas, ao final, a soma de todos os movimentos lhe direciona para esta carta que também é chamada de carta do carma.



No nível divinatório, a carta do Julgamento prenuncia o período da recompensa pelos esforços empreendidos anteriormente. Esse é o momento da somatória, da conscientização daquilo que fazemos para construir o futuro que agora nos espera. É uma carta ambígua, pois indica também o confronto perturbador com nossas próprias traições e fugas. A recompensa pode não ser agradável. O Louco deve agora responder por sua viagem, pois o tempo da colheita chegou e tantos os erros como os acertos do passado estão a lado para formar o futuro. Não obstante o ocorrido com o indivíduo em termos de experiência, a carta do Julgamento indica o final de um capítulo da vida.

Jettel deixou que Walter tomasse a decisão sobre suas trajetórias. Num determinado momento, parecia que as trajetória individuais que estavam conectadas pelo casamento, por um mesmo passado iriam ficar separadas. Ocupando lugares distintos, Jettel deixou a decisão para o marido e optaram em retornar à Alemanha. Volta ao lugar original completamente modificada. O seu percurso, a sua trajetória na África foram determinantes por suas mudanças, e ela com certeza deixou sua marcas no caminho. Nesse próximo capítulo da sua vida colherá os frutos, viverá o melhor e o pior de todas as escolhas, mudança, pausa, silêncio que aprendeu neste espaço-tempo.

PERCURSO DE WALTER E OWUOR

CASA DA FAZENDA - RONGAI:







A imagem nos mostra que o tempo de Owuor é diferente do tempo de Sussekind: Mas multiplicidade, antagonismos e temporalidades contrastantes são a natureza dos lugares (Massey, 2008, p.226)

Sussekind e Owuor simbolizam esta multiplicidade antagônica: o branco e o negro, o africano e o europeu com trajetórias no mesmo lugar e que precisam ser negociadas constantemente.

Süssekind é chamado para auxiliar na cura de Walter. Isto ocorreu porque estes dois *bwanas* (*brancos*) têm uma semelhança que os identifica e os faz pertencerem a um mesmo grupo: são alemães. Enquanto ele não chega próximo ao leito de Walter, ninguém lhe ajudou ou tocou seu corpo. Süssekind lhe oferece quinino e então autoriza a Owuor a continuar o “tratamento”, pois ele precisa voltar à sua fazenda.

É evidente que nestes processos de negociação, o europeu leva mais vantagem, porque ele tem o poder na relação com Owuor. Owuor é o empregado e na impossibilidade de Walter, Sussekind é o patrão, portanto se acha no direito de ordenar:

Na constituição do lugar, nos fornecem aquela inevitável contingência que é a base da necessidade da instituição do social e que, num dado

momento de antagonismo é revelada em fraturas específicas, que colocam a questão do político. (Massey, 2008, p.215)

O poder do colonizador inglês, dos padrões de outras nacionalidade européia e as diferenças culturais e de gênero nos colocam o desafio da possibilidade de convivência no lugar. (Massey, 2008)

Owuor não tem pressa. Talvez para ele a malária seja uma coisa corriqueira. A doença é mais um elemento que faz sua trajetória neste lugar: Os não-humanos têm, também suas trajetórias, e a contingência do lugar exige, não menos do que dos humanos, uma política de negociação. (Massey, 2008, p.228)

As negociações, de que fala Massey, nem sempre trazem bons resultados, mas no caso da malária no corpo de Walter o resultado foi positivo, ocorreu a cura.

Sussekind, acha que é o único capaz de cuidar do corpo europeu de Walter. Ao falar com Owuor tenta manter o seu poder sobre ele. Os homens em Rongai vivem com esta possibilidade.



Com a autorização, assim que Sússekind sai, Owuor cheira o remédio e decidi tratar da doença com os métodos locais. Owuor está fazendo o papel do Mago, conduzindo Walter para uma tentativa de cura e da permanência da sua trajetória, da sua viagem em Rongai. Segundo o tarô mitológico, o Mago lida com os quatros elemento: ar, água, terra e fogo. Utilizando o elemento terra _ folhas e raízes_ Owuor cura Walter. Uma experiência marcante ocorrerá na vida o alemão.



Walter está acordado, sorrindo. Está com um prato de porcelana na mão e encostado numa cabeceira de madeira, e ao lado da cabeceira há um lampião.



Era como se Walter tivesse renascido e cabia a Owuor reeducá-lo. Ele lhe ensina palavras em língua nativa. (no DVD do filme comercializado no Brasil, se optarmos pelo filme dublado em português, perceberemos que uma boa parte dos diálogos dos personagens africanos é falado em língua nativa).

No Livro “**En un Lugar de África**”, há um trecho que nos auxilia a observar que em Rongai se falava pelo menos duas línguas que não eram de origem européia: Owuor passou dizer a estranha palavra. Como não se originava da língua jaluó ou tampouco suajili, lhe causou grande dificuldade em dizê-la (Zweig, 2003, p.40).

PARTE EXTERNA PRÓXIMA A CASA:



Walter abre a porta da casa. Ela é de madeira. Está com uma blusa branca e uma calça marrom. Desce as escadas da varanda. O vento levanta a poeira. Ele vai para fora da casa. A câmera sobe, imagem vista de cima. O telhado da casa é de zinco.

Na trajetória da família Redlich, Walter, pai e marido, é o primeiro a migrar para o Quênia. Na Alemanha ele era advogado, mas os nazistas lhe cassam o direito ao trabalho. Ele vai para África em busca de possibilidades de emprego, de sobrevivência financeira, a relação dele com o país é de econômica. No início do filme Regina vai narrando a sua percepção sobre esta dicotomia Alemanha / Quênia, Europa / África. As imagens da Alemanha e do Quênia vão sendo apresentadas. Inicialmente há um plano aberto mostrando uma paisagem africana. Isto fica perceptível não só pela imagem, mas pelas palavras de Regina..

Num determinado momento há uma alternância entre imagens do apartamento da família na Alemanha – uma festa com Jettel, Regina e com alguns outros membros da família-e de Walter em Rongai acometido de malária.

Concordamos com Ribeiro(2006) de que a expropriação nazista e a perda do lugar na Alemanha são projetadas na figuração da África colonial através da malária como metaforização. Ao sair da Alemanha, Walter vai para um outro lugar onde o seu corpo vai sentir as conseqüências desta mudança. Ao sair do seu lugar onde antes da ascensão nazista havia proteção social, física, cultural. A Alemanha era o seu lar.

PARTE EXTERNA :





PARTE EXTERNA-CHEGADA REGINA E JETTEL EM RONGAI



Jettel desce do carro e abraça Valter. Eles estão em frente à varanda da casa da fazenda. Eles se beijam e Valter diz:
- “Agora está tudo bem minha querida.””

QUARTO DA FAZENDA:





....



.....



Regina está deitada na cama sobre um travesseiro marrom e bebe, enquanto o pai declama um poema:

Há uma lareira sem fogo. Jettel pendura um quadro na parede. Sobre Regina há um mosquito e próximo a ela um lampião. Ao resgatar este poema, Walter está a nos dizer que culturalmente está muito ligado a Alemanha. Ele sabe que profissionalmente, do ponto de vista econômico, ele está em vivendo experiências em um outro lugar, mas a sua catarse em ler o poema o faz viajar para a Europa.

O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo que é definido pelo presente fugaz (...)

Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível. Existem vários mecanismos para escorar as deterioradas paisagens do passado. (Tuan, 1983, p.206).

Walter participa do jantar com a mulher, a filha e Sussekind. Eles conversam sobre o passado e isto significa falar da Alemanha. Participam do ritual do kidush, mesmo não sendo religiosos, mas é uma forma de trazer outro tempo e o lugar onde eles se identificavam. Este é um estado provisório e é melhor não perder de vista as paisagens do passado. Elas podem estar distantes fisicamente, mas o faz sentir próximo da Alemanha e a sua vivência naquele país estava presente na sua memória, fazia parte da sua alma e do seu corpo. A canção de Lorelei lhe trazia à memória o poeta judeu Heinrich Heine e a bela “Canção”, fala de um mito da Alemanha. Esta canção fala de viagem, de perigo, cuidado, mudança de rota, tal qual a trajetória de sua família num lugar desconhecido.

PARTE EXTERNA DA FAZENDA :





No livro “**En Un Lugar de África**”, há relatos sobre estes incêndios:

No dia em que o primeiro incêndio do matagal, depois das grandes chuvas, transformou o Menengai em tela vermelha e quente. Owuor tinha colocado na frente da casa umas cadeiras para Walter e Jettel.

-“ Tem que contemplar o fogo, que leva muito tempo dormindo.” Afirmou.

-“Então, porque você não fica vendo?”

-“Minhas pernas devem andar”

O vento soprou com muita força antes do por do sol, a espessa fumaça que sobrevoava a fazenda em volumosas nuvens havia deixado o céu cinzento. Os abutres haviam abandonado as árvores. No mato gritavam os macacos e também as hienas começavam a uivar antes do tempo. O ar era pesado, dificultava falar. Jettel gritou:

- “Não posso mais.”

-“Não tenha medo. Na primeira vez também pensei que queimaria a casa e quis chamar os bombeiros.”

-‘Não estou falando do fogo. Não agüento mais este lugar”

-“ Não faça isso, Jettel. Não temos escolhas

(Zweig, 2003, p.34-35)

Ela estava distante de casa, dos familiares, do ambiente cultural e ainda era ameaçada por incêndios espontâneos que surgiam na aridez da África. Jettel queria voltar para seu lugar de origem. Para ela nada havia mudado, era como se o lugar de saída estivesse congelado no tempo esperando o seu retorno. Walter lhe anunciava que muita coisa havia mudado na Alemanha:

Pois a verdade é que nunca se pode simplesmente “voltar”, ir para casa ou para qualquer outro lugar. Quando você chega “lá”, o lugar terá prosseguido assim como você terá mudado. E essa é, naturalmente, a questão. Pois abrir “ espaço” para esse tipo de imaginação significa pensar tempo e espaço como mutuamente imbricados e pensar em ambos como produtos de inter – relações.

(Massey, 2008, p. 184).

Walter anuncia à Jettel que os lugares mudam com o tempo. E ela deveria se esforçar em mudar, pois a situação assim o exigia. Eles estavam em outro país e voltar para Alemanha neste momento não era possível.

Owuor é o mago que sabe lidar com os quatro elementos. Ele diz que o fogo não atingirá a casa. Jettel está desesperada com mais esta ameaça, deseja voltar para Alemanha para ficar junto dos seus familiares. Walter lhe explica o quanto ficou difícil este retorno. Os nazistas passaram a atacar fisicamente os judeus. Eles precisam permanecer na África.

PARTE INTERNA E EXTERNA DA FAZENDA





Eu lhe imploro...



pai...



*Queria muito ter uma
conversa como senhor...*



*pedi seu conselho,
sua compreensão.*



*Por estar fora, me dá conta que é
uma bênção ter pais como vocês...*



*É sou grato por tudo
o que fez por mim.*



*Não desperdiçou seu dinheiro me
dando estudo após a morte da mamãe.*



*Um dia, seu filho será o advogado
de que você tanto se orgulha.*

Mais uma vez, as cartas estão possibilitando que Walter mantenha uma conexão entre a sua vida na África e a de seus familiares na Alemanha. Ele pouco descreve Rongai. Está preocupado com as notícias sobre a Alemanha que ouviu no rádio. O rádio traz notícias sobre a Alemanha de forma muito mais rápida, mas fala de uma maneira muito genérica. Só as cartas poderão apaziguar ou não a ansiedade dele.

Reparem que a medida que ele vai escrevendo a carta, as imagens vão apresentando as ações de Jettel e Regina em Rongai. Jettel continua dentro da casa, sendo auxiliada por Owuor. Ela está colocando objetos domésticos da Alemanha, nesta casa na África. Regina está na parte externa da casa, muito mais aberta ao encontro com esta natureza que é distinta da Alemanha.

PRISÃO DE WALTER:

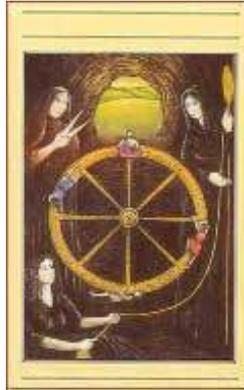
Em 1939, após a invasão da Polônia pelo exército nazista, a Inglaterra declara guerra à Alemanha. Em função disto, todos os trabalhadores alemães que estavam no Quênia foram declarados inimigos de guerra. O fato de serem judeus não teve a menor importância, o que determinava era a nacionalidade política, a língua. Walter foi levado de Rongai por militares ingleses. No livro autobiográfico, Stefanie Zweig nos relata:

A guerra trouxe consigo outra prioridade. Agora era importante proteger a nação daqueles que por nascimento, língua educação, tradição e lealdade pudessem manter laços mais estreitos com o inimigo dentro de um país de acolhida a imigrantes. As autoridades sabiam que deviam atuar de forma rápida e eficaz[...]

E no prazo de três dias, todos os estrangeiros inimigos de todas as cidades e das remotas fazendas foram presos pelo exército em Nairóbi. E estes estrangeiros foram informados de que a partir deste momento, deixavam de ser refugiados e passavam a ser inimigos de guerra.

(2003, p.54)

Esta mudança na vida de Walter se aproxima da carta do tarô, a Roda da Fortuna.



No nível psicológico, as três Moiras configuram a misteriosa lei que atua dentro dos indivíduos. É essa mesma lei desconhecida que determina as súbitas mudanças e que, por sua vez, altera os padrões preestabelecidos da vida.

As quatro figuras humanas agarradas a Roda representam os vários estágios do destino, pois toda vez que a vida muda não paramos para pensar no movimento da Roda como causa da sua alteração, mas nos preocupamos com nossas reações a tais mudanças.. O homem sentado no topo da Roda foi lançado para o sucesso pela virada da Roda, enquanto o homem agarrado à parte inferior foi abatido por aquilo que ele julga ser má sorte – azar – em vez de reconhecer a presença de uma força maior em ação.

No nível divinatório, a Roda da Fortuna prenuncia uma mudança brusca na vida, que tanto pode ser boa como ruim. De qualquer forma, a virada da Roda sempre traz crescimento e inaugura uma nova fase na vida. Não podemos saber o que nos espera, ou melhor, o que encontraremos.

Assim o Louco é atirado do seu pedestal e começa a descer na direção da sua própria sorte.

A Inglaterra declarou guerra à Alemanha, sendo assim para os ingleses do Quênia Walter e sua família não eram judeus, mas alemães, portanto inimigos dos ingleses. Ele é levado por militares. Isto simbolizou uma mudança brusca no seu

percurso na África. Walter já tinha passado pela experiência da carta da Morte. Agora poderá ficar submetido à estas oscilações da Roda da Fortuna.

CAMPO DE PRISIONEIRO:

Área cercada por arame farpado e madeira. Todos os prisioneiros usam roupa caqui. Eles recebem a visita de suas mulheres e seus filhos. Eles chegam em caminhões abertos. Existem barracas de lona. Walter recebe a visita de Jettel e Regina. Ele observa as duas saírem do caminhão inglês. Ele abraça a filha e depois abraça e beija a mulher.

- “Talvez possamos voltar a Rongai. “(Diz Jettel)

- “ Entendo, não podemos voltar para Rongai.”

-“Como?”

- “O Morrison me despediu por causa da guerra. Ele não quer um inimigo em suas terras.”

- “O que isso quer dizer?”

-“ Estou sem trabalho e sem casa.”

REFEITÓRIO DO CAMPO:



“-Onde esteve?Uma carta para você. Parece ser importante.”

Quatro mesas longas de madeira. Sobre elas, copos e pratos. Poucas pessoas estão sentadas. Susskind diz a Walter que recebeu uma carta importante

HOTEL NOSFOLK



Walter é solto da prisão. Vai até o hotel Norfolk reencontrar a mulher e a filha. Ele sabe que Jettel teve um papel importante neste processo. Além disso, ele conseguiu emprego em uma nova fazenda. A mulher agora teve um papel crucial na trajetória da família na África. Até este momento do espaço-tempo fílmico, Walter sempre teve o papel de conduzir o destino de todos. Vale lembrar que ele, realmente, teve este papel de indicar os deslocamentos de Jettel e Regina, mas evidentemente não foi capaz de interferir na forma como cada uma vivenciou as suas trajetórias por estes locais e lugares.

PARTE EXTERNA:







Walter está usando um machado para partir o tronco de uma árvore que está no chão, um africano lhe observa de longe. Onde Walter se encontra é há uma sombra. O homem nativo está numa parte de vegetação mais rasteira sua imagem está sombreada, ele tem um cajado sobre os ombros e o segura com uma das mãos. Walter para de usar o machado, ele é iluminado pelo sol. Ao fundo uma vegetação alta e densa. Onde o tronco está não há vegetação, o solo está limpo. Ele se vira para o homem

O empregado procura demonstrar a Walter que ele precisa da sua ajuda para aprender a forma de organização desta nova fazenda. Realmente, é possível observar através das imagens que Ol Jô Orok tem uma vegetação, provavelmente um clima diferente de Rongai, diferente da Alemanha. Em Rongai havia criação de gado e aqui plantação de milho. Neste novo lugar, Walter teria que entender uma nova dinâmica de organização. No livro **“En Un Lugar de África”**: A fazenda de Gibson estava a dez km da venda do indiano Petel, a três mil metros de altitude, em pleno equador e era maior que qualquer outra fazenda dos arredores.(p.76) No filme, não podemos afirmar esta localização precisa, mas as imagens nos ilustram que era um lugar com muito mais umidade, mas vegetação e com um

terreno mais acidentado, não apresentando grandes espaços abertos com horizontes a se perder de vista.

Quando Walter diz que não veio para África para ficar rico, mas porque foi expulso do seu país, ele está apresentando para o empregado qual a sua forma de inserção neste lugar. Ele era realmente diferente de um bwana inglês.

O empregado ao falar sobre a perda da terra, diz que jamais poderá esquecê-la, pois ela continuará lá. Numa análise superficial, podemos chegar à conclusão de que o empregado tem uma visão diferente sobre este lugar, porque a chegada do europeu provocou grandes transformações em sua extensão que o transformou em uma outra coisa, mas mesmo assim ele sente que aquela terra é dele. Talvez esta percepção esteja em alguns elementos humanos e não-humanos que ainda preservam algum tipo de semelhança que o faz identificar como pertencente à sua terra. As suas palavras nos levam a Dorren Massey(2008)

“Aqui” é onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações, conjunturas de trajetórias que têm suas próprias temporalidades. (portanto, “agora” é tão problemático quanto “aqui”).Mas onde as sucessões de encontros, as acumulações de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história. São os retornos e a própria diferenciação de temporalidades que proporcionam continuidade. Mas os retornos são sempre para um lugar que se transformou, as camadas de nosso encontro interceptado e afetando um ao outro, a tessitura de um espaço-tempo.”

(p.201-202)

Ela nos fala sobre a constante transformação do lugar, o empregado tem uma outra percepção sobre isto, talvez ele esteja falando de um processo, no caso das áreas agrícolas que seja mais lento nas transformações do que os processos de transformações das áreas urbanas. Mais uma vez Massey nos ajuda nesta reflexão quando pensamos no lugar como *lócus* de negociações e em constante processo de transformação:

Esta abordagem do lugar é mais freqüentemente evocada quando as discussões se voltam para aquela preocupação metropolitana acadêmica: as cidades. O cuidadoso e estimulante debate de Donald diz respeito, especificamente, as cidades. Ele menciona a inevitabilidade do conflito nas cidades, o desafio de viver juntos em tais lugares- espaços(e a pergunta relevante é que é a que é, menos freqüente feita – não como viver na cidade, mas como vivermos juntos nela – p. 139 “)
(p.220-221)

Mas ela mais uma vez nos indica que este tipo de reflexão não é objeto específico das cidades; *Esse não é, no entanto, exclusivo do espaço das cidades:*

Pode ser a situação aflitiva das cidades [...]
O “campo” pode também desterritorializar a imaginação[...] Mudanças tectônicas, o fluxo e refluxo das calotas glaciais, a chegada de migrantes não – humanos e humanos, esta diferença radical em temporalidade enfatiza, mais do que as cidades, uma dia poderão fazê-lo, que uma constelação não é uma “ agora” coerente[...]
No entanto reimaginar o campo / natureza é mais desafiador ainda do que reagir à espacialidade mutável(costumeiramente representada como predominantemente humana) do urbano.
(Massey, 2008, p.227)

O “campo” assim como a cidade é um lugar de várias trajetórias em constantes processos de negociações. Não podemos perder de vista que estamos falando de um lugar com especificidades bem marcadas. Quênia é uma colônia britânica.

Voltando a falar sobre a percepção do empregado sobre a terra, sobre o lugar podemos recorrer a Tuan quando pensa sobre percepção: O lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se vissemos o mundo como processo,em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar.(1983,p.198)

Tuan nos apresenta uma conceituação de lugar diferente de Massey. Não estamos aqui para tomarmos uma posição em relação a essas duas linhas de pensamento. Muito pelo contrário, queremos afirmar que o pensamento de Tuan corrobora com a fala do empregado. As mudanças que ocorreram devido à colonização inglesa ou não são percebidas ou não foram relevantes, pois para ele mesmo perdendo a terra, ela continuará lá. Terra onde vivem os ancestrais que já estão num outro plano, suas línguas nativas, sua religiosidade. Não podemos perder de vista as características da colonização inglesa de “governo indireto.”.

Neste sentido ainda podemos acrescentar mais uma contribuição de Tuan

Experiência é um termo que abrange a diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como olfato, paladar e tato, até percepção visual ativa e maneira indireta de simbolização. (1983, p.9)

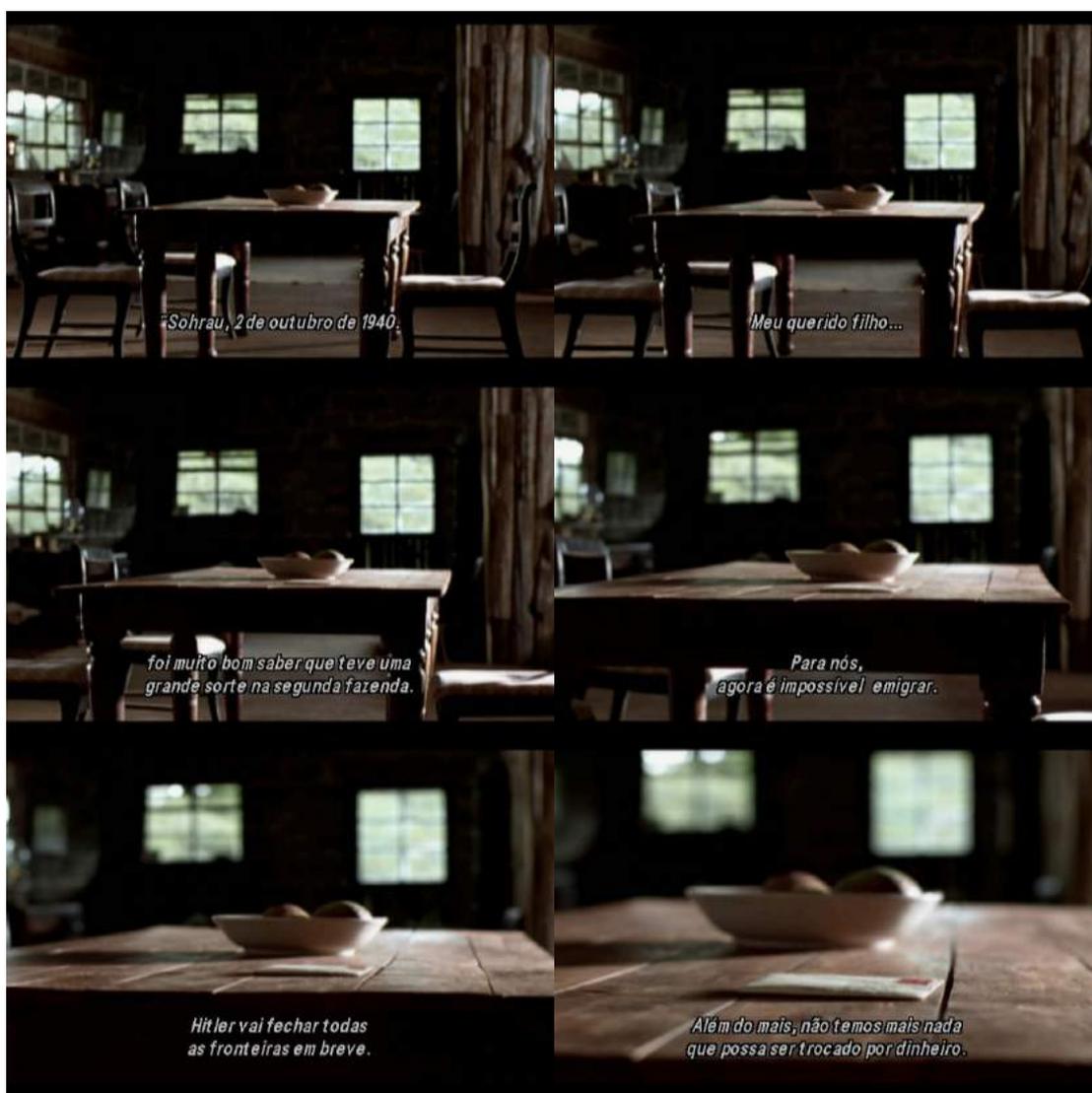
Logo, a percepção do empregado sobre o lugar existe a partir da experiência dele, da forma como ele olha os objetos que estão dispostos no lugar.

Sobre a imaginação dos lugares coloniais, Grupta e Ferguson, trazem uma contribuição que nos auxilia em compreender a fala do empregado:

As discussões sobre o nacionalismo deixam claro que os Estados desempenham um papel crucial na política popular de construção do lugar e na criação de laços naturalizados entre lugares e povos. É importante observar, porém, que as ideologias estatais estão longe de ser o único ponto em que a imaginação do lugar seja politizada. Imagens contrapostas de lugar foram evidentemente muito importante nos movimentos nacionalistas anticoloniais, bem como na autodeterminação e soberania por parte de contra – nações étnicas como os hutus(Malhki), os eritreus e os armênios. Bisharat(1992) investiga a participação do lugar na luta dos palestino, mostrando de que modo construções específicas da “terra natal” mudaram em resposta a circunstâncias políticas e de que maneira uma relação profundamente sentida com “a terra” continua a informar e inspirar a luta dos palestinos pela autodeterminação(p.38)

O empregado está a nos dizer que apesar da colonização inglesa, das transformações ocorridas na vegetação natural, o sentido de terra e lugar existe a partir da percepção dele. A terra continua lá esperando de seu retorno.

INTERIOR DA CASA DA FAZENDA:

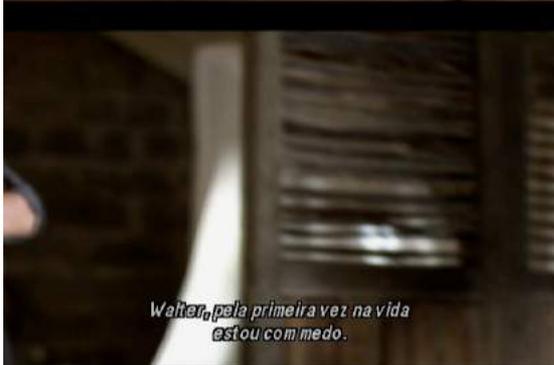




Dizem que os judeus vão ser levados para guetos.



Se isso acontecer, Grescheck lhe mandará nosso endereço logo.



Walter, pela primeira vez na vida estou com medo.



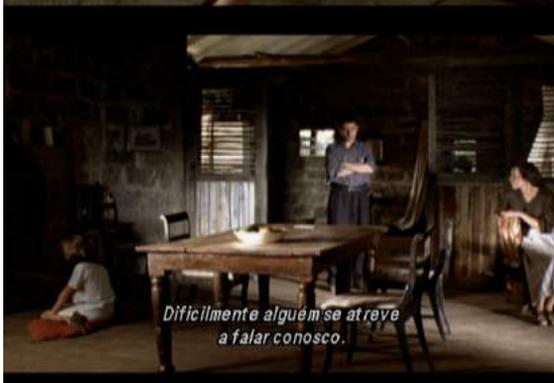
Receio por...



Liesl, mas também por mim.



Sentimos que nossa velha Alemanha é como uma ilha deserta.



Difícilmente alguém se atreve a falar conosco.



É horrível.



As cartas tiveram um papel crucial para manter as interconexões de Walter, Jettel e Regina com os seus familiares na Alemanha. As lembranças, a memória, trazidas pelas cartas foram primordiais para a manutenção destes vínculos. As cartas enviavam notícias pessoais, mas ao mesmo tempo um painel do que estava acontecendo com todos os judeus dentro da política nazista. Já tinham se passado alguns anos da chegada de Walter a Rongai e mais ou menos um ano do início da Guerra. Ao longo destes períodos era perceptível que o cerco aos judeus, a expropriação de seus direitos de cidadãos e atos de violência física / psicológica estavam aumentando. A carta chega, mas existe uma hesitação em abri-la, pois não há como prever os novos acontecimentos na Alemanha. O pai de Walter

quase sempre fora o responsável para a manutenção desses laços. Desta vez ele enviou sementes de rosas. Podemos pensar que foi uma forma afetuosa de lhe presentear com algo que viera do antigo lar de Walter e que poderia interpenetrar sua trajetória em África. Os familiares de Walter já não podiam migrar. As sementes de rosas são imigrantes que simbolicamente trouxeram elementos da Alemanha e o afeto do pai que ficara por lá:

Naturalmente, não são apenas os seres humanos e os continentes que estão se movendo. Sara Whatmore escreveu sobre as vidas móveis de animais e plantas- em escalas que variam das viagens liliputianas de um estecorário às navegações globais das baleias e aa rotas dos pássaros migratórios...(a) sementes de plantas viajando nas entranhas dos animais(1999, p.3)

(Massey, 2008, p.199)

Neste caso as sementes vieram pelo correio, trouxeram elementos da Alemanha e, portanto, mudaram o lugar Ol Joro orok.

COZINHA DA FAZENDA:





A parede é de barro. Walter joga leite numa vasilha de ágata. Está esquentando num fogão a lenha com chapa de ferro. Sobre esse fogão, há uma frigideira grande feita de ferro. Há também um lampião. Ele mexe o leite com uma colher de pau. Ele olha para o chão e vê Rummler. Owuor o encontrou. O Mago estava retornando aos percursos da de Walter, Regina e Jettel.

LOCAL DE CONTRATO DE TRABALHADORES:





Uma construção feita de madeira, ela é apresentada de lado. Na frente, há uma espécie de mesa ou bancada, em frente a esta mesa, há uma fila com homens, desde adultos até crianças. Há um homem fora da fila que parece apresentar as pessoas. O primeiro da fila tem um turbante e uma túnica branca.

-“ Daji Jiwan é indiano. Ele é um bom “fundi”. “

A imagem mostra Walter sentado de costas para a câmera. Há uma fila com pelo menos 20 homens. O homem que contrata as pessoas, aproxima o indiano da mesa.

- “Ele poderá ajudá-la a construir a casa.”

Walter está contratando trabalhadores, pois precisava construir uma casa. Na sua autobiografia, Stefanie Zweig relata:

Dez dia depois que um pequeno caminhão subiu as montanha chiando. A casa entre os cedros teve o seu telhado. O carpinteiro indiano Daji Jiwan, junto com trinta trabalhadores ergueu a casa de pedras cinzas para o novo bwana.”

(2003,p.74)

Para Tuan a casa é uma das marcas de um lugar, pois é a partir dela que você estabelece possibilidades de transformar o entorno num espaço vivido. Para Walter a casa era o lugar, lugar onde sua mulher e sua filha estariam com ele, assim como os objetos vindos da Alemanha. O local de produção de milho também. Tuan nos fala sobre a importância do trabalho como lugar em cidades, mas podemos fazer uma aproximação com Ol Joro Orok:

Vejamos agora um executivo com um alto ordenado(...) O lar está no subúrbio. Ele mora aí, mas o lar não está completamente divorciado do trabalho(...)O escritório é um lugar de trabalho, mas também é o lar do executivo – na medida que é o centro da sua vida.
(1983,202)

Para Walter, esta nova casa, este novo lar era um lugar. E, no caso dele o trabalho ficava próximo à casa, portanto, no caso dele, moradia e trabalho faziam parte do mesmo lugar. Mas ainda assim esta casa construída, este lugar não tinha para ele um sentido de permanência. Era algo provisório, necessário para a permanência de sua trajetória em direção ao futuro que provavelmente não estava ali. É curioso perceber que Tuan afirma que os judeus têm uma vocação para não estabelecer permanência nos lugares. Evidentemente que podemos questionar esta afirmativa, mas de alguma forma ela pode ilustrar a relação de Walter com a África:

Consideremos os israelitas e sua visão de tempo. O destino do povo escolhido era o Reino de Deus. Todos os reinos intermediários eram suspeitos. Ao contrário dos antigos gregos, os israelitas não se interessavam em estabelecer uma organização política que sugerisse permanência os lugares terrestres eram todos temporários, quando muito, etapas no caminho para meta final. AS religiões de esperança transcendental tendem a desencorajar o estabelecimento do lugar. A mensagem é: não se apegue ao que você possui; viva no presente como se fosse um acampamento, parada no caminho do futuro.
(1983, p.199)

SUSSEKIND E WALTER CAMINHAM PELO TERRENO DA FAZENDA:



A vegetação é bem verde e há uma árvore caída. Sussekind diz:

-“ Se você quiser pode sair daqui. Chamo de operação J. Há reestruturação de tropas no Quênia.”

-“ Estão mesmo aceitando alemães?”

-“ Homens judeus têm uma chance. Ninguém os acusa de apoiarem Hitler.”

Imagem da casa da fazenda, uma construção em forma de retângulo com varanda em volta. Atrás dela, uma encosta com vegetação. Jettel arruma a mesa. Coloca copos sobre o pano branco e forra a mesa.

- “E quanto a Jettel?”

-“Poderá morar em Nairóbi. Nem consigo imaginar que terei a chance de lutar nessa guerra.”

-“ E quanto a você?”

-“ Essa não é minha guerra.”

- “Nada mais tenho a ver com a Alemanha.”

A volta de Owuor-o grande Mago-, a carta vinda da Alemanha contendo a situação de sua família, o número de baixas do exército alemão, foram fortes incentivos para que Walter deixasse a fazenda e fosse para Rongai trabalhar como militar. A presença de Owuor era uma garantia de ajuda e proteção para Jettel, sendo assim este novo deslocamento de Walter poderia ser feita de forma mais tranqüila. Mais uma vez ele estava se deixando levar pelos movimentos da Roda Fortuna.

PARTE INTERNA E EXTERNA:



-“A guerra na Alemanha acabou.” Walter retorna de Nairóbi, anuncia o fim da Guerra. Mais uma etapa de mudanças nas suas trajetórias. Para a Alemanha e os países envolvidos este acontecimento se aproxima da carta do Tarô, a Torre. O término significa uma mudança radical, alterando muitas estruturas políticas, econômicas e sociais na Alemanha. Neste contexto, eles passam a ter opções. Podem finalizar o estado de provisoriedade do processo migratório ou podem finalmente decidir pela permanência na África.

Walter e Jettel mantêm relação sexual. Depois estão deitados na cama.

- “Há uns dias recebi uma carta de um professor alemão em Tarnopol.”

- “De quem?”

-“ Não o conheço.”

Walter está deitado no colo de Jettel e ela acaricia seus cabelos.

-“ Era professor antes da guerra. Ele conheceu papai e Liesl “

Cenas de relação sexual.

-“ Papai lhe deu meu endereço.” (Ele está no colo de Jettel)

- “Uma semana antes de morrer” (Jettel beija o peito de Valter. E continuam as relações).

-“ Papai e Liesl se esconderam no porão da escola. Papai foi espancado até a morte por dois SS em 17 de novembro de 1942.”(Valter está sentado em uma cadeira e Jettel está deitada na cama encolhida, chorando).

- “Liesl foi levada para Delssec. Um mês depois da terceira leva. Ninguém voltou. Ela havia se casado com um tcheco enquanto fugia. Era motorista de caminhão”(continuam se amando, o rosto dele em destaque, lágrimas).

Um empregado da fazenda talha o nome do pai de Valter numa pedra:
Max...

Lado de frente da casa da fazenda Jettel e Valter se despedem, ele retorna a Nairóbi.

QUARTEL EM NAIRÓBI:



Walter está fazendo barba em frente a um espelho. Ele recebe uma carta. Ao longo do seu percurso, Walter foi demonstrando que em alguns momentos as experiências apenas passaram e não foram internalizadas. Nestes momentos ele não pareceu ter criado laços profundos de pertencimento com os lugares da África. Estava de passagem. Walter pertencia à Alemanha e com o fim da guerra queria a sua outra vida de volta. Leite, (1998) citando *Tuan* (1975), afirma:

Ainda que há uma estreita relação entre experiência e tempo, na medida em que o senso de lugar raramente é adquirido pelo simples ato de passarmos por ele. Para tanto seria necessário um longo tempo de contato com o mesmo, onde então houvesse um profundo envolvimento. No entanto, seria possível a um indivíduo apaixonar-se a primeira vista por um lugar tal qual por uma pessoa (Tuan, 1983). Em contraste, uma pessoa pode ter vivido durante toda a sua vida em determinado local e a sua relação com ele ser completamente irreal, sem nenhum enraizamento

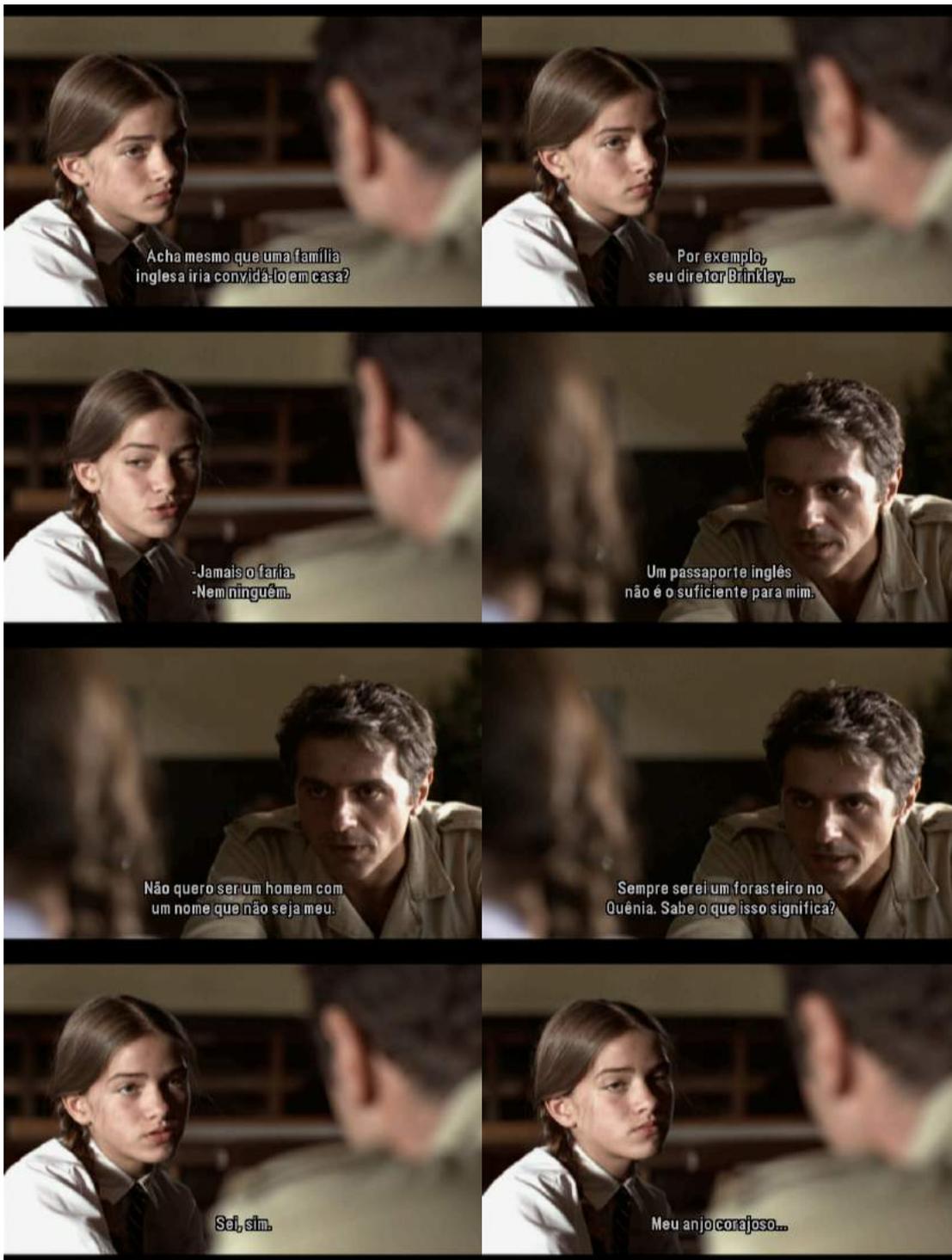
Nesta citação temos as três situações vividas por Jettel, Regina e Walter. Jettel levou um tempo para estabelecer um grau de pertencimento com os lugares na África. Regina se apaixonou à primeira vista, desde que saiu do carro e pulou nos braços de Owuor. Para Walter a África sempre foi um lugar onde era possível trabalhar e não morrer. Os nazistas lhe confiscaram o direito ao trabalho e era uma ameaça constante de morte.

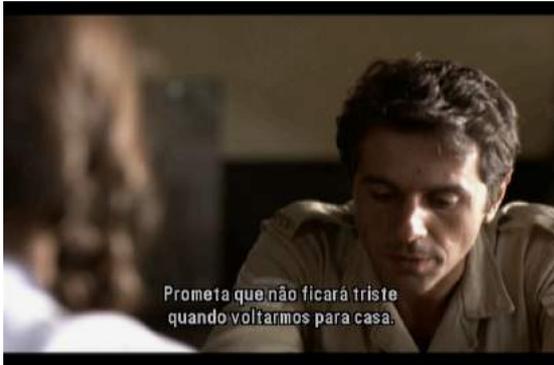
WALTER NA ESCOLA DE REGINA:











Walter deixa claro que a identidade nacional não significa apenas um passaporte. Por mais que o nazismo tenha provocado uma série de conseqüências negativas em suas vidas, eles eram alemães e não podiam se esquecer disto. Uma Alemanha sem os nazistas, sem Hitler era uma esperança, uma possibilidade de retorno ao lugar de origem. A sua relação com o lugar África, ou com os vários lugares da África. Se consideramos essa perspectiva sobre os lugares:

Trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos(Mello, 1990).

A experiência de Walter está longe desta relação com o lugar. Por outro lado, ele chegou a este continente com uma intenção bem definida. Precisava de um lugar que o mantivesse vivo, que o possibilitasse trabalhar, mas tudo de forma provisória. O retorno à Alemanha sempre esteve em seus planos futuros. Por mais que ele tenha estado um certo tempo na África ele não conseguiu esquecer a nacionalidade alemã, sua profissão de juiz. Ao longo de toda sua trajetória ele procurou guardar em sua memória lembranças da Alemanha que o faziam feliz e saudoso.

Regina já carregava uma relação com a África que nasceu desde sua chegada a Rongai. A criança, geralmente, mantém uma relação com o lugar diferente do adulto, uma criança tem mais futuro que passado (Zweig, 2003). Sendo assim as recordações e ligações de Regina com a Alemanha eram

menores do que as de Walter. Portanto os lugares da África tinham muito mais significados para ela. As sensações de pertencimento para Regina estavam muito mais ligadas ao Quênia.

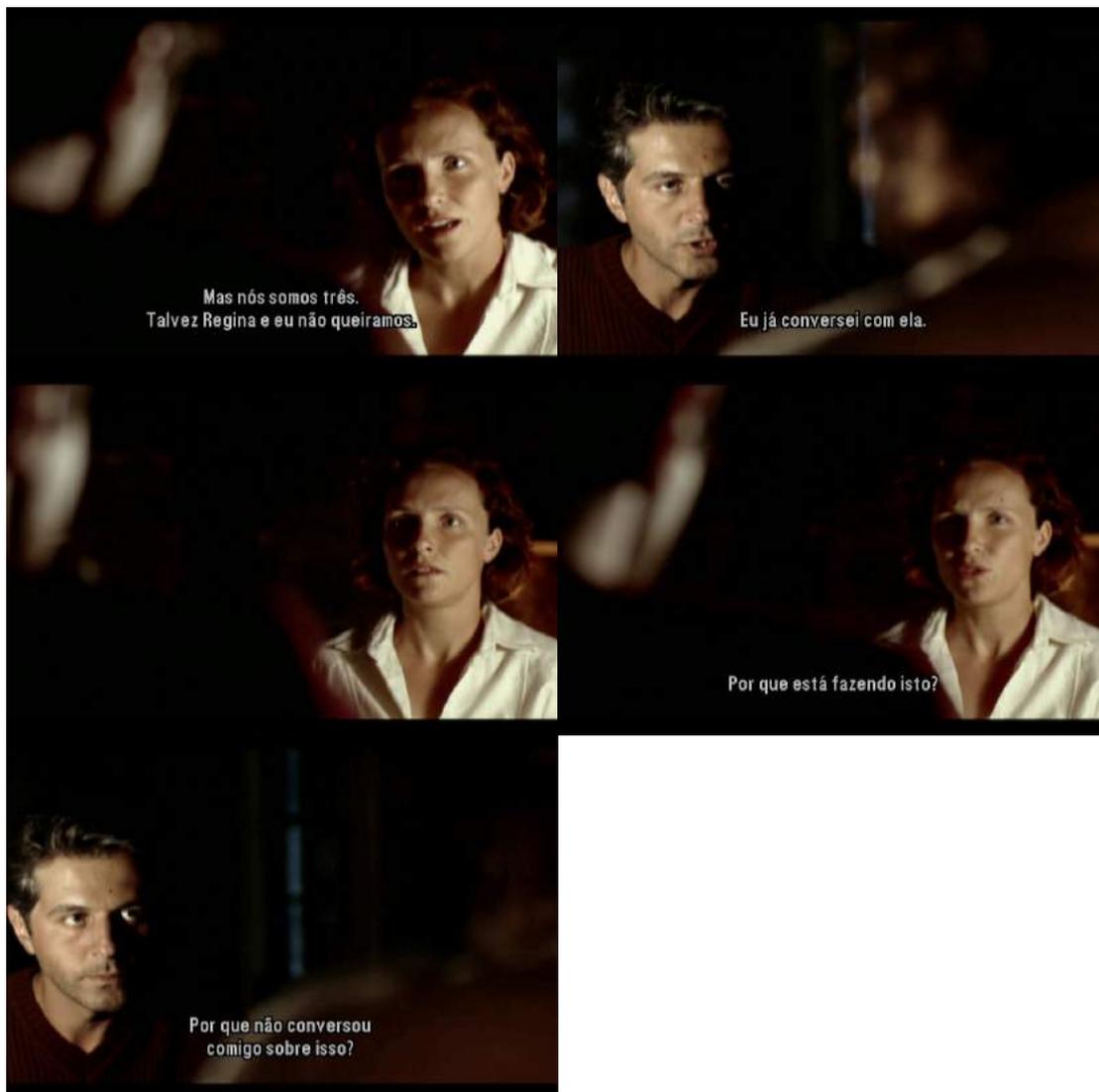
Walter se aproxima da citação abaixo:

No entanto, essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses pré-determinados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade. Como afirma Relph (1979), os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas.

Walter tinha uma intencionalidade em relação à África, o seu interesse era manter-se vivo e produtivo, mas com o seu desejo de voltar à Alemanha sempre esteve presente. Ele alimentou a identidade alemã, mantendo uma certa distância com qualquer tipo de afeto com Rongai ou Al joro Orok.

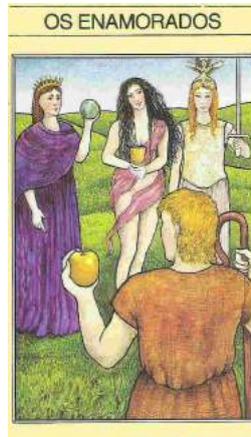
PARTE INTERNA DA CASA:





Walter e Jettel entram em um momento decisivo. Precisam fazer suas escolhas.

Ele pode optar em voltar à Alemanha sem Jettel e Jettel pode decidir em ficar na África sem Walter. No percurso do Louco do Tarô, eles se encontram na carta dos enamorados.



No Nível psicológico, O Julgamento de Paris, como é conhecido na mitologia representa o primeiro grande desafio para o desenvolvimento individual: O problema da escolha do Amor. O dilema não se restringe apenas a decidir entre duas mulheres ou entre dois homens. Representa também nossos valores, uma vez que nossa escolha nos remete ao tipo de pessoa que queremos nos tornar.

No Nível divinatório, a carta dos Enamorados indica a necessidade de escolha. Quase sempre no plano amoroso.

O Louco tendo aprendido sobre a dualidade, deve agora testar seus próprios valores. Algumas vezes a escolha está implícita num triângulo amoroso, mas também pode refletir o problema de um casamento precipitado, a escolha entre a carreira e o casamento, ou mesmo entre um projeto mais criativo e outro mais concreto.

A carta diz respeito à necessidade de se olhar atentamente as implicações das escolhas pessoais e não se deixar conduzir cegamente pelos impulso, que poderão trazer, tal como Paris, a deflagração da própria derrota.”.(Greene e Sharman- Burke, 1999, p-39-41)

Walter e Jettel estavam num momento de escolha decisiva. Tinham que pensar em todas as conseqüências, dependendo da decisão poderia significar o fim casamento, o fim da história amorosa.

WALTER SAI DA CASA DA FAZENDA :





Walter está uniformizado, Regina está encostada a parede da casa, há uma bicicleta, ele a coloca no carro. Regina está encostada no lado de fora da parede da cozinha descascando batata com uma faca.

- “Hei, mocinha trabalhadeira. Está fazendo o serviço de Owuor?”

- “A mamãe precisa de sua ajuda. É época de colheita.”

- “Ela se virou muito bem sem mim nos últimos anos.”

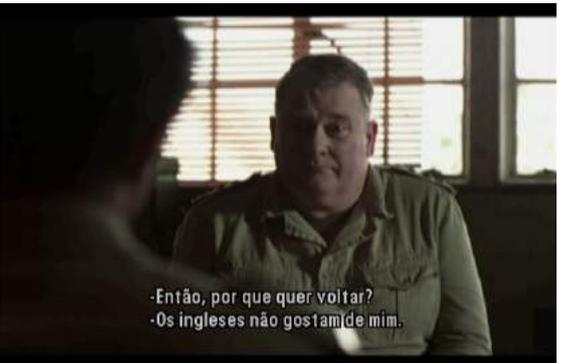
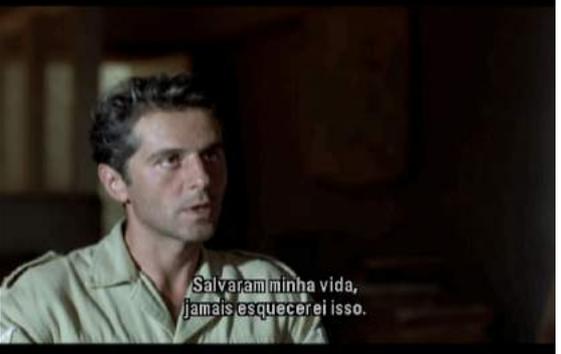
- “Eu preferia estar na escola a estar aqui. Por que isso? Papai.” (Ele abraça a filha e diz:)

- “Não sei.”

Walter entra no carro e observa os trabalhadores que estão no milharal. Vê a mulher trabalhando na terra. Gafanhotos batem no vidro do carro. Ele desce do carro e observa ao longe. Ele entra no meio da plantação de milho e tenta espantar os insetos. Os gafanhotos vão embora. Ele observa a mulher e a filha que se abraçam.

SALA DE UM QUARTEL OU DE ALGUMA INSTITUIÇÃO MILITAR INGLESA:









Walter mais uma vez afirma que os ingleses não gostam dele. Na visão dele, os ingleses são extremamente nacionalistas e sectários. O militar também afirma isto, pois Walter pensava que ele era inglês, mas, na verdade, era escocês, membro de um dos países do Reino Unido, de um lugar dominado pela Inglaterra com características identitárias próprias. Walter não conseguiu reconhecer esses traços que tornavam este militar diferente dos ingleses:

Enquanto uma pessoa só se conhece membro da sua própria nação, ela não percebe como se parece com eles; vê apenas a diferença que o separa. Quando minha comunicação se dá apenas com alemães e só

tenho notícias de alemães, não tenho oportunidade de me conscientizar de que pessoas a quem conheço parecem comigo num aspecto, isto é, em serem alemães(...)Só quando venho a conhecer estrangeiros é que me dou conta de que essas pessoas me são estranhas, ao passo que estou ligado àquelas com quem me comunicava anteriormente, e com milhões de outras, pelo laço de pertencimento a uma nação. O conhecimento da vida estrangeira é pré-condição de qualquer consciência nacional.(Bauer,2000, p.66-67)

Em relação à nacionalidade, Walter e o militar encontram-se em situações muito parecidas. Walter foi tomando consciência da sua condição de alemão de forma muito contraditória. Do ponto de vista político, ele tinha cidadania alemã, mas era judeu, porém não praticava o judaísmo de forma efetiva. Culturalmente foi influenciado pelas tradições alemãs produzidas por processos históricos. A saída da Alemanha o fez tomar consciência da sua identidade judaica, neste caso produzida pelo Estado. Ao chegar à África, sua identidade alemã foi acentuada pela dificuldade em se comunicar numa colônia britânica sem falar inglês ou alguma língua nativa. Quando a Inglaterra declarou guerra à Alemanha e ele se tornou inimigo de guerra, mais uma vez a nacionalidade alemã aflorou.

O militar nos apresenta o mesmo processo, quando afirma que os ingleses também não gostam dele por ele ser escocês. Talvez ele tenha percebido esta nacionalidade de forma mais intensa nesta experiência na África. Na relação com militares ingleses descobriu que sua identidade nacional está intimamente associada à Escócia. Ambos estavam vivendo uma situação de existência fora do lugar de origem.

COZINHA:





Ao observarmos as paredes da cozinha percebemos que ela é feita de um material diferente dos outros cômodos da casa. Talvez seja pelo fato de ser a cozinha local do empregado. Stefanie Zweig no livro "En Un Lugar de África" nos fala sobre a construção da cozinha: Depois da casa, Daji Jiwan levantou uma construção para a cozinha com uma forma redonda igual das cabanas dos nativos. (2003, p.77)

ESTAÇÃO DE NAIRÓBI:



Walter entra no trem com as malas e se volta para fora, aperta a mão de Susskind.

- "Tudo de bom para você."

- "Igualmente, obrigado."



No nível psicológico, Zeus, o Imperador, é a imagem da experiência da paternidade. É o pai que incorpora nossos ideais espirituais, nossos códigos de ética e auto – suficiência com a qual conseguimos sobreviver no mundo. É a autoridade e a ambição que nos impulsionam a conseguir o que queremos, bem como a disciplina e antevisão de que precisamos para completar nossos objetivos.

No nível divinatório, Zeus, ou o Imperador, indica o confronto com o princípio paternal, tanto sem seu espaço positivo e negativo. Nesse momento somos desafiados a trazer á tona, temos de concretizar uma idéia, fazer um plano, construir alguma coisa no mundo. Como, por exemplo, abrir um negócio ou reestruturá – lo, ou mesmo estabelecer vínculos familiares. Como um noivado ou um casamento.

Quando o Louco, recém – saído de seu mundo instintivo, encontrar o Imperador, irá aprender enfrentar a vida com seus próprios recursos, e de acordo com seu código de ética que terá de estabelecer para si. Só então poderá seguir em sua viagem com a certeza de que se sairá bem na vida porque existe algo maior em que pode acreditar e cuja autoridade emana agora dele mesmo.”

(Greene e Sharman-Burke, 1999, p.30-32)

A carta do Imperador ilustra o final da trajetória, da jornada de Walter, na África. Ele tinha um objetivo que era um dia retornar à Alemanha e voltar a exercer a profissão de juiz. Este processo foi de tentativa de reestruturação de uma vida

profissional que ele tinha na Alemanha, antes de migrar para a África. Ele também manteve o seu papel social de “autoridade” na família. E voltou para a Alemanha com mais um filho a caminho, lhe conferindo concretamente o papel da paternidade.

PERCURSO DE OWUOR:

PARTE INTERNA DA FAZENDA:







Owuor é o mago que vai conduzir o percurso de Regina, Jettel e Walter. O Mago, sendo compreendido como aquele que aponta o caminho que pode conduzir e também oferece possibilidade de escolhas, se aproxima, se afasta ao longo de todo o percurso. Aquele que será conduzido já traz de outros lugares, seja o de origem ou de outros lugares que fizeram parte do seu percurso de vida até agora – experiências que são capazes também de modificar o próprio Mago. Para Massey(2008),o encontro de duas histórias, cada qual com seus próprios espaços e geografias. Se Owuor é empregado da fazenda e esta fazenda está localizada numa colônia britânica, o percurso de vida já foi modificado pelos processos que são gestados por essa condição. Nesse sentido, como nos afirma Massey(2008, p.168-169), o espaço é uma configuração de trajetórias múltiplas. Não da interferência mútua de estruturas fechadas (horizontais), mas de trajetórias entrelaçadas de resultados imprevisíveis. Ao longo do filme, apresentam-se essas quatro trajetórias humanas que se entrelaçam com outras trajetórias humanas e não humanas que vão configurando os vários lugares e modificando suas trajetórias no presente e para o futuro.

Ainda em relação aos lugares por onde os personagens estabelecem suas trajetórias, alguns deles são fáceis de promover uma aproximação para além do filme, pois são comumente apresentados em outras formas de representação. Alemanha, África, Nairóbi são lugares que estão no imaginário de um grande número de pessoas além filme, mas Rongai onde está localizada a fazenda, que é apresentada, neste momento, no percurso de Owuor, pode nos trazer as generalidades sobre África, Quênia, assim como singularidades sobre este lugar,

que, para além filme, contribui para novas imagens sobre África como lugar ou ainda a África como lugares. Rongai me surgiu também como novidade, por mais que nas imagens haja uma configuração de objetos geográficos e paisagens que me remetem à idéia da África como generalidade. Uma das minhas preocupações como geógrafo foi tentar localizar Rongai no mapa do Quênia. As pesquisas mostraram-me que esse país tem uma organização político administrativa, em províncias e províncias essas formadas por distritos e estes por cidades. Rongai é uma cidade no distrito de Nakuru, na província de Rift valley. Sendo assim poderemos nos apropriar de outros discursos sobre este lugar: mapas temáticos sobre clima, vegetação e fotografias. Sendo assim, a existência de Rongai no que chamamos de realidade poderá ser efetivada a partir da sua existência como local narrativo no filme.

Sobre essa temática, Oliveira Junior (2010. p 4)

Busco dizer que tanto os locais narrativos ganham existência a partir de memórias e materialidades que não se descolam dos lugares geográficos além cinema, quanto os lugares geográficos ganham existência no interior das narrativas, sejam elas amparadas em imagens e sons ficcionais ou palavras e mapas científicos

No caso de Rongai, este lugar ganhou existência como local narrativo no filme, assim como na sua representação, no mapa, ainda que a sua localização exata não esteja representada, nessa escala cartográfica, mas a identificação da província e do distrito nos possibilita uma aproximação e uma imaginação.

As imagens destes planos apresentam a relação de Mago de Owuor com Walter, o tempo de Owuor é diferente do tempo de Sussekind: Mas multiplicidade, antagonismos e temporalidades contrastantes são a natureza dos lugares (Massey, 2008, p.226)

Sussekind e Owuor simbolizam esta multiplicidade antagônica: o branco e o negro, o africano e o europeu com trajetórias no mesmo lugar e que precisam ser negociadas constantemente.

Süssekind é chamado para auxiliar na cura de Walter. Isto ocorreu porque estes dois *bwanas* (*brancos*) têm uma semelhança que os identifica e os faz pertencerem a um mesmo grupo: são alemães. Enquanto ele não chega próximo ao leito de Walter, ninguém lhe ajudou ou tocou seu corpo. Süssekind lhe oferece quinino e então autoriza a Owuor a continuar o “tratamento”, pois ele precisa voltar à sua fazenda.

É evidente que, nestes processos de negociação, o europeu leva mais vantagem, porque ele tem o poder na relação com Owuor. Owuor é o empregado e, na impossibilidade de Walter, Süssekind é o patrão, portanto, se acha no direito de ordenar:

Na constituição do lugar, nos fornecem aquela inevitável contingência que é a base da necessidade da instituição do social e que, num dado momento de antagonismo, é revelada em fraturas específicas, que colocam a questão do político. (Massey, 2008, p.215)

O poder do colonizador inglês, dos padrões de outras nacionalidades européias e as diferenças culturais e de gênero nos colocam o desafio da possibilidade de convivência no lugar. (Massey, 2008). Nesta relação de poder, o lugar é determinado pela aceção de singularidade. O Quênia é uma colônia britânica, portanto, articulada ao Reino Unido, por fluxos de mercadorias, pessoas, ideias e, neste contexto histórico, social e político, articulado ao Mundo,

Este é um entendimento de lugar-como aberto (“um sentido global de lugar”), como tecer de estórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro de topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada (p.191)

Mas essa escala global é também produzida por trajetórias que ocorrem na escala local e que estão associadas à aceção do lugar como experiência.

Owuor não tem pressa. Talvez, para ele, a malária seja uma coisa corriqueira. A doença é mais um elemento que faz sua trajetória neste lugar: Os

não-humanos têm também suas trajetórias, e a contingência do lugar exige, não menos do que dos humanos, uma política de negociação. (Massey, 2008, p.228)

As negociações, de que fala Massey, nem sempre trazem bons resultados, mas, no caso da malária, no corpo de Walter, o resultado foi positivo, ocorreu a cura.

Sussekind acha que é o único capaz de cuidar do corpo europeu de Walter. Ao falar com Owuor tenta manter o seu poder sobre ele. Os homens em Rongai vivem com esta possibilidade. Na imagem, Owuor observa a ação de Sussekind com certo distanciamento. O mago que tudo observa, mas que só desempenha o seu papel quando solicitado.



Assim que Süssekind sai, Owuor cheira o remédio e decidi utilizar conhecimentos de uma outra pessoa cuja trajetória também compõe este lugar. Ele conversa com um “velho” que ,em quase todas as tradições africanas, são os sábios, aqueles que acumularam conhecimento ao longo dos seus percursos de vida, ao longo de tempo e espaço. A trajetória de Owuor nesse lugar está em interconexão com as múltiplas trajetórias, mais aberto para o lugar como

subjetividade, por outro lado, neste momento, a relação de Sussekind com o lugar é determinada pela relação econômica e por consequentes relações de poder. Owuor trata a doença com os métodos locais. Agora ele está fazendo o papel do Mago que foi solicitado a interferir, conduzindo Walter para uma tentativa de cura e da permanência da sua trajetória, da sua viagem em Rongai. Segundo o tarô mitológico, o Mago lida com os quatro elementos: ar, água, terra e fogo. Utilizando o elemento terra _ folhas e raízes_ Owuor cura Walter. Uma experiência marcante ocorrerá na vida o alemão.



Walter está acordado, sorrindo. Está com um prato de porcelana na mão e encostado numa cabeceira de madeira e, ao lado da cabeceira, há um lampião.

edição é feita em campo-contracampo, incluindo muitas vezes os dois personagens num mesmo enquadramento, marcando o diálogo entre os dois personagens como o foco central da sequência. Se voltamos na primeira sequência de imagens deste capítulo, notamos que ela apresenta Owuor sempre separado de Walter, apenas a observar de longe o bwana.



Owuor observa Walter a acordar. A cura da malária intensificou a interação entre as trajetórias do africano e o europeu. Ele lhe ensina palavras em língua nativa. (no DVD do filme comercializado no Brasil, se optarmos pelo filme dublado em português, perceberemos que uma boa parte dos diálogos dos personagens africanos é falado em língua nativa). A língua é um dos elementos que caracterizam um lugar, que lhe confere uma identidade, conhecimento e possibilita uma maior aproximação e compreensão deste lugar. Ao ensinar o nome dos objetos, Owuor está apresentado a Walter uma possibilidade de aproximação, por mais que as relações de poder continuem mantidas do ponto de vista econômico, assim como as diferenças culturais que irão alterar as relações de poder, no que se refere à saúde ou outras esferas da vida, o que pode ser notado na sequência seguinte de imagens.

PARTE EXTERNA:





Owuor tem um papel fundamental na cura. Nestas imagens selecionadas, Rongai é cartografada por essa relação que se estabelece entre Owuor e Walter. As configurações dos lugares estão em constante mutação. Nas primeiras imagens desse percurso de Owuor, observamos a distância que existe entre ele e Walter, mas o protagonismo do Africano, na cura da malária, reinventa a relação entre os dois, provoca uma modificação em suas trajetórias, portanto, uma mudança na configuração do lugar. Mais uma vez, recorrendo a Massey, podemos pensar que o lugar é configurado por histórias que ainda estão sendo feitas, uma coleção de histórias entrelaçadas, ele sempre está aberto, o lugar muda, assim como as pessoas mudam. Tempo e lugar são produtos de relações. Nesta sequência, este diálogo é apresentado em leve *plongée* (filmagem de cima para baixo), geralmente tem o efeito de apequenar o indivíduo, fazendo dele um objeto preso a um determinismo insuperável, um brinquedo da fatalidade. Walter percebe que precisará permanecer em Rongai por certo tempo e que precisou e precisará da ajuda do Mago Owuor para continuar sua trajetória, seu percurso.

PARTE EXTERNA:



A partir dessa parte do filme Regina e Jettel chegam a Rongai. Antes de Jettel, Owuor estende para Regina a Mão de Mago. Owuor chama Regina e lhe dá boas vindas. Já mostra este papel, daquele que auxiliará que será um guia na trajetória por Rongai. O sorriso da menina, o gesto em tocar o cabelo já ilustra uma maior abertura de Regina na caminhada. Owuor está vestindo a toga, simbolicamente está na posição de quem tem o conhecimento, quem ensinará a Regina coisas que configuram este lugar até o presente momento. Owuor e Regina ao se abraçarem fizeram associações, ligaram suas histórias, sua trajetórias, geografias. Owuor possibilitou a Regina um entrelaçamento com as estórias das quais este lugar é feito. Rongai é um lugar localizado no Quênia, que possui trajetórias anteriores à chegada dos europeus. No site do IBGE, <http://www.ibge.gov.br/paisesat>, consta que existem pesquisas que comprovam que no atual território do país foram encontrados fósseis que a região era habitada por hominídeos, chamados de *homo habilis* e *homo erectus*. Existem relatos que até o século XVIII, era ocupado por povos bantos e que os árabes chegaram a partir desse período, criando uma civilização intercultural chamada de suaíle, mas do século XV em diante os europeus exerceram um domínio sobre este lugar. Inicialmente, os portugueses, até o século XVII, depois os ingleses, a partir do século XIX, mas também havia a presença de missionários alemães, determinando a assinatura de um acordo entre o Reino Unido e a Alemanha, em 1886, definindo o controle britânico sobre o Quênia. Sendo assim, a trajetória de Owuor neste lugar é entrelaçada por essas várias estórias que configuram este lugar. A entrada da família Radclif e de Regina é mais uma constatação de que lugares estão sempre abertos e que o sentido de cultura autóctone que aparentemente, pode ser representada por Owuor, tem que ser relativizada e pensada a partir, também, daquilo que vem de fora. Regina é inserida em Rongai por um negro vestido com roupas que foram de seu pai: mago híbrido de relações privadas/familiares e culturais/africanas.

Os estudos africanos, na atualidade ,rocuram levar em consideração essa perspectiva. Hugon (2006) nos auxilia

A história da África não começa com a descoberta e a colonização. Ela é fortemente contrastante segundo as regiões e segundo os períodos. A ausência de documentos escritos torna sua reconstituição muito fragmentária. A história de longa duração pré colonial e colonial mostra alternadamente as permanências e as rupturas das sociedades africanas no plano dos valores e das representações, da configuração espacial, do papel das redes comunitárias, familiares e étnicas. A África periférica e os africanos suportaram histórias impostas, mas também as reinterpretam, as reivindicaram e as introjetaram.

O uso da toga por Owuor é uma marca fílmica desta introjeção, desta mistura cultural que configura a África ali mostrada.

PARTE INTERIOR DA CASA DA FAZENDA:







Owuor já tinha estabelecido uma relação de Mago com Walter e Regina. A relação com Jettel estava para se construir. Na primeira cena em que estão em relação Jettel e Owuor, este último retira porcelanas de uma caixa enquanto Jettel segura um quadro na mão. Ela dirigiu - se a uma parede, retira um chifre e pendura o quadro. O chifre é um objeto que apresenta um dos símbolos do lugar, que é a criação de gado. Ele percebe que Jettel pendura um quadro na parede retratando uma paisagem que não é Rongai, portanto, ele vai retirando outros objetos que lhe parecerão necessário ao cotidiano de um lar. Jettel lhe ordena que guarde um determinado objeto, pois segundo ele, a família não ficará muito tempo em Rongai, portanto, eles precisam apenas de objetos estritamente necessários ao funcionamento de uma casa. Owuor não percebeu esse sentido de provisoriedade. Ele mostra um prato para Jettel e o ressignifica em língua nativa: "sarrani". Mas ela diz o nome em sua língua e diz: "aprenda alemão se quiser falar comigo."

Doreen Massey nos apresenta um caminho para compreendermos como essas relações cotidianas fazem parte da natureza dos lugares

Se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de estórias-até-então, lugares são, portanto coleções de estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções, dentro desse cenário mais amplo e aquilo que delas é feito. Mas também dos não encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões. Tudo isto contribui para a especificidade do lugar.

Viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com os quais nos relacionamos. (Massey, 2008, p. 190)

A relação entre Owuor e Jettel será permeada por essas interseções e desconexões. Há uma relação entre empregado e patroa que possibilita uma interseção entre a trajetória de ambos, seja quando Jettel aceita o quadro para pendurar na parede, seja rejeitando os objetos que ela julga não terem uma utilidade na fazenda. Jettel estabelece uma desconexão, uma exclusão ao dizer para Owuor que ele precisa aprender alemão para falar com ela. Owuor não acata essa possibilidade de interseção através do aprendizado da língua da patroa e pega os pratos e os leva para mesa, repetindo: “sarrani”. Mesmo que Jettel rejeite Owuor mostra para ela que em Rongai existe uma outra língua que não é alemão ou inglês. No entanto, o mesmo Owuor a ajudará a carregar água, apontando para mudanças possíveis, para além das resistências acima destacadas.

PARTE EXTERNA:





No nível psicológico, o Mago representa o guia. Significa que algum ponto dentro de nós, não importa o quanto estejamos perdidos ou confusos, sempre vai existir um vislumbre das profundezas do inconsciente para indicar – nos que direção deveremos tomar e que escolhas podemos fazer

(Greene e Sharman-Burke, 1999, p. 25)

O Lugar é formado por uma série de objetos geográficos. Nesta sequência, Owuor apresenta um dos objetos sagrados de Rongai. Observando o fotograma do filme e a carta do tarot, constatamos que Owuor e o Mago estão apontando com a mão direita. No caso de Owuor, ele aponta para o Monte Quênia, lugar sagrado, assim como o mago que aponta para o céu, lugar sagrado na cultura ocidental. Para ambos, as trajetórias, os percursos de vida são determinados, explicados pelo plano sagrado, uma trajetória não humana que está entrelaçada, imbricada em todas as outras trajetórias não humanas e humanas que configuram o lugar. O céu e o Monte Quênia estão acima de todas as outras trajetórias e influenciam todas elas.

O início da trajetória de Regina, em Rongai, começa pela dimensão do sagrado. Como esta dimensão é importante para compreender e melhor entrar em inter-relação com este novo lugar.

Essa indicação de que a carta do Mago possibilita a partir do inconsciente, uma direção a ser tomada, precisa se colar ao papel do Mago para além das cartas. A energia do Mago pode ser representada por uma pessoa. Neste caso a presença de Owuor, pode ajudar a despertar o inconsciente de Regina para que

faça suas escolhas na trajetória por Rongai. Sendo assim, em alguns momentos, Regina será seu próprio Mago, conduzindo seu próprio caminho.

Owuor teve papel importante em descrever a paisagem para Regina, pois ela chegou da Alemanha e desconhece a sua de organização. Caso não fosse explicado, o Monte Quênia seria apenas um objeto natural, mas para a população local é um objeto cultural / religioso que faz parte da identidade dos jaluos, etnia à qual pertence Owuor. O monte Quênia é mais um dos marcos que caracteriza Rongai como um lugar. E sua singularidade está em ser um objeto geográfico natural, com sua topografia, altitude, formação geológica, vegetação e como objeto cultural e religioso

Owuor apresenta o Monte Quênia como um lugar sagrado, mas caberá a Regina a escolha, se em sua trajetória por Rongai, o Monte Quênia é sagrado, com ela estabelecendo uma relação religiosa, no sentido da fé, da crença ou se é lugar sagrado, mas apenas como classificação de um objeto geográfico.

Levando em consideração o tamanho dos planos, houve uma tentativa de cartografar pelas imagens os percursos dos personagens nos locais narrativos. Concluímos que as sequencias onde ele aparece, geralmente, estão em primeiro plano, que apresenta os detalhes e singularidades dos locais narrativos por onde ele atua. Fazendo uma aproximação com a cartografia, o primeiro plano apresenta estes locais narrativos em grande escala, que apresenta o maior número de detalhes representado. Nesse sentido, Owuor nos possibilita representações sobre a África que fogem do senso comum. Segundo Hugon (2006), as representações divergem, dependendo das abordagens e do ponto de vista adotados.

De uma maneira geral as representações sobre África levam em consideração as seguintes imagens:l

- Racista, ou evolucionista, do bárbaro, do inferior contra o qual é preciso se proteger ou o qual é preciso civilizar, importando os benefícios das religiões reveladas, da ciência e das instituições.

- A paternalista, da criança que necessita ser educada: a África aparece como um continente atrasado na evolução da humanidade, diante do qual a mãe pátria tem um papel educador, ou o qual ainda não está pronto para a democracia;
- A exótica, do bom selvagem, do "superior" que vive em comunidades solidárias, em harmonia com a natureza, e que é preciso preservar;
- A humanista, do irmão, nosso semelhante, com o qual é preciso cooperar;
- A relativista, do estrangeiro que não podemos compreender e cuja diferença nos torna, em último caso, indiferentes;
- A conscientizada, do escravo acorrentado que necessita ser libertado de seu dono e de seus grilhões;
- A solidária e compassiva, do pobre que necessita de assistência ou ajuda para se desenvolver.

(Hugon, 2006, P.12)

Para fugir dessa amarras, optamos por uma representação que leva em consideração as seguintes abordagens. Ainda recorrendo a Hugon (2006) encontramos o nosso caminho,

Adotando um enfoque *bottom up* e mudando de ângulo de observação, a paisagem torna-se mais contrastante, surgem diferenças de relevos, transparecem as "dinâmicas internas".

(P.16)

Um outro foco, como *profundidade de campo*, visa ir além da aparências para revelar a África profunda, aquela das permanências, da perenidade dos valores, da relação com o sagrado, das estruturas sociais e dos ritmos, assíncronos em relação ao tempo mundial, dos poderes reais, ou mesmo da atividades ilícitas que se organizam em torno das economias predatórias e das guerras.

(p.17)

PARTE EXTERNA:





No primeiro momento, Owuor é taxativo quando Jettel Ihe solicita ajuda para pegar água. Ele lhe diz que é cozinheiro e que cozinheiros não pegam água. Na seqüência, as imagens nos revelam que em Rongai, há uma divisão do trabalho por gênero, mas quando Jettel Ihe pede ajuda para carregar os baldes com água, apesar da lógica de organização do lugar, pega os baldes e os leva até a casa da fazenda.

Reconceituar o lugar dessa maneira coloca em pauta um grupo diferente de questões políticas. Não pode haver suposição de coerência preconcebida ou de comunidade ou identidade coletiva. Em vez disso o acabar juntos do lugar exige negociações. Em flagrante contraste com a visão de lugar como estabelecido e preconcebido. Com uma coerência a ser perturbada por forças “externas”, lugares tal como apresentados aqui, de certo modo, precisam de invenção, colocam um desafio

(Massey. 2008,p.204)

Esta passagem, nos ilustra que os lugares são inacabados em seus processos de estruturação e podem ser produzidos e reproduzidos por negociações. Estas negociações estão postas na busca de estabelecimento de novas relações que equacionem melhor os desejos e intenções daqueles nelas envolvidos. Owuor ajuda somente uma das mulheres, Jethel, evidenciando que as negociações alteram algumas relações e não todas.

Se tomarmos as difíceis relações iniciais entre estes dois personagens, Owuor e Jettel, evidenciadas pela sequência de imagens a seguir, ganhamos linhas de pensamento para entender algum dos porquês Owuor saiu de sua posição de homem-masculino africano para se localizar na de empregado-pago ou de amigo-igual-camarada em sua relação com Jettel.

PARTE EXTERNA DA FAZENDA. PRÓXIMO A CASA:



Owuor é o Mago e, como tal, conhece a dinâmica dos quatro elementos: terra, fogo, ar e água. Esses quatro elementos são essências para as trajetórias num determinado lugar. Em Rongai, a terra é importante, pois é a base da

sustentação da moradia dos Redlich, para criação do gado, para plantação. A água é primordial para a sobrevivência cotidiana, principalmente num lugar com escassez de chuva. Nesta seqüência, Owuor demonstra total conhecimento sobre o fogo e o ar. Pela direção do vento, ele pode afirmar que o fogo não atingiria a casa. Greene e Sharman- Burke(1999) descrevem essa característica do Mago. No tarot mitológico a figura do Mago está associada à Hermes

(...) Hermes tornou-se o mestre dos quatro elementos e por fim ensinou aos homens as artes da geomancia (adivinhação pela terra), piromancia (adivinhação pelo fogo), aeromancia (adivinhação pelo ar) e hidromancia (adivinhação pela água) .

(p.25)

As previsões de Owuor estavam corretas e o fogo não atinge a casa, mas Jettel briga com o marido apontado como esse quatro elementos de Rongai à incomodavam. A terra sempre seca, a água escassa, a possibilidade constante de que a casa fosse atingida pelo fogo. Ela fala para o marido que precisa voltar para a Alemanha, mas Walter lhe conta o que ouviu numa rádio Suíça: os nazistas tinham queimado várias sinagogas e confiscado bens materiais dos judeus.

PARTE INTERNA E EXTERNA DA FAZENDA :





O retorno à Alemanha torna-se improvável nesse momento. Owur retira os objetos da caixa, pois para Jettel a permanência em Rongai não seria tão provisória. Owur retira as porcelanas, enquanto Jettel modifica sua relação com o lugar

PARTE EXTERNA:



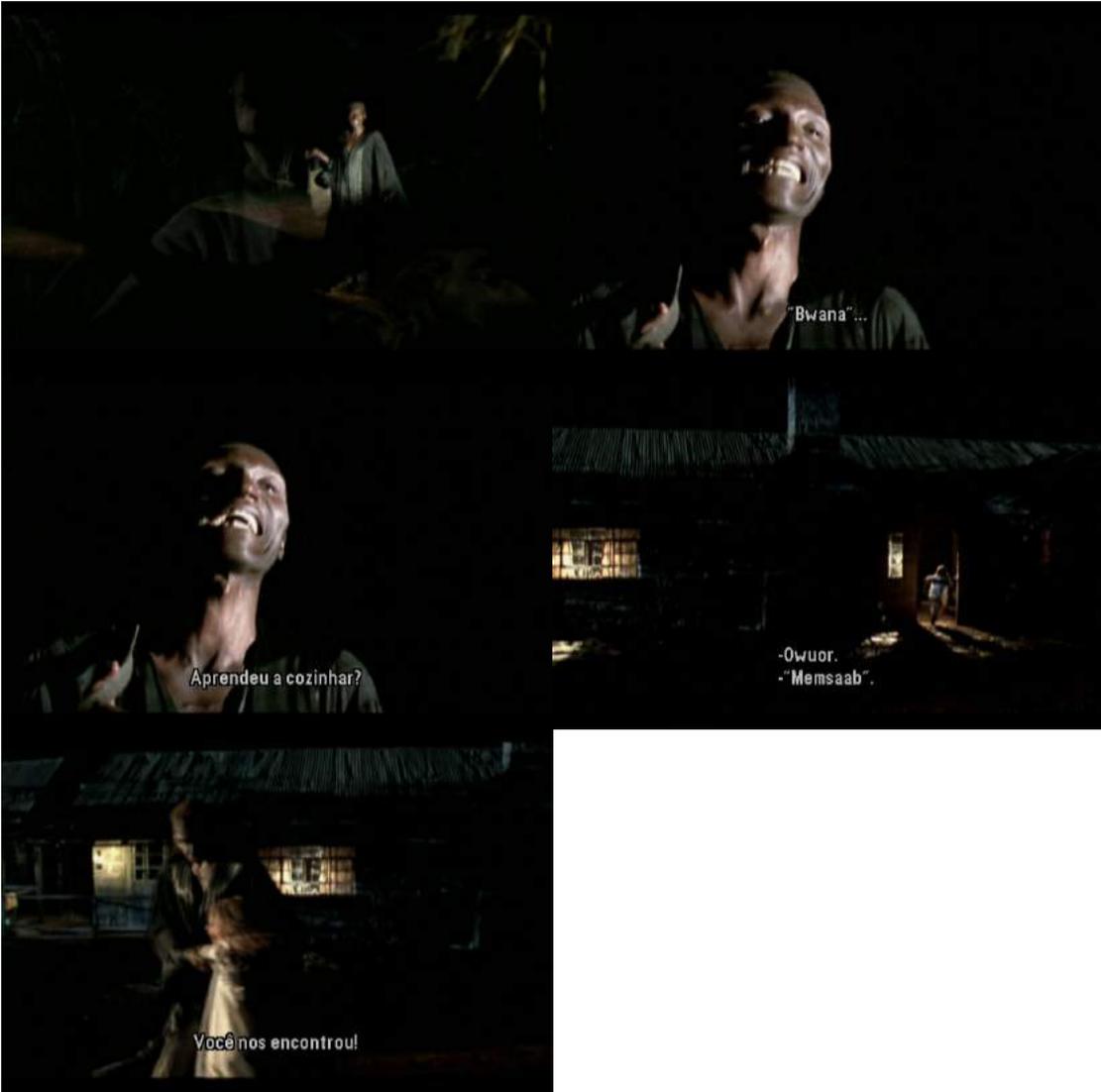
Quando a Inglaterra declara guerra à Alemanha Walter é preso já que era cidadão alemão. Quando os soldados ingleses chegam até a casa da fazenda para levá-lo para prisão, Walter pede a Owuor que cuide de Jettel e Regina. Mais uma vez o papel do Mago é solicitado. Logo em seguida, Jettel e Regina são levadas para Hotel-Presídio.

Durante esse processo de prisão, Regina, Jettel e Walter continuaram suas trajetórias, sem a presença física de Owuor. Com a prisão de Walter, ele ficou responsável em tomar conta de Regina, Jettel e da fazenda. Com a ida de Jettel e Regina para o hotel presídio, permaneceu na fazenda, esperando o retorno dos antigos patrões. Owuor, como Mago, sempre teve um papel importante como guia da família Radclif, mas, nesse processo de prisão, os lugares apresentados eram distantes da trajetória dele. Talvez Owuor nunca tenha estado em Nairóbi. A prisão de Walter era para alemães inimigos de guerra. O Hotel- presídio era para um segmento social com possibilidades financeiras, a comunidade judaica de Nairóbi desconectada da sua identidade étnica. Talvez Owuor entrasse em conexão com esses lugares através da sua função como cozinheiro, mas a dinâmica desses lugares é distante da sua trajetória até então. Ele poderia continuar como Mago, mas de uma outra forma.

Neste tempo Jettel procurou a comunidade judaica de Nairóbi para auxiliar na libertação do marido, Walter foi demitido como administrador da fazenda em Rongai, Jettel se deixou seduzir por um soldado inglês para conseguir um novo emprego para o marido, Regina vê a mãe e o soldado inglês aos beijos, Walter consegue um novo emprego em El Joro Orok

COZINHA DA FAZENDA:









A parede é de barro. Walter joga leite numa vasilha de ágata. Está esquentando num fogão a lenha com chapa de ferro. Sobre esse fogão, há uma frigideira grande feita de ferro. Há também um lampião. Ele mexe o leite com uma colher de pau. Ele olha para o chão e vê Rummler. Owuor o encontrou. O Mago estava retornando aos percursos de Walter, Regina e Jettel. O mago nunca explicita os caminhos de sua magia. Owuor desloca a descoberta para o cão Rummler, num gesto de deslocamento de foco, de desimportância de si que é, a um só tempo, também o esconderijo de seus caminhos (para chegar) até ali.

CAMINHO:

Regina volta à fazenda e é recebida por Owuor. Ele a abraça e gira o seu corpo. Esse artifício é usado para dar a idéia de passagem de tempo. Quando ele coloca Regina no chão, ela já será uma jovem. Não só o tempo está adensado nesta cena. Também o afeto entre Regina e Owuor, entre a menina européia e seu guia africano, entre o louco e o mago.

PARTE EXTERNA DA FAZENDA:



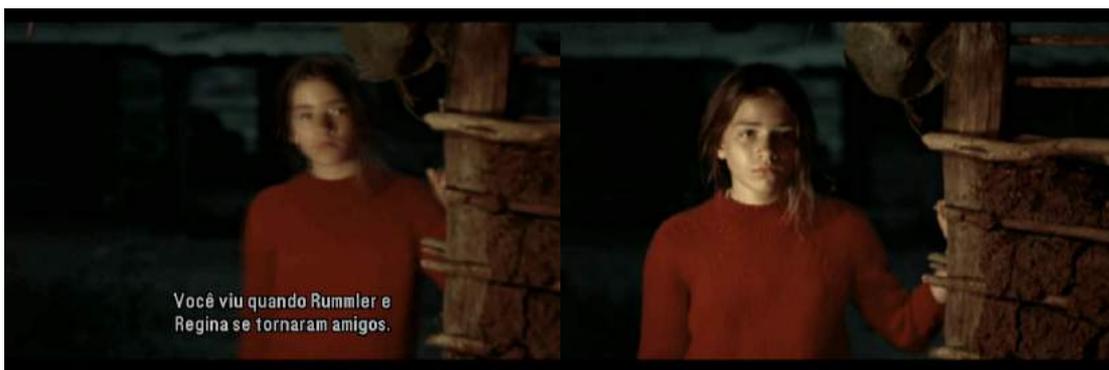


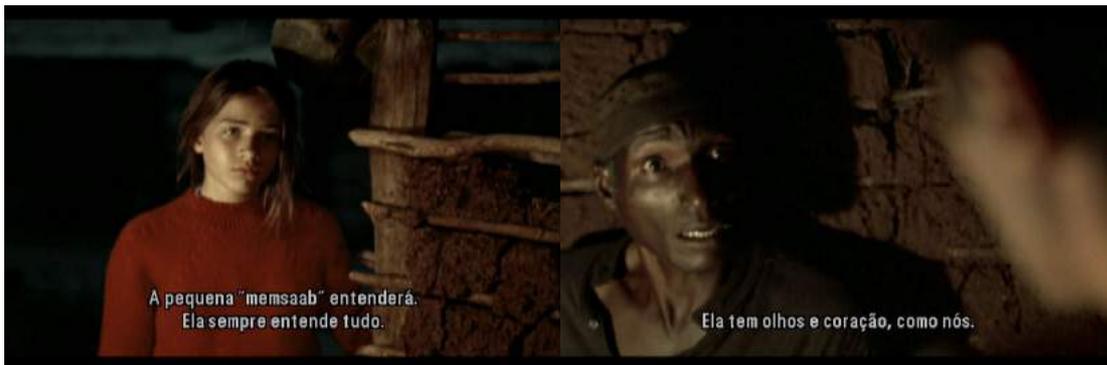




Ela está cortando seu próprio cabelo em frente a um espelho, que está pendurado em uma cerca. Ela pára de cortar o cabelo e vê Owuor agachado. O espelho tem duas faces. Numa está refletido o perfil de Jettel. Na trajetória de Owuor, é a primeira vez que ele conversa com Jettel de forma amistosa, longe da relação patroa / empregado. Jettel procurou saber sobre a vida dele além da condição de cozinheiro. Owuor é casado, tem três esposas, filhos. Mora numa outra cidade, perto de um lago. Owuor possui uma trajetória que passa por um lugar num lago perto de Kisumu, Rongai, Ol Joro Orok.

COZINHA:







Regina, em nenhum momento, está fazendo uma referência ao lugar. Ela viveu uma jornada, de mais ou menos dez anos, na África. Numa fase em que as crianças mantêm olhos e corpos mais abertos ao que o mundo lhes propõe, às singularidades dos lugares.

Ela tinha vivido um período da sua infância, na Alemanha. Mas, como afirmara no início do filme, ela não conseguia lembrar muito bem da Alemanha. Lembrava da neve e do avô. Logo, sobre o lugar Alemanha, a natureza e as relações familiares eram os elementos que caracterizavam aquele lugar.

Na África, ela viveu intensamente fora de casa, conduzida por Owuor frequentou rituais religiosos, interagiu com as crianças nativas, foi para uma escola inglesa, convivia com os pais alemães. Podemos afirmar que a trajetória de Regina, o seu percurso, está longe de ser linear. Ela pode ser caracterizada como um sujeito da experiência:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (Larrosa, 2001, p, 26-27).

Regina, em alguns momentos, teve estranhamentos com as coisas novas, mas de certa forma buscou encontrar sentido nos variados acontecimentos

cotidianos; mesmo que não os tenha incorporado como modo de vida, deixou ser tocada.

(p.18)

Nas trajetórias de Regina, Jettel e Walter pelos locais narrativos do filme, percebemos que essa visão dos impactos do imperialismo deve ser relativizada e acrescentar novas inter- relações entre africanos e europeus. Do ponto de vista dos impactos da colonização e do imperialismo, precisamos reforçar que não houve uma passividade dos africanos em relação à dominação cultural. Há representações geopolíticas sobre a África que lhe dão uma centralidade,

O afrocentrismo, ao privilegiar a realidade negro – africana, afontra-se com a representação de uma África inserida na globalização. Na realidade, as configurações são múltiplas e se traduzem em interações entre territórios e as redes, o inter e transnacional, os atores de baixo e os poderes institucionais. Os dominados ou os periféricos têm poder de ação e de reação. Há que mobilizar as categorias das ciências sociais, contextualizando-as, historicizando-as, relativizando-as e descolonizando o vocabulário.

(Hugon, 2006. P.19)

Regina, Jettel e Walter voltarão para a Alemanha, lugar de origem, com as experiências determinadas por suas trajetórias nos locais narrativos da África. Owuor, o mago, teve um papel importante nesse processo. “Mundializando” a África em várias dimensões, sejam elas culturais, sociais, políticas. Por outro lado, Owuor, além do poder de ação e influência sobre a família Redlich, foi influenciado por essa experiência num processo híbrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O filme “**Lugar Nenhum na África**” nos apresenta uma diversidade de lugares em diferentes escalas: Europa e África, se pensarmos em continentes, Alemanha e Quênia, se pensarmos em países e Rongai, Nairóbi, Ol Joro Orok se pensarmos em cidades, Não podemos nos esquecer das cidades alemãs que são indicadas pelos diálogos ao longo do filme, a saber, Breslau, Frankfurt.

Nas primeiras imagens que o filme apresenta sobre a África / Quênia, Regina, a narradora fala sobre o continente, sobre o país, como se eles fossem a mesma coisa. Ao se referir à Alemanha, em nenhum momento ela faz menção a Europa. Na minha cabeça que foi educada por estas imagens recorrentes do que convencionalmente chamamos de Savana Africana, não há a apresentação de um lugar no sentido que nos fala Tuan, um pedaço de um determinado espaço que possui singularidades que o faz único. Levando em consideração os aspectos da natureza, as paisagens apresentadas poderiam ser de qualquer lugar na África ou dizendo de uma outra forma, a África como sendo um lugar onde esta vegetação e esta topografia sejam típicas, lhe conferindo esta identidade.

Nas seqüências iniciais do filme, há uma comparação de imagens entre a Alemanha e África/ Quênia. Não só as imagens, mas também as palavras que aparecem na voz de Regina vão apresentando estas diferenças ambientais.

Na primeira inserção de Walter no filme, ele está acometido de malária e um menino negro vai à outra fazenda levar um recado e pedir auxílio a outro europeu para ajudá-lo. O filme vai nos mostrando como as trajetórias de Walter e Sussekind estão em coetaneidade, por terem vindo do mesmo lugar e, portanto algumas semelhanças nas suas histórias de vida .

Na África, a trajetória de Walter e Sussekind estavam no mesmo lugar que a trajetória do menino e dos aspectos naturais que separavam as duas fazendas. Ao chegar à fazenda Sussekind, encontra Owuor e lhe ordena que observe e ajude Walter na cura da malária. Mais uma trajetória humana, o empregado e uma trajetória não-humana, a malária, se cruzam para dar características a este lugar.

Nas seqüências iniciais, há uma cena em que Jettel recebe uma carta de Walter e nela estava escrito que aquele lugar se chamava Rongai.

A chegada de Jettel e Regina, suas trajetórias nos apresentam mais detalhes sobre o lugar. A partir da trajetória de Jettel, percebe-se que na fazenda se cria gado, mas a família não está autorizada a comer carne. Na relação de Regina com Owuor, surge a natureza além da casa da fazenda, assim como o culto ao deus Ngai. Ela possibilita que a trajetória do sagrado seja apresentada. Quando a Inglaterra declara guerra à Alemanha, a família torna-se inimiga de Guerra. Walter é preso e Regina e Jettel são levadas para Nairóbi. Nairóbi é apresentada como uma cidade de ocupação desorganizada.

Pensando no Quênia como lugar podemos perceber que outras trajetórias, algumas diferentes das de Rongai vão dar características a esta colônia inglesa. Enquanto estava preso, Walter é demitido por Morrison, dono da fazenda em Rongai. Jettel consegue um novo emprego para o marido numa nova fazenda em Ol Joro Orok. Este novo lugar apresenta uma paisagem natural diferente de Nairóbi. A aridez desapareceu, as imagens se inundaram do verde das árvores que eram de grande porte, formando espécies de matas. Neste lugar não há criação de gado, mas plantação de milhos. Além da família Radclich, há um indiano e negros de uma etnia diferente da que tinha em Rongai. Em Rongai viviam os jaluos, em Ol Joro Orok, os pokots. Regina passa a freqüentar uma escola inglesa, anglicana e Jettel passa a participar ativamente da administração da produção de milho. Walter torna-se um militar á auxiliar o exército inglês. Estas trajetórias humanas e não-humanas, trajetórias que estão mais internamente no lugar e outras que saem, mas voltam e dão identidade a este lugar.

Em todos estes lugares, Rongai, Nairóbi, Ol Joro orok, Regina, Jettel e Walter vão contribuindo com suas trajetórias, assim como estes lugares foram modificando os três ao longo dos seus percursos.

No filme “lugar nenhum na África”, fiz uma opção de compreende - lo a partir dos conceitos de Lugar, Experiência, Migração, associado ao estudo do tarô. Sobre o conceito de Lugar houve uma escolha em privilegiar os estudos do geógrafo humanista Yi-Fi-Tuan que aborda este conceito levando em

consideração a sua relação com a Experiência. Sobre o conceito de experiência, o espanhol Jorge Larrosa e Walter Benjamin foram utilizados.

Cruzando minhas análises utilizadas no filme, apareceram também escritos da geógrafa Doreen Massey que amplia as características do lugar como experiência – coetaneidade de histórias-até-aqui – para o espaço, para a dimensão espacial da vida como sendo relacional, não só em suas escalas, mas também e principalmente nas trajetórias que se cruzam, se entrelaçam ou se negam na convivência coetânea de humanos e não humanos num mesmo momento de tempo, ainda que tenham temporalidades distintas.

Regina, Jettel e Walter fizeram percursos que apresentaram singularidades. Doreen Massey(2008)ao nos falar que o Lugar é como um tecer de estórias em processo, como um momento dentro de geometrias de poder, traz uma contribuição para pensarmos os percursos individuais dos membros das família Radclich, de Owuor e da configuração do Quênia como uma colônia inglesa dentro de uma geometria de poder em escala global. Ainda me iluminou o meu percurso de trabalho ao afirmar:

Isto é a eventualidade do lugar, em parte, no simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa. Este é o lugar enquanto aberto e enquanto internamente múltiplo, não capturável como um recorte através do tempo no sentido de um corte essencial. Não intrinsecamente coerente

Sobre a experiência, posso concluir, que nos percursos ela se aproximou a idéia de Larrosa :

Se experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração de sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado a existência de um individuo ou de uma comunidade particular. Ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, individual ou coletivamente, o sentido ou o sem –sentido de sua própria

existência, de sua própria finitude. Por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência.

Regina, quando chegou a Rongai era uma criança, sendo assim ela estava menos contaminada pelo Lugar Alemanha. Para Tuan (1983, página 37):

A criança não apenas tem um passado curto, mas seus olhos, mais que os dos adultos, estão no presente e no futuro imediato. Sua vitalidade para fazer coisas e explorar o espaço não condiz com a pausa reflexiva e com uma olhada para trás que fazem com que os lugares pareça, saturados de significância.

Jettel, talvez, tenha sido a personagem que mais se transformou ao longo da trajetória ou percurso pelos lugares fílmicos. Ela vai para a África devido à perseguição nazista, chega com uma perspectiva de permanência provisória, manifesta uma série de estranhamentos, mas ao longo do tempo diminui o preconceito com o Lugar. Quando a Guerra termina pensa em não retornar à Alemanha. Para Larrosa:

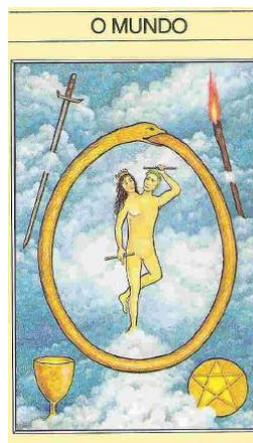
Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo pode ler – se outro componente fundamental da experiência, sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Walter desde o início manteve uma relação pragmática com Rongai. Para ele este lugar era a possibilidade de trabalho e sobrevivência. Sendo assim, numa visão mais superficial a sua trajetória parecia que estava ligada a esta afirmação de Larrosa :

E o que gostaria de dizer sobre o saber da experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. Depois de assistir a uma aula ou uma conferência, depois de ter feito uma viagem ou ter visitado uma escola, podemos dizer também que nada aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu.

Talvez Walter tenha vivenciado o maior sentido de provisoriedade. Ele tinha uma profissão na Alemanha e em todos os lugares por onde passou na África, ele sabia que não era possível exercê-lo. Ele sempre manteve a esperança e o desejo de retornar à Alemanha, Para ele a Guerra um dia teria fim. Logo que ela termina pede repatriação. Talvez as suas experiências tenham ocorrido numa menor quantidade, mas algumas modificações ficaram para sempre, mesmo que tenham nascido na negação do novo que surgiu nestes muitos lugares. Quando ele oferece a Toga para Owuor ele já nos deixa claro que a partir da experiência da cura da malária, aprendeu que em Rongai, não valia o seu conhecimento de juiz. Neste novo lugar, Owuor era o inteligente, mas por outro lado ele não demonstra que queira aprender, mas do que o necessário para lhe garantir o direito à vida.

Por mais que cada um deles tenha apresentado trajetórias que apresentam relações diferentes com estes lugares, o retorno para a Alemanha os aproximam na carta do tarô, O mundo.



No nível psicológico, Hermafrodito é a imagem da experiência de sermos inteiros, completos. Masculino e feminino representam muito mais do que simples identificações dos órgãos genitais. São as grandes polaridades que circundam todos os opostos da vida. O ser bissexual, que nasceu numa versão mitológica e se realizou em outra, é o símbolo da integração em potencial dos opostos dentro de uma só personalidade. A partir do instante em que Hermafrodito nasce, o potencial de integração está inerente em cada um de nós. Por outro lado, Hermafrodito se realiza em razão de várias experiências dessa viagem dos Arcanos Maiores que conduzirão o indivíduo à totalização do próprio ser.

-se o feto que finalmente emergirá da gruta, tal como o Louco.

(Greene e Sharman – Burke, 1999, p.84-86)

Regina, Jettel e Walter partem desta trajetória na África, marcados por suas experiências individuais e conjuntas. Impossível precisar o que poderá ocorrer com eles depois deste tempo passado nestes lugares da África. Estas experiências que os marcarão para sempre contribuirão para a continuação dos seus percursos e nos próximos lugares que estiverem deixaram suas marcas que terão em maior o menor escala heranças das experiências vividas na África.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.J. (1999). **Cinema a arte da memória**. Campinas: Autores Associados.

AUGÉ, M. (1994) **Não-Lugares**. Campinas: Papirus.

BERDOULAY, V. (1999) **A ecologia urbana, o lugar e a cidadania**. In *Território*, nº . Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ.

CLAVAL, P. (1997) **As Abordagens da Geografia Cultural**. In: CASTRO, I.; GOMES, P.C.; e CORRÊA, R. L. (orgs.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 89-118.

CAMPBELL, Joseph.(1999). **O Poder do Mito**.São Paulo. Editora Palas Athena

CORRÊA, L. (1999) **Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução**. In: CORRÊA, L. e ROSENDAHL (orgs.) *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 49-58

COSGROVE, D. **A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas**. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 92-123.

DAMIANI, A. L. (1999). **O Lugar e a Produção do Cotidiano**. In: CARLOS, A. F. A. (org.) *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, p.161-172.

GREENE, Liz e SHARMAN-BURKE, Juliet. (1999). **O Tarô Mitológico, uma nova abordagem para a leitura do Tarô**. São Paulo. Edições Siciliano.

GUPTA, Akhil e FERGUNSON, James. (2000). **Mais Além Da “Cultura”: Espaço, Identidade e Política Da Diferença in O Espaço da Diferença**.(Org: Arantes, Antônio A.P).Campinas: Editora Papirus.

HAESBAERT, R. (2004). **O mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand.

HISSA, C.E.V. (2002.) **A Mobilidade das Fronteiras: Inserções da Geografia na Crise da Modernidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG

HOCHSCHLD, A. (1999). **O fantasma do Rei Leopoldo: Uma História de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial.** São Paulo: Cia das Letras.

LACOSTE, Yves. (2005). **A GEOPOLÍTICA DO INGLÊS.** São Paulo: Parábola.

LARROSA, Jorge. (2002). **Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência** in http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf.

LEITE, Adriana Filgueira. (1998). **O Lugar: Duas Acepções Geográficas** in www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pdf

MASSEY, Doreen. (2008). **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. (2005). **O que seriam as geografias de cinema? Revista eletrônica txt número 2**, Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão *A tela e o texto*/Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais[<http://www.lettras.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/wenceslao.htm>].

OLIVEIRA, Paula Rebello. (2005) **O Migrante, Seu Drama Psíquico e a Recepção das Diferenças** in **Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios** (org : Pacelli, Ferreira e Pova , Helion). Editora Renavam.

OTTO, Bauer. (2000). **A Nação** in **Um Mapa Da Questão Nacional** (Org: Balakrishnan, Gopal). Rio de Janeiro: Editora Contraponto.

PASOLINI, Píer Paolo. **Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas.**

RIBEIRO, Marcelo Rodrigues Souza. (2006). **As tramas do gênero e a geopolítica do nome de África: notas sobre exotização e erotização na cinematogrÁfrica** in http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Marcelo_Rodrigues_Souza_Ribeiro_04_A.pdf

SAYD, Abdelmalek. (1998). **A Imigração.** São Paulo: EDUSP.

TUAN, Yi – fu. (1983). **Espaço e Lugar.** São Paulo / Rio de Janeiro: Difel.

WESSELING, H. (1998). **Dividir Para Dominar. A Partilha da África: 1880-1914.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ - Renavam.

ZWEIG, Stefanie. (2003). **En un lugar de África.** Madrid, Espanha: Editora Maeva.